

Chamamos de gramática histórica os estudos de linguística diacrônica. O século XIX foi quando ocorreu o desenvolvimento metodológico que demonstrou que se podia estudar a língua em seu movimento evolutivo, comumente chamado de histórico, ou propriamente de diacrônico, e em um de seus estágios momentâneos, chamado de gramatical, ou propriamente de sincrônico. O desenvolvimento dos estudos diacrônicos perduraram o século XIX inteiro, e a língua portuguesa foi profundamente descrita já no início do século XX. No Brasil, muito se publicou sobre linguística diacrônica, sempre iniciando a descrição no latim, passando pelo latim vulgar, galego-português, português e o português do Brasil. Esses textos são já antigos, tomam as formas da fala do Rio de Janeiro, na época a capital do país, como a língua brasileira. Quando se considera a população do Brasil, sua distribuição geográfica e os diferentes contatos linguísticos em cada parte, é fácil perceber que existe uma diacronia a ser demonstrada para língua portuguesa brasileira.

EDITORA
KELPS



A metalinguagem dos gramáticos, sobretudo, em relação a descrição das palavras se estende desde a Grécia clássica até a modernidade. Os romanos, ao assimilarem a filosofia dos gregos, produziram uma gramática para o latim seguindo a metodologia da gramática do grego. As línguas da Europa, principalmente aquelas que descendem diretamente do latim, desenvolveram suas descrições gramaticais aplicando a gramática do latim. Somente no século XIX, pelo desenvolvimento da nova Filologia na Prússia, em língua alemã, que novas metodologias de descrição gramatical surgiram. A morfologia foi a primeira a se estabelecer, os princípios estão nas descrições para as línguas indo-europeias clássicas, em seguida para as românicas e as germânicas. Depois foi a fonologia, tendo como base a fonética histórica, surge com a definição do fonema durante a neogramática. No Círculo Linguístico de Praga, teve seus princípios definidos. As teorias sintáticas foram as últimas, estabelecidas no século XX no desenvolvimento da Linguística Geral. Surgiram a sintaxe estrutural formal, a estrutural funcional e a estrutural gerativa, nessa ordem. A primeira surge na Europa, a segunda entre a Europa e América do Norte e a terceira na América do Norte. No Brasil, a tradição gramatical acadêmica, estabelecida em definitivo pela NGB em 1959, segue a sintaxe estrutural formal.

GRAMÁTICA HISTÓRICA E DIALETOLOGIA DO PORTUGUÊS DO BRASIL SEBASTIÃO ELIAS MILANI

SEBASTIÃO ELIAS MILANI

GRAMÁTICA HISTÓRICA E DIALETOLOGIA DO PORTUGUÊS DO BRASIL



Sebastião Elias Milani ensinou linguística em várias instituições: São Paulo, Sergipe, Tocantins e, desde 2006, em Goiás. É líder do grupo IMAGO-UFG/CNPq de Historiografia-Linguística. O grupo tem colaboradores na UEG – Universidade Estadual de Goiás, no IFG – Instituto Federal de Goiás, na SEDUC – Secretaria Estadual de Educação e no IFTO – Instituto Federal do Tocantins. Entre os vários projetos desenvolvidos pelo professor Sêbas está o ALINGO – Atlas Linguístico de Goiás, financiado pela FAPEG – Fundação de Amparo a pesquisa de Goiás e UFG.

**GRAMÁTICA
HISTÓRICA E
DIALETOLOGIA
DO PORTUGUÊS
DO BRASIL**

Sebastião Elias Milani

**GRAMÁTICA
HISTÓRICA E
DIALETOLOGIA
DO PORTUGUÊS
DO BRASIL**

Goiânia, Goiás
Kelps - 2022

Copyright © 2022 by Sebastião Elias Milani

Editora Kelps

Rua 19 nº 100 - St. Marechal Rondon

CEP 74.560-460 - Goiânia-GO

Fone: (62) 3211-1616

E-mail: kelps@kelps.com.br

homepage: www.kelps.com.br

Comissão Técnica

Tatiana Lima

Projeto gráfico

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – CIP

Dartony Diocen T. Santos CRB-1 (1ª Região)3294

M637 Milani, Sebastião, Elias.
Gramática histórica e dialetologia do português do Brasil. /
Sebastião Elias Milani, Goiânia: - Kelps, 2022

150p.:il

ISBN: 978-65-5370-067-3

1. Gramática Histórica. 2. Linguística. 3. Português. 4. História. I. Título.

CDU: 94(81)=134.3+81

Índice para catálogo sistemático:

CDU: 94(81)=134.3+81

DIREITOS RESERVADOS

É proibida a reprodução total ou parcial da obra, de qualquer forma ou por qualquer meio, sem a autorização prévia e por escrito do autor. A violação dos Direitos Autorais (Lei nº 9610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Impresso no Brasil

Printed in Brazil

2022

Sumário

Introdução7

Capítulo 1 - A língua que os brasileiros falam desde 150016

1.1. A língua portuguesa do século XVI16

1.2. Síntese da Gramática da língua portuguesa de João de Barros.....19

1.3. As línguas gerais.....23

1.4. Miscigenação27

1.4.1. As influências das línguas indígenas.....27

1.4.2. As influências das línguas africanas dos escravos32

1.4.3. Catequização.....36

1.4.4. O ensino das línguas gerais38

Capítulo 2 - Aproximações Históricas..... 42

2.1. Os fonemas e as letras 42

2.2. Os traços fonológicos da língua brasileira e os alofones normativos. 48

2.3. Estudos das vogais: tônicas, pretônicas e pós-tônicas.....51

2.4.1. A relação dos casos do latim com a sintaxe do português Genericamente é:59

2.4.2. Os pronomes pessoais do caso reto62

2.4.3. Pronomes pessoais oblíquos.....66

2.4.4. Os verbos: do latim ao português brasileiro. 70

Capítulo 3 - Linguística diacrônica.....73

3.1. Metaplasmos.....78

3.2. Tipos de metaplasmos78

| | |
|--|------------|
| Capítulo 4 - Aspectos da ocupação linguística | |
| do território | 100 |
| 4.1. O que são língua e fala? | 107 |
| 4.1.1. A língua é uma estrutura..... | 109 |
| 4.1.2. Forma falada..... | 110 |
| 4.2. O que são as normas? | 111 |
| 4.3. O que são dialetos e falares? | 114 |
| 4.4. Diversidade na forma falada | 115 |
| 4.5. O que são signos? | 117 |
| 4.6. O que são morfemas? | 122 |
| | |
| Capítulo 5 - A realidade linguística brasileira | 125 |
| 5.1. Dois grandes grupos | 125 |
| 5.2. Como identificar uma variante da língua brasileira?..... | 131 |
| | |
| Referências..... | 147 |

Introdução

O latim era a língua do Império Romano. Muito importante dizer que o latim era a língua do Vaticano. Tudo que fosse professado pela Igreja Católica em qualquer lugar do mundo era feito em Latim. Somente no século XVI que começou a mudar e os cultos católicos, bem como a Bíblia, seu livro sagrado, começaram a serem feitos nos vernáculos. No Brasil, o hábito de se dizer as missas em latim perdurou até o século XX. A formação de religiosos ainda contempla estudar e conhecer profundamente a língua latina.

O Império Romano tornou-se cristão no século III. O Cristianismo e a Igreja Católica tiveram suas sedes construídas na cidade capital do Império, que era Roma, por isso, o Vaticano, o estado da Igreja Católica, teve sua sede monumental construída lá. A Igreja Católica Apostólica Romana tem como livros sagrados: a Bíblia, o velho testamento, e os ensinamentos de Jesus Cristo, o novo testamento. Do Vaticano partiram os apóstolos, que são os padres da Igreja Católica. Sustentados pela relação com as nações europeias, ensinaram os dogmas católicos e do Cristianismo pelo mundo inteiro.

Quando o Cristianismo se tornou a religião do Império Romano, esse Império já estava no auge de sua dominação no território europeu, africano e asiático. Assim, onde foi o Império Romano, foi também o Cristianismo católico. Pela força bruta e militar do exército romano e pela força moral e ideológica do Cristianismo católico, o latim, a língua oficial para todos, foi ensinada. Veículo de cultura e de ideologia sofisticadas, a língua de Roma e do Vaticano, o latim, nunca foi substituída por nenhuma outra nos países europeus.

O Império Romano invadiu a península Ibérica, onde estão Portugal e Espanha em 218 a.C., e somente completou a dominação mais de cento e cinquenta anos depois. A resistência lusitana tem como

herói Viriato, que liderou as tropas no sul da península em 150 a.C., a resistência ainda durou por quase cem anos após a morte de Viriato.

Quadro nº 1: O Império Romano e a Península Ibérica



| Segundo VIRIATO | | |
|--|---|---|
| <p>Se a alma que sente e faz conhece Só porque lembra o que esqueceu, Vivemos, raça, porque houvesse Memória em nós do instinto teu.</p> | <p>Nação porque reencarnaste, Povo porque ressuscitou Ou tu, ou o de que eras a haste Assim se Portugal formou.</p> | <p>Teu ser é como aquela fria Luz que precede a madrugada, E é já o ir a haver o dia Na antemanhã, confuso nada.</p> <p style="text-align: right;">Fernando Pessoa</p> |

Roma dominava os territórios tornando-os a própria Roma, assim, todos que viviam no território conquistado, tornavam-se cidadãos de Roma. Como a conquista era sempre pela força militar, derrotando a resistência de exércitos locais, que nos tempos antigos eram feitos somente de homens, em geral, nesses territórios conquistados sobravam somente mulheres e crianças. Devido à grande resistência que Roma enfrentou na península Ibérica, ao

dominar alguma parte da região os soldados romanos destruíam tudo. Roma somente foi militarmente afastada da península Ibérica em 409 d.C., quando os visigodos, de origem germana e do norte, dominaram toda a parte leste da Europa, inclusive a própria península Itálica, onde fica a cidade de Roma. A cultura Romana e a religião cristã, que eram transmitidas pela língua latina, permaneceram nos territórios do mesmo modo que permaneceu a língua latina.

Quadro nº 2: A dominação germana



A dominação germana durou até 711 d.C., quando os mouros, de língua árabe e religião muçulmana, invadiram a península Ibérica. Os árabes ou mouros, como são conhecidos, construíram um Estado muçulmano e dominaram o sul da península. No norte, entretanto, permaneceram organizadas algumas nações cristãs, que incentivadas por dinheiro do vaticano e pelas ordens do Papa, iniciaram uma guerra para expulsar os árabes muçulmanos daquelas terras. Essa guerra ficou conhecida como a Reconquista Cristã e se estendeu para outros lugares do mundo, sobretudo, em Jerusalém.

Quadro nº 3: Península Ibérica em 1000



Quadro nº4: Península Ibérica a partir de 1512.



Portugal nasceu a partir da criação do Condado Portucalense. Dom Afonso Henriques, o Conde de Borgonha, recebeu do rei de Leão em 1096, como prêmio, o território que compreendia da margem do rio D'ouro até a margem do rio Minho por ter ajudado na reconquista do território contra os árabes.

O Condado era dote hereditário da Princesa Tareja (Teresa) com quem Dom Henrique de Borgonha se casou. O Condado Portucalense se tornou independente do Reino de Leão em 1116, quando Teresa, ao assumir o trono por causa da morte do marido, se declarou rainha. Ela governou até 1128, quando foi substituída no trono por Afonso Henriques. Ele era filho de Teresa e derrotou a mãe na Batalha de Guimarães, tornando-se o primeiro rei de Portugal. Várias foram as conquistas de territórios em direção ao sul, até que em 1165 aconteceu a batalha chamada de a *Tomada de Évora* contra os árabes. A anexação do território de Évora e depois até o mar Mediterrâneo em 1249 consolidou o território atual de Portugal.

O latim foi imposto pelo Império Romano como a língua da península. O latim falado pelo povo é chamado de latim vulgar. *Vulgo* quer dizer povo, assim, *latim vulgar* significa *latim do povo*. Do latim vulgar a forma da fala evoluiu para o Galego-português, que foi a língua falada na Galícia, parte do reino de Leão, e no Condado Portucalense. A evolução das línguas na região acompanhou a separação político-territorial. Na região do reino de Leão falava-se o Leonês, o Galego e, em Portugal, o Português. Atualmente a região onde era o reino de Leão pertence à Espanha, porque foi dominada pelo reino de Castela. Ali na Galícia se fala o Galego, como língua das famílias,

Cantiga da Ribeirinha, Paio Soares Taveirós

No mundo nom me sei parelha,
mentre me for como me vai;
ca ja moiro por vós, e ai!,
mia senhor branca e vermelha,
queredes que vos retraia
quando vos eu vi em saia?
Mao dia me levantei,
que vos entomnom vi feia!

E, mia senhor, desaqueilha,
me foi a mi mui mal di' ai!
E vós, filha de Dom Pai
Moniz, en bem vos semelha
d' haver eu por vós guarvaia?
Pois eu, mia senhor, d' alfaia
nunca de vós houve nem hei
valia d'ua correia!"

e também a língua Castelhana, a língua de toda a Espanha. O leonês tem algumas de suas características preservadas no mirandês, língua falada no noroeste de Portugal.

Quadro nº 5: Condado Portucalense em 1096.



O latim conhecido é chamado de clássico, porque é o latim literário de Homero, Virgílio etc., que é estudado nas escolas brasileiras. O latim clássico tem a gramática bem definida e estudada, formado por cinco declinações e seis casos, sua estrutura é do tipo flexional sintética. Para uma compreensão a grosso modo pode-se dizer que ele era a forma padrão da língua latina.

O latim vulgar é a forma popular da língua romana. É pouco conhecido, porque as fontes em que aparece escrito são poucas e estão espalhadas por todo imenso Império Romano, mesmo assim é possível saber que apresentava variação nos diversos e diferentes territórios que Roma dominou. A estrutura do latim vulgar apresenta redução nas declinações e desaparecimento dos casos, em compensação desenvolvimento dos artigos e das preposições, era uma língua flexional analítica.

A língua portuguesa em sua evolução desde o latim vulgar passou por três fases, basicamente: a pré-língua, a proto-língua e a língua reconhecida como um sistema independente. A pré-língua é a fase que não se tem registro escrito, mas que se pode acreditar na existência, que seria nos séculos VII e VIII. A proto-língua é o período em que nos documentos oficiais, escritos em latim religioso, muitos nomes, que somente existiam em língua popular, foram grafados. No caso a língua portuguesa era a língua popular, nomes que eram inseridos nos textos oficiais redigidos em um latim já muito modificado. Isso aconteceu entre os séculos IX e XII. A partir de 1189, a língua portuguesa é reconhecida como sistema linguístico independente, o primeiro texto, considerado uma espécie de registro de nascimento, é *A cantiga da Ribeirinha ou Guarvaia*, texto de autoria atribuída a Paio Soares de Taveirós.

A partir do reconhecimento da existência de uma língua portuguesa, as fases da evolução dela são arcaica, clássica e moderna. A língua arcaica perdurou de 1189 até 1500, compreende os movimentos literários do Trovadorismo e do Humanismo. O período clássico corresponde aos movimentos literários do Classicismo, Arcadismo e Barroco, de 1500 até 1800. Em 1800 começa o período moderno. No movimento literário do Romantismo, que começou em Portugal em 1815 e no Brasil em 1836 após a Independência política, o escritor brasileiro José de Alencar (1829-1877) defendeu a independência cultural e linguística do Brasil. Para ele, a língua dos brasileiros não era a mesma daquela dos portugueses.

PARTE 1

GRAMÁTICA HISTÓRICA

Capítulo 1

A língua que os brasileiros falam desde 1500

1.1. A língua portuguesa do século XVI

Grammática da língua portuguesa de João de Barros foi publicada em 1540 e é a segunda na história da língua portuguesa. Entretanto, é considerada a primeira gramática da língua portuguesa que segue a tradição epistemológica gramatical greco-latina dentro da orientação jesuítica de ensino. Do ponto de vista histórico, a gramática de Fernão Oliveira foi publicada antes, em 1536, mas seguiu uma tradição independente, mesmo que tenha muitas semelhanças com a de João de Barros, porque também seguiu a tradição greco-latina. A primeira gramática escrita no reino de Portugal foi a do Padre jesuíta José de Anchieta sobre a língua Tupi, escrita entre o litoral de São Paulo, em São Vicente, e o litoral do Espírito Santo durante os anos de 1532 a 1535, em 1536 já era utilizada em cópias manuscritas nas escolas jesuítas da Bahia.

A gramática de João de Barros mostra uma língua portuguesa já em sua fase moderna. Seu texto, como pode ser observado, é uma amostra da modernidade da língua. Contemporâneo de Luiz de Camões, a organização fonológica, morfológica e sintática, no que se pode depreender a partir da forma escrita, assemelha-se muito à língua portuguesa brasileira. Do ponto de vista epistêmico, a pesquisa

gramatical modificou a profundidade das análises que João de Barros faz, mas isso depois de quase quinhentos anos. Antes de resenhar minimamente essa gramática, deseja-se estudar o texto produzido, para se ter uma amostra da língua portuguesa que foi falada pelos primeiros colonizadores portugueses e pelos Jesuítas na *Terra de Santa Cruz*, o segundo nome dado ao território onde é o Brasil, que foi o terceiro nome dado, o primeiro foi *Ilha de Santa Cruz*.

Quadro nº 6: Texto inicial da Gramática de João de Barros.

E *M* acartinha passada, demos arte pera os mininos facilmente aprender a ler: cõ toda adiversidade de syllabas que a natureza de nõssa linguagẽ padece. E assy lhe apresentamos os preçitos daley, e os mandamentos da santa mãdre Igreja: cõ o tratado da missa em as quães cousas cõuem serẽ elles doutrinados por que como diz sam Bernárdo, non ç cousa menos piadosã ẽ sinar o animo com sapiencia que dar mantimẽto ao corpo. Fica agora dármos os preçitos da nõssa Grammatica, decuo titulo intitulamos acartinha: como fundamẽto e primeiros elementos da Grammatica. E por que os mininos das escolas de ler e escrever, tomarã a outra parte e nã esta, por ser o primeiro leite de sua criaçam: pareçenos que si cáua esta sem fundamento nam de clarando a õs que uirem esta sòmẽte que na primeira he o principio onde estã dedicãda ao principe nõsso senhor.

O texto de abertura da Gramática: *Em acartinha passada demos arte pera os mininos facilmente aprender a ler: cõ toda adiversidade de syllabas que a natureza de nossa linguagẽ padece*. Deixadas de lado as diferenças de ortografia, que nada comprometem a leitura, ao contrário, revelam traços da fonética da fala da época, observa-se que as frases são próximas em sua essência à língua portuguesa brasileira moderna. A ortografia moderna desaglutina: *a cartinha, a ler, a diversidade* e aglutina em *a - na cartinha*, não registra o

alçamento em *mininos* e escreve a nasalização das vogais em coda de palavra com *m*, como em *cõ* e *linguagẽ* – *com* e *linguagem*. Em outras vezes que grafou a palavra *linguagem*, João de Barros fez com *m* a nasalização do *e*.

Na forma falada dos brasileiros, o alçamento da pretônica, como em *minino* é predominante para quase todos os idioletos, ou seja, poucos brasileiros falam *menino* [me'nino], mantendo a

vogal *e* na posição pretônica, e também fazem o alçamento da vogal final *o* em [u], ou seja, falam [mɪ'niu]. Semelhantemente, na fala de muitos brasileiros, a pronúncia de sequências de vogais átonas gera aglutinação e, frequentemente, assimilação e crase, como em *toda a diversidade*, que os brasileiros, aproximadamente, diriam [ˈtodədivɛRsiˈdadʒɪ].

Quadro nº 7: Início da temática Etimologia na gramática de João de Barros

N *Esta terceira parte da nóssa Gramática que é da dicam, a que os latinos chamam, Ethimologia, que quer dizer naçimêto da dicã: se quiseßemos buscar o fundamento e raiz donde ueçram os nóßos uocábulos, seria ir buscar as fôtes do Nilo. E*

Outros exemplos são o artigo indefinido *uma*, que João de Barros grafa *hũa*, muitos brasileiros falam [ˈũɐ]. Pela ortografia dos ditongos não deixa ver as neutralizações típicas da fala portuguesa nem as monotongações da fala brasileira, como em *terceira*, *maneira*, *primeira*, *derradeiras* etc.

As frases produzidas por Luiz de Camões em seus sonetos assemelham-se na estrutura às frases de João de Barros e muito se aproximam da fala dos brasileiros, muito mais que daquela dos portugueses. Por isso, frequentemente é dito que o português brasileiro é aquele de Camões. Isso também acontece porque existe a coincidência entre o início da colonização portuguesa no Brasil, a partir de 1530, e a produção poética de Camões, toda no século XVI. Do mesmo modo, pela coincidência de datas que aqui se fala da gramática de João de Barros, publicada em 1540, como uma representação da língua que os portugueses trouxeram para o Brasil.

1.2. Síntese da Gramática da língua portuguesa de João de Barros

João de Barros inicia sua gramática descrevendo as letras do alfabeto: as letras com que se escreve em português são as do latim, vinte e três no total, com *nome*, *valia* e *poder* e trinta e quatro desenhos. Sobre a sílaba, escreveu que toda sílaba tem número de letras: no máximo três; espaço de tempo: curtas e longas; e acento: baixo e alto. Sílabas altas e baixas em João de Barros correspondem às tônicas e átonas das gramáticas modernas.

Quadro nº 8: Os artigos segundo João de Barros

| | <i>Sing.</i> | <i>Plu.</i> | | <i>Sing.</i> | <i>Plu.</i> |
|-------------------|--------------|-------------|-------------------|--------------|-------------|
| <i>Nominatiuo</i> | <i>o</i> | <i>os</i> | <i>Nominatiuo</i> | <i>a</i> | <i>as</i> |
| <i>Genitiuo</i> | <i>do</i> | <i>dos</i> | <i>Genitiuo</i> | <i>da</i> | <i>das</i> |
| <i>Datiuo</i> | <i>ao</i> | <i>aos</i> | <i>Datiuo</i> | <i>á</i> | <i>ás</i> |
| <i>Acusatiuo</i> | <i>o</i> | <i>os</i> | <i>Acusatiuo</i> | <i>a</i> | <i>as</i> |
| <i>Vocatiuo</i> | <i>ó</i> | <i>ó</i> | <i>Vocatiuo</i> | <i>ó</i> | <i>ó</i> |
| <i>Ablatiuo</i> | <i>do</i> | <i>das</i> | <i>Ablatiuo</i> | <i>da</i> | <i>das</i> |

Ele disse que etimologicamente a língua portuguesa tinha raízes latinas, árabes e de outras nações com quem Portugal havia entrado em contato.

Nome é o que se declina em casos sem tempo. O *artigo* é uma parte da oração que o latim não tinha. Nome masculino acompanhado por artigo masculino, nome feminino acompanhado por artigo feminino.

Quadro nº 9: A primeira e a segunda declinações, segundo João de Barros.

☞ Primeira declinaçám. ☛

a. e. i. o. u.

| Numero | Singulár | Numero | Plurár. |
|------------|------------|------------|--------------|
| Nominatiuo | —a rainha | Nominatiuo | —as rainhas |
| Genitiuo | —da rainha | Genitiuo | —das rainhas |
| Datiuo | —á rainha | Datiuo | —as rainhas |
| Accusatiuo | —a rainha | Accusatiuo | —ás rainhas |
| Vocatiuo | —ó rainha | Vocatiuo | —ó rainhas |
| Ablatiuo | —da rainha | Ablatiuo | —das rainhas |

☞ Segunda declinaçám. ☛

l. m. r. s. z.

| Numero | Singulár. | Numero | Plurár. |
|------------|-------------|------------|---------------|
| Nominatiuo | —o cardeal | Nominatiuo | —os cardeães |
| Genitiuo | —do cardeal | Genitiuo | —dos cardeães |
| Datiuo | —ao cardeal | Datiuo | —aos cardeães |
| Accusatiuo | —o cardeal | Accusatiuo | —os cardeães |
| Vocatiuo | —ó cardeal | Vocatiuo | —ó cardeães |
| Ablatiuo | —do cardeal | Ablatiuo | —dos cardeães |

Muitas

O plural dos nomes é formado acrescentando-se s ou es, como nos exemplos *rainha/rainhas*, *cardeal/cardeais*, *papel/papees*, *farol/faroes* e *ceitil/ceities*, *fonil/fonies*, *razão/razões* ou *razam/razões*. Outros como *bom/bões*, *tom/tões*, *pomar/pomares*, *deos/deoses*, *paz/pazes*. Essas são as mesmas regras apresentadas nas gramáticas brasileiras, evidentemente como norma padrão, que não correspondente ao uso atual e nem poderia corresponder tomando-se todos os brasileiros como amostragem.

O traço epistemológico de João de Barros é sempre aplicar as distinções de casos e declinações latinas ao português. Como já se disse, é possível uma correlação entre as declinações e os casos do latim com os gêneros e números e as funções sintáticas do português. Essa distinção clara entre as duas formas de línguas flexionais, sintética e analítica, só foi compreendida no século XIX, mais de trezentos anos depois.

Quadro nº 10: a primeira e a segunda declinações, segundo João de Barros.

| <i>Primeira pessoa.</i> | | <i>Segūda pessoa.</i> | | <i>Terceira pessoa.</i> | |
|-------------------------|-------------|-----------------------|-------------|-------------------------|-----------|
| <i>Singu.</i> | <i>Plu.</i> | <i>Sing.</i> | <i>Plu.</i> | <i>Singu.</i> | <i>P.</i> |
| <i>Ntõ—eu—nos</i> | | <i>N.—tu—uós</i> | | <i>No.—careçe</i> | |
| <i>Gtõ de my—de nós</i> | | <i>G.de ty—de uós</i> | | <i>Ge.—de sy</i> | |
| <i>Dtõ—a my a nós</i> | | <i>D.—a ty—a uós</i> | | <i>Dtõ—a sy</i> | |
| <i>Açtõ—me—nós</i> | | <i>A.—te—uós</i> | | <i>Açtõ—se</i> | |
| <i>Vçtõ ó eu—ó nós</i> | | <i>V.—ó tu—ó uós</i> | | <i>Vçtõ—careçe</i> | |
| <i>Abl.de my de nós</i> | | <i>A.de ty—de uós</i> | | <i>Ab.—de sy.</i> | |

O verbo é a palavra que não se declina como os nomes, mas se conjuga em tempo e modo. Para mostrar a proximidade com a gramática moderna brasileira, descreve-se um pouco da gramática de João de Barros. Todos os verbos, segundo João de Barros, trazem as seguintes categorias: gênero, espécie, figura, tempo, modo, pessoa, número, conjugação. Gênero são as vozes ativa e passiva nas gramáticas modernas. Verbos impessoais são aqueles que são conjugados na terceira pessoa. A classificação de espécie é: primitiva e derivada, a derivada se divide em aumentativos, diminutivos, denominativos, adverbiais. Essas categorias foram abandonadas nas gramáticas modernas. Figuras verbais são simples ou compostas, como são nas gramáticas modernas. Compõem-se em cinco tempos, segunda João de Barros: presente, passado por acabar, passado acabado, passada mais que acabado e futuro. Modos verbais são indicativo, imperativo, outativo (subjuntivo), juntivo e o infinitivo. Nas gramáticas modernas não se descreve mais o modo juntivo, e infinitivo é uma forma nominal, não se descreve como modo verbal. Das pessoas e dos números são primeira, segunda e terceira pessoas do singular e do plural. Conjugação são três: primeira terminada em *ar*, a segunda em *er* e a terceira em *ir*, corresponde às conjugações modernas.

João de Barros apresenta um exemplo de verbo conjugado de cada conjugação em todos os tempos, inclusive pela forma composta da forma do *passado mais que acabado*, nas gramáticas modernas tempo mais-que-perfeito do indicativo.

Quadro nº 11: Exemplos dos verbos conjugados na gramática de João de Barros.

| <i>Tempo Presente.</i> | | |
|------------------------|-------------------|-----------------|
| <i>Singular.</i> | | |
| <i>Amásse</i> | <i>amásse</i> | <i>amásse</i> |
| <i>Leffe</i> | <i>leffe</i> | <i>leffe</i> |
| <i>Ouuisse</i> | <i>ouuisse</i> | <i>ouuisse</i> |
| <i>Fosse</i> | <i>fosse</i> | <i>fosse</i> |
| <i>Plurár.</i> | | |
| <i>Amássemos</i> | <i>amásseyes</i> | <i>amássem</i> |
| <i>Leffemos</i> | <i>leffeyes</i> | <i>leffem</i> |
| <i>Ouuissemos</i> | <i>ouuisseyes</i> | <i>ouuissem</i> |
| | <i>Fossemos</i> | |

*Tempo passado mais que acabádo soprimos
per rodeo dizendo.*

| <i>Singular.</i> | | |
|----------------------|----------------------|----------------------|
| <i>Tiuçra amádo</i> | <i>tiuças amádo</i> | <i>tiuçra amádo</i> |
| <i>Tiuçra lido</i> | <i>tiuças lido</i> | <i>tiuçra lido</i> |
| <i>Tiuçra ouuido</i> | <i>tiuças ouuido</i> | <i>tiuçra ouuido</i> |
| <i>Tiuçra sido</i> | <i>tiuças sido</i> | <i>tiuçra sido</i> |
| <i>Plurár.</i> | | |
| <i>Tiuçramos</i> | <i>tiuçreyes</i> | <i>tiuçram</i> |

A língua que João de Barros descreveu é a língua portuguesa clássica. Assemelha-se na estrutura sintática, semântica e morfológica à língua que Luís de Camões usou para escrever sua poesia. Assemelha-se

à língua portuguesa brasileira. Evidentemente, pela escrita não se tem uma referência clara da pronúncia. Entretanto, a liberdade ortográfica que se tinha naquela fase do registro ortográfico da língua portuguesa pode servir de parâmetro para dizer que os sons articulados são próximos aos que se produz na fala dos brasileiros.

1.3. As línguas gerais

Existiu um povo, os tupinambás, que viveu **no litoral da região Sudeste** do atual território brasileiro, povoavam o litoral, a Serra do Mar e o entorno do rio Tietê, num território que corresponde atualmente ao litoral do estado do Paraná até o litoral do sul da Bahia. Aqueles que viviam no litoral de São Paulo e na Serra do Mar são chamados atualmente de tupi, por causa

da língua geral descrita por José de Anchieta. Seguindo o litoral de São Paulo para o norte chega-se ao território onde é o estado do Rio de Janeiro, ali outros povos tupinambás viviam, chamados de *Tamoios* na literatura oficial e ficcional e também nos filmes. Indo mais para o norte, outros povos tupinambás ocupavam o litoral do Espírito Santo até o sul da Bahia.

A primeira cidade fundada pelos portugueses na Terra de Santa Cruz, segundo nome dado ao Brasil, foi São Vicente, litoral do atual território do estado de São Paulo, em 22 de janeiro de 1532, e entorno

Quadro nº 12: O território Tupinambá em 1500.



a ela estão as localidades que foram povoadas por portugueses e nativos primeiro naquela região. Século depois, fugindo dos europeus que tentavam escravizá-los, esses povos ocuparam o litoral do Ceará, do Piauí, do Maranhão e do Pará.

Da língua desses povos do grupo Tupinambá surgiram as duas línguas gerais faladas no território brasileiro: a *Língua Geral Paulista* – LGP, genericamente chamada de tupi, descrita por José de Anchieta a partir de 1532 e terminada em 1535, entre São Vicente e o Espírito Santo, e publicada em 1595, e a *Língua Geral Brasileira*, descrita por José Luís Figueira a partir de 1616, no litoral do Maranhão e do Pará, e publicada em 1687.

A língua dos tupinambás e suas diversas variações, por meio de migrações desses indígenas, fugindo de perseguições: matanças e escravizações feitas pelos portugueses e franceses, alcançaram as terras que vão do litoral do Sudeste até o Maranhão, o Pará e o Amazonas no Brasil, apontam-se influências dessa língua em línguas indígenas nos países da amazônia legal vizinhos ao Brasil. Durante a colonização portuguesa do Rio Amazonas e seu entorno, essa língua, já modificada, na estrutura linguística da Língua Geral Brasileira, foi usada no comércio com os nativos no chamado reino do Grão-Pará e alcançou os extremos dos rios que formam a bacia do rio Amazonas, pelo rio Solimões até o Peru e pelo rio Negro até a Colômbia e a Venezuela.

Sobre a *Língua Geral Brasileira*, em 1616 foi criado o primeiro assentamento de

Quadro nº 13: Ocupação Tupinambá no litoral norte



indígenas na Amazônia, que viria a ser a cidade de Belém. Desse lugar a colonização portuguesa, feita por portugueses e jesuítas, entrou mata adentro e começou a ocupar todo o território. O contato desses colonizadores com o grande número de indígenas de diferentes etnias e línguas que ali viviam, fez com que a *Língua Geral Brasileira* se tornasse a língua de comunicação. Essa língua derivada do tupinambá, nos séculos XVII e XVIII, se tornou a língua de todos, entre os próprios colonizadores, entre os colonizadores e os indígenas e entre si os diferentes grupos de indígenas. Ainda existe uma língua geral falada nos extremos da região norte do Brasil, chama-se *Nheengatu*. É língua falada nas regiões do alto rio Negro e tem sido alvo de esforços políticos e linguístico-antropológicos para consolidá-la como língua do povo daquela região.

O tupi, Língua geral paulista - LGP, não tem mais falantes nativos. Foi documentada pelo Padre José de Anchieta entre 1532 e 1536, como se disse. Sua forma recuperada e muito estudada é matéria de disciplinas do curso de Letras pelo Brasil a fora. Por onde foram os *Bandeirantes* levaram o tupi como forma de comunicação com os indígenas que encontravam. Através dela nomearam tudo o que fosse típico e nativo da terra: vegetação, animais, acidentes geográficos e até outras tribos. De fato esses nomes são parte do léxico da língua portuguesa brasileira. Em sua maioria, foram inventados aplicando-se a estrutura morfológica do tupi, porque nem sempre o tupi tinha

Os bandeirantes eram grupos de pessoas, em sua maioria homens, que entravam no território da América do Sul, partindo quase sempre da província de São Paulo, e tinham por objetivo encontrar riquezas minerais e indígenas para a escravização nas lavouras. Esse movimento expansionista feito pelos portugueses consolidou o domínio territorial do Brasil e levou as formas de fala originárias da província de São Paulo, primeiro o Tupi –língua geral – e depois a fala caipira.

um nome pronto para as localidades, animais e plantas que eram encontrados. Assim, muitos nomes foram criados, até no século XX, a partir dos processos de formação de palavras do tupi, sobretudo, para localidades. No geral, esses nomes em tupi são usados juntos com uma tradução correspondente em português brasileiro.

A contribuição lexical do tupi para a língua portuguesa brasileira é reconhecida e numerosa. A contribuição fonética, fonológica, morfológica e sintática foi e ainda é alvo de muita especulação, e seu estudo não está esgotado por completo. As contribuições fonética e sintática são vetadas por pesquisas sérias recentes e afirmadas concretamente por outras pesquisas também sérias recentes. Todas as características do português brasileiro podem ser explicadas pelos traços indo-europeus presentes na história do português, porém, uma hipótese, muito plausível e defensável, sempre é levantada: um reforço externo sempre pode fazer voltar para a imanência uma característica que já tenha existido na própria língua ou nas línguas de que ela origina. O que seria essa hipótese? Essas características, presentes na variante caipira e que são estranhas à língua portuguesa implantada no Brasil, existiam na língua portuguesa desde sua origem lá no latim, mas estava latente, ou seja, não estava em uso. Quando ela foi implantada no território brasileiro e entrou em contato com o tupi, essas características afloraram novamente e passaram a ser usadas.

O tupi, a língua geral paulista - LGP, também chamado de *tupi austral*, através das Bandeiras saídas da região de Piratininga, próxima a cidade de São Paulo, no alto-Tietê, ganhou o interior da província de São Paulo e se estendeu pelos territórios longínquos do oeste onde ficam atualmente o Mato-Grosso, o Mato Grosso do Sul, o Triângulo de Minas Gerais, o estado de Goiás, incluindo parte do Tocantins, e oeste do Paraná. Esta grande área territorial brasileira corresponde ao que se conhece atualmente como *falar caipira* ou tecnicamente *hipoglossia linguística-brasileira caipira-sertaneja*.

1.4. Miscigenação

1.4.1. As influências das línguas indígenas

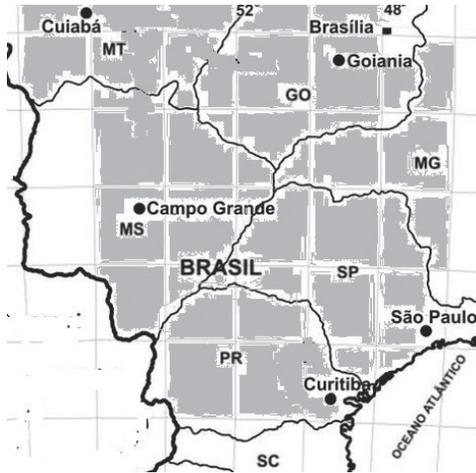
Quando da chegada dos europeus, os portugueses em específico, no literal de São Vicente, encontraram um numeroso povo indígena. Sobretudo os missionários Jesuítas, educadores por excelência e por profissão, que chegaram logo depois, tinham obrigação de fazer contato com os nativos, porque tinham uma missão definida que era ensinar a eles a religião cristã. O contato foi efetivado com o aprendizado da língua dos indígenas, a forma local do tupinambá, pelos padres jesuítas. Assim a catequese na língua indígena foi o primeiro grande passo para que a língua que nasceria, misturada entre a portuguesa e a tupinambá, que viria a ser chamada de tupi, se tornasse a língua geral daquela região e depois de todo o território onde é atualmente o sudeste, o sul e o centro-oeste brasileiros.

O comércio de trocas era do interesse para ambos os lados: portugueses e indígenas. A necessidade de obter vantagens criava incentivos para que o grande número de homens europeus, que vinham nas caravelas, sem esposas, encontrassem parceiras entre as mulheres indígenas, as uniões eram muitas e bem vistas pelos dois lados. A mistura étnica causaria a expansão demográfica, chamados de mamelucos, os filhos dos casamentos interétnicos, e ao conseqüente nascimento de uma língua também misturada, tendo como base a língua dos nativos indígenas sobreposta pela portuguesa, ensinada às crianças pela mãe indígena, que se expandiu e se tornou a Língua Geral Paulista – LPG.

Essa língua misturada era a língua dos Bandeirantes, língua que os índios consideravam ser dos brancos, língua que os brancos consideravam ser dos indígenas. As Bandeiras, como ficaram conhecidas as viagens de exploração e dominação pelo interior do

território, sobretudo, na bacia do Paraná, eram formadas por grupos de homens, geralmente liderados por portugueses, e poucas mulheres, entre eles os *língua*, geralmente mamelucos, que falavam a língua portuguesa e a língua tupi. Essa língua que era usada para fazer contato com as tribos que viviam em grande número no entorno do baixo-Tietê, no baixo-Paranapanema e no entorno do rio Paraná.

Quadro nº 14: A ocupação territorial feita pelos Bandeirantes



As Bandeiras não se restringiram àquele território, nem tão pouco aos primeiros períodos da ocupação europeia, elas se estenderam por quatro séculos e alcançaram grandes distâncias do litoral. Atribui-se o modo de falar dos goianos, dos mato-grossenses e de parte dos tocantinenses à presença dos bandeirantes, que vinham do interior de São Paulo e fincavam moradia a qualquer custo, são os chamados caipiras, por causa da variante da língua brasileira que falam: o caipira. Esse nome está vinculado a primeira descrição da fala feita por Amadeu Amaral nos anos de 1920, no livro chamado de *Dialeto Caipira*. Ele afirmava ser a forma de fala típica do interior de São Paulo. O falar era nomeado de caipira, como as pessoas que o falavam também eram chamadas de caipiras e ainda são assim chamadas, porque eram pessoas que viviam em vilinhas e em lugarejos ou em propriedades rurais, profundamente vinculadas à agricultura e à criação de animais. Esse nome caipira que é uma transformação do termo *caapora*>*caipora*, nome de uma lenda tupi-

guarani, de um ser mítico de pés ao contrário, que habita às matas, sua principal característica é gostar de comer o coração dos caçadores.

Tupi, tamoio e tupinambá, como se explicou acima, são os nomes que as gramáticas históricas costumavam dar para as línguas encontradas pelos portugueses no século XVI na costa brasileira. Na verdade, pelas descrições que se tem, trata-se de uma mesma família de línguas, tupi-guarani, variando sempre a fonética. Em quase todos os textos que falam dessas línguas que os portugueses e os franceses entraram em contato nessa região no século XVI, dizem as histórias que os nomes tupi e tupinambá apareceram e ficaram como nomes de referência para elas. São referências os textos de Florestan Fernandes (1920-1995) e Alfred Métraux (1902-1963). As explicações mais recentes sobre línguas indígenas brasileiras e sobre as línguas gerais esclareceram as relações entre elas e seus desenvolvimentos como as línguas geral paulista e geral amazônica, a paulista no sul, sudeste e centro-oeste do Brasil e a Amazônica no Nordeste e no Norte.

As intervenções dessas línguas gerais nos falares brasileiros atuais são evidentes do ponto de vista do léxico, são usados na língua brasileira muitos nomes adquiridos das línguas tupi-guarani. O léxico emprestado das línguas gerais é imenso e atinge todas as áreas da vida cotidiana dos cidadãos, como nomes de pessoas, de comidas, de animais terrestres e aquáticos, de cidades, de rios etc. Cada um desses nomes tem um significado na língua geral, quase sempre são descritivos, sobretudo, inventados a partir de uma realidade da natureza dos locais. De todo modo, esses nomes entram para a fala cotidiana dos brasileiros vinculados a cultura, nem sempre a origem do nome foi direta da fala indígena-mameluca. Pode ser também um nome imposto, criado dentro de um contexto de língua brasileira pela composição de raízes linguísticas do tupi-guarani. Muito comum são nomes simples nessas línguas serem transformados em sufixos e prefixos na criação de nomes para locais, rios e pessoas na língua brasileira.

Exemplos de léxico oriundo das línguas gerais

Verbos: catingar, socar, cutucar, sapecar;

Adjetivos: jururu, pixaim, puba;

Utensílios: jereré, moqué, oca, paçoca, puçá, tipoia, urucum;

Animais: capivara, lobo-guará, bugio, jaguara, paca, quati, sagui, tamanduá, tatu, jabuti;

Répteis: caninana, jacaré, jararaca, jiboia, sucuri, surucucu, teiu;

Aves: arara, caburé, canindé, carcará, guará, jaburu, jacu, jacutinga, jurity, maracanã, sabiá, saracura, tucano, urubu;

Peixes: acará, caranha, curimbatá, jaú, arraia, lambari, piranha, pirajuba, parati, piaba, surubim, bagre, camarão;

Crustáceos: siri, guaiamu;

Insetos: arapúa, mutuca, saúva, cupim;

Vegetais: aipim, amendoim, abacaxi, cará, jerimum, mandioca, maniçoba, banana, taioba, cipó, tacoaruçu (taquaruçu), timbó;

Palmeiras: indaiá, jerivá, juçara, tucum, ipê, jacarandá, babaçu;

Gramínea: capim, gravatá, mandacaru, sapé, taquara, taquari, taquaruçu, açucena;

Frutas: araçá, araticum, ingá, jabuticaba, jenipapo, mangaba, maracujá, pitanga, umbu, urucum, guaraná, caju;

Árvores: cabreúva, cambuí, copaíba, jacarandá, juá, peroba, sapucaia, baraúna, bocaiúva, buriti, caiubi, ipê, guaivira, sibipiruna, jacobina, sucupira;

Vegetação: capão, capoeira, caatinga, tijuco, caeté;

Lugares: Goiás, Iguatemi, Caiabu, Caiuá, Paraná, Paranaguá, Piratininga, Itanhaém, Igapó, Igarapé, Itapuã, Irajá, Irecê, Parati, Paranaíba, Anhangabaú, Bauru, Butantã, Camboriú, Curitiba, Guaratinguetá, Iguatemi, Ijuí, Irati, Itabira, Ipanema, Ipiranga, Itabuna, Itaquaquecetuba, Itumbiara, Jacarepaguá, Piracicaba, Ubatuba, Itatiaia, Itu, Niterói, Piraí, Paraíba, Paquetá, Tietê, Ubatuba, Itaberaí, Ipamerí, Tupã, Votuporanga, Porangatu, Itauçu, Umuarama, Pindorama, Acajutiba, Acopiara, Apiaí, Aporá, Aracaju, Araçatuba,

Araçoiaba, Araguari, Arapiraca, Arapongas, Araranguá, Araraquara, Araxá, Ariranha, Arujá, Atibaia, Avanhandava, Avaré, Baturité, Bauru, Bertiooga, Birigui, Bocaiuva, Boituva, Borá, Borborema, Botucatu, Buerarema, Buritama, Gravatá, Gravataí, Grupiara, Guaçuí, Guaíra, Guajará-mirim, Guapiará, Guaporé, Guará, Guaraçaí, Guarantã, Guarapari, Guarapuava, Guararapes, Guaratinga, Guaratinguetá, Guariba, Guarujá, Guarulhos, Guaxupé, Jaboatão, Grajaú, Guiratinga, Guiricema, Gurinhata, Gurupi, Iacanga, Ibaté, Ibiá, Ibirarema, Ibitinga, Igaráçu, Igarapava, Igarassu, Iguatama, Iguatemi, Ijuí, Imbé, Imbituba, Indaiatuba, Inhapim, Inimutaba, Ipameri, Ipatinga, Ipaçu, Ipeúna, Ipiranga, Ipuã, Irapuã, Itatiba, Itápolis, Irati, Iretama, Itaberaba, Itabira, Itaboraí, Itabuna, Itacuruba, Itaguara, Itajaí, Itajobi, Itajubá, Itamarati, Itanhandu, Itaocara, Itapetininga, Itapeva, Itapevi, Itaperuna, Itapoã, Itapira, Itu, Ituiutaba, Ituverava, Jacareí, Jacarepaguá, Jaciara, Jaguaré, Jaguariaíva, Jaguariúna, Jaú, Jundiá, Juçara, Mairiporã, Manhuaçu, Manhumirim, Mauá, Moji-Guaçu, Moji-Mirim, Morungaba, Nhandeara, Nuporanga, Pacaembu, Paracatu, Paraguaçu, Paraibuna, Paranapanema, Paranatinga, Paranaguá, Paranaíba, Pindamonhangaba, Piracaia, Piracanjuba, Piracicaba, Piraju, Pirapora, Piraquara, Pirassununga, Sabará, Sapiranga, Sapucaia, Sorocaba, Tabapuã, Tabatinga, Taiaçu, Taiuva, Taquaritinga, Taubaté, Uberaba, Unaí, Votorantim, Votuporanga, Maceió, Magé, Maranhão, Miracema, Moema, Paquetá, Paranaguá, Paraobeba, Pitangui, Sabará, Sepetiba, Tamandaré;

Rios: Paraíba, Paranapanema, Ivaí, Iguáçu, Uruguai, Gurupi, Corumbá, Araguaia, Tocantins, Paraná, Tietê, Paranaíba;

Pessoas: Cunhã-porã, Guarabira, Ceci, Peri, Jacira, Jaciara, Araci, Guaraci, Guaraciara, Guarani, Guaratinga, Guaíra, Iaciara, Iara, Guaraciaba, Iracema, Jaci, Juraci, Jurema, Jucá, Jaguaribe, Moema, Pitanga, Paraguaçu, Ubirajara, Jurema, Jurandir, Raíra, Tuane, Aruana, Niara, Lauany, Moema, Kauana, Iandara, Ipojuca, Moara, Bartira, Aritana, Janaina, Nina, Iara, Maiara, Yara, Kauane, Thaynara, Iracema, Tauane, Potira;

Gerais: jataí, catira, cambuci, cambuquira, caçapava, canindé, caramuru, guri, mingau, picumã/pucumã, paçoca, abacataia, aracanguira, abacatuia, abaetê, abaeté, abaetetuba, abaité, jabaquara, abaré, abaruna, abequear, abati, abuna, abaruna, açai, jaguaracambé, jacamin, acará, acarauí, acarai, acará, acemira, moacir, açu, iguaçu, paraguaçu, aguapé, aimara, aimará, aimoré, aimirim, airequecê, airumã, ajajá, ajeru, ajuru, ajubá, itajubá, muiraquitã, amanda, amapá, amboré, aimoré, ananás, anauê, andira, andirá, anhanguera, antã, atã, apicu, apicum, aquitã, jandaia, arara, ceará, aracê, araçary, arassary, aracema piracema, aracy, arapuã, arapuca, arara, araraúna, araruna, araúna, itaúna, aratama, ararama, araruama, araueté, araxá, tocantins, tucuruí, abati, avaré, parati, ajuru, maracá, maracaxá, baquara, nhambiquara, caapuã, caboclo, caburé, cacira, caingangue, caipora, caipira, caingangue, canoa, capim, carapeba, carijó, tapuio, cuica, curumim, geribá, goitacá, guará, guarani, guaratinguetá, ibitinga, iguaçu, indaiá, iracema, irapuã, ita, itajubá, itatiba, itaúna, jabaquara, jaçanã, jacaúna, jacu, jacuí, jaguar, javaé, javari, jê – gê, jurumbeba, jurubeba, juru, jurubatiba, camaiurá, macaba, macaúba, macaíba, manau, manauara, mandioca, mandiocaçu, saguim, membira, mutirão, nanbiquara, nheengatu, oca, pará, paracanã, paraíba, paraibuna, paraitunga, peba, poti, potiguar, arapuca, puçá, surui, aripuanã, tijuca, tinga, ibitinga, tiririca, tupi, tupi-guarani, açai, ubá, xavante, timburé, yara.

1.4.2. As influências das línguas africanas dos escravos

A contribuição das culturas africanas trazidas ao Brasil pelos escravos é profunda e determinante para as características da alimentação de algumas regiões, pelos bens culturais nacionais, como o samba e a cachaça, pelas características da população e pelas religiões espíritas. As línguas que foram trazidas para o Brasil, todas da família linguística Niger-Congo, contribuíram significativamente no léxico específico das coisas produzidas pelos africanos, pelos modos culturais na lida diária de trabalho e de crenças. Das línguas,

as que mais contribuíram foram as línguas do Congo e Angola, o *quicongo*, o *quimbundo* e o *umbundo*, porque foram as línguas dos escravos dos primeiros séculos: XVI e XVII.

Diferente dos povos indígenas que tinham suas existências vinculadas aos rios e às florestas, de onde tiravam suas subsistências, os africanos tinham suas existências organizadas em sociedades com culturas tão sofisticadas em alguns aspectos quanto às culturas europeias, de muitas formas, as culturas africanas estavam mais bem adaptadas às condições do clima tropical, portanto, da produção de alimentos principalmente. Desse modo, as línguas africanas dos escravos, que eram portadoras de culturas socialmente sofisticadas, emprestaram imenso número de nomes e de comportamentos culturais à língua portuguesa brasileira. Nomes esses para coisas e para costumes, de comportamentos de higiene, de alimentação, religiosos etc. que caracterizam a cultura brasileira. Muitos nomes para pessoas, para vestuário, para comportamentos infantis, para música etc. vieram das línguas africanas dos escravos.

As línguas africanas dos escravos se misturaram às línguas gerais e depois à língua portuguesa do Marquês de Pombal, sua contribuição mais importante permaneceu vinculada à vida cultural cotidiana e doméstica, onde seus falantes eram atuantes e estavam incorporados à cultura em língua portuguesa brasileira. Nos séculos XVIII e XIX, predominou o tráfico de escravos das línguas sudanesas dos iorubás, vindos de nações que fazem parte dos países oeste-africanos atuais: Nigéria, Togo e Benin.

Para além disso, o tráfico de escravos fora interrompido bem antes do fim da escravidão e o nascimento de crianças escravas no Brasil fez, no século XIX, com que a população escrava nascida aqui fosse muito maior daquela trazida da África, o que fez com que se falasse a língua portuguesa brasileira também entre os escravos e nas senzalas.

Como foi acima salientado, o vocabulário incorporado das línguas dos escravos ao léxico da língua portuguesa brasileira é grande, tão numeroso quanto das línguas gerais, porém, estão vinculados muito mais aos nomes para elementos culturais que foram incorporados à vida dos brasileiros, diferente dos nomes em tupi-guarani que estão fortemente vinculados à descrição dos seres do território. Factualmente, a realidade violenta a que estiveram submetidos os negros durante a escravidão, sufocou uma contribuição linguística mais significativa, por exemplo, na sintaxe. Do ponto de vista humano, cultural e linguístico, escravos africanos e indígenas escravizados e não-escravizados foram tratados com a mesma grande-violência pelos portugueses. Suas presenças na miscigenação, de acordo com as regiões do Brasil, são percebidas pelo grande número de indivíduos que existiram e pelo exercício de exploração que incidia no incentivo à procriação, com vistas a aumentar o número de trabalhadores.

Exemplos do léxico das línguas dos escravos na língua brasileira

Nomes em gerais: bangu, quilombo, bambolê, banguê, banzé, baobá, biritá, bitelo, bolor, borocoxô, bugiganga, bunda, batuque, berimbau, camundongo, cacimba, cachimbo, calombo, cachumba, carimbo, miçanga, tanga, denço, cafuné, abará, agogô, bangulê, banzo, banto, batuque, berimbau, búzio, Caculé, cafofo, cafuche, cafuchi, cafundó, cafuné, cafunga, calombo, calumbá, calundu, camundongo, candonga, canjerê, carimbo, catimbau, Catunda, Cassangue, caxambu, caxumba, cubata, cumba, Cumbe, caçamba, cachimbo, cacimba, caculé, cafuá, cafuzo, calango, calunga, capanga, capenga, carimbo, catinga, catita, catupé, caxangá, caxixi, cazumbá, cazumbi, chilique, congadas ou congos, coque, denço, diamba, efó, expandongado, fofoca, fuá, fuleiro, fulo, furduncio, futum, fuxico, fuzarca, fuzuê, guandu, galalau, gambé, gandaia, ganga zumba,

ganzá, garapa, geringonça, ginga, gogó, gonguê, grigri, guimba, iorubano, iaiá, impala, iorubano, jeribata, jongo, jabaculê, jagunço, jererê, jiló, libambo, lundu, lambada, lambança, lambão, lambuja, lapada, larica, lenga-lenga, lero-lero, máculo, malungo, maracatu, marimba, marimbondo, maribondo, miçanga, milonga, muamba, molambo, moleque, mocambo, murundu, muxinga, muxongo, maassagana, maculelê, mamona, mamulengo, mangue, manha, maracutaia, marafa(o), matuto, mochila, mcorongo, mocotó, molenga, mondongo, mingo, moringa, mucama, muquifo, mutreta, muvuca, muxiba, nenê, puita, patota, pendenga, perrengue, pimba, pindaíba, pito, pitoco, quenga, quengo, quibebe, quilombo, quibungo, queimana, quitute, quizília, quizumba, requenguela, soba, sapeca, sarará, senzala, soba, sova, samba, tanga, trambique, tribufú, tunda, tutano, urucungo, urucubaca, xendengue, xará, xendengue, xepa, xodó, zabumba, zunzum, zumbi.

Adjetivos: banguelo, caçula, macambúzio, songamonga, tagarela, serelepe, muxiba, zambi ou zambeta, bruaca, dengoso, macumbeiro. Verbos: cochilar, batucar, xingar, zangar, zanzar zombar, banzar, embalar, empacar, encabular, engabelar, escangalhar, implicar, mangar, fungar.

Comidas: tutu, angu, mugunzá, quitute, cachaça, mutamba, dendê, inhame, chuchu, jiló, maxixe, quiabo, fubá, acará, acarajé, canjica, chuchu, caruru, gororoba, farofa, moqueca, pamonha, pinga, pirão, quindim, quitute, vatapá, jabá, mingau, bobó, sarapatel, quimbembé, quimbembe.

Nomes ligados a religião: candomblé, macumba, mandinga, catimba, ebó, Exu, Iemanjá, saravá, ziquizira, Ogum ou Ogundelê, Orixá, odara.

Todo esse vocabulário entrou para a língua portuguesa brasileira e está submetida às derivações e flexões morfossintáticas do português brasileiro, por isso, quase todas são raízes para nomes

derivados: sambista, macumbeiro, mandingueiro, muambeiro, batuqueiro, quitutes, cachaceiro, pé-de-moleque, cafunezeiro, muxibento, caçulinha, cochilo, batucada, xingamento, bundudo, quituteira, canjiquinha, chuchuzeiro, farofada etc.

1.4.3. Catequização

Os jesuítas tinham como missão no Brasil a catequização, significava ter de se comunicar com os indígenas numa forma linguística que fosse compreensível ao catequizando. Eles eram espanhóis e portugueses com formação em latim, a língua da religião católica. De uma forma geral, o jesuitismo tinha uma intenção educativa, por isso o trabalho que fizeram consistia em organizar um sistema de ensino, isso implicava em ter os recursos conhecidos para o ensino: local, aluno, professor e material didático. Criaram e mantiveram muitas escolas por dois séculos. Disso o que faltava era o material didático adequado numa língua que fosse dos indígenas para aprender como ensinar religião e qualquer outra forma de filosofia. O período que compreende os séculos XV e XVI foi quando surgiram as primeiras gramáticas das línguas castelhana e portuguesa, nessa ordem. São gramáticas cuja epistemologia é a da gramática do latim de Apolônio Díscolo. A primeira é a do castelhano, feita por Antônio de Nebrija, publicada em 1492, que inspirara as duas primeiras gramáticas do português, a de Fernão Oliveira de 1536 e a de João de Barros de 1540, esta a primeira gramática do português com orientação jesuítica.

Esse é o movimento que inspirara o surgimento das gramáticas das línguas Gerais. Isso aconteceu por uma intenção religiosa, porque o governo de exploração da coroa portuguesa não tinha preocupação educativa em relação aos indígenas e aos mamelucos. José de Anchieta quando chegou a São Vicente se dedicou a estudar a língua falada

pelas crianças bilíngues, filhas de pai português e mãe indígena. Sua gramática começou a ser elaborada nessa região, entre o litoral de São Vicente e o Rio Tietê e foi terminada entre os tupinambás da região onde é o estado do Espírito Santo. *A Arte de Gramática da Língua mais usada na costa do Brasil de José de Anchieta foi publicada em 1595 em Coimbra, mas contam os historiadores que ela já era usada na forma manuscrita nos colégios da Bahia sessenta anos antes.*

A segunda gramática das línguas gerais foi elaborada pelo padre jesuíta José Luiz Figueira e foi publicada em Lisboa em 1621. Ela foi elaborada a partir do contato com os indígenas da costa litorânea do Maranhão. *A Arte de gramática da língua brasílica* foi elaborada num contexto bastante diferenciado da gramática de José de Anchieta. Portugal travou guerra com os franceses na região e somente venceu porque usou de forças armadas compostas pelos indígenas tupinambás. Os franceses foram expulsos em 1615 e a coroa portuguesa se viu forçada a estabelecer uma aliança com os tupinambás que estavam ali fugindo de outras regiões, para estabelecer soberania na região. Para obter dos indígenas essa aliança, os padres jesuítas serviram de mediadores, porque conheciam a língua e porque tinham já quase 70 anos de catequese e relações culturais com eles.

Essas gramáticas tinham como objetivo ensinar as estruturas linguísticas aos outros padres jesuítas que viriam a se engajar na catequese. Mas os jesuítas tinham a preocupação de usar essa língua com eloquência, por isso se esmeravam no estudo da arte retórica. Havia uma preocupação com o uso da língua, com o discurso esmerado, que sempre caracterizou a igreja católica apostólica romana. As gramáticas eram escritas em português e baseadas na estruturação epistemológica do latim.

As letras, de que se usa nesta língua, são as seguintes: A, B, C, D, E, G, H, I, Y, K, M, IV, O, P, Q, R, T, L\ X, til. Ficam excluídas, F, L, S, Z. Também se não usa *rr* dobrado, ou áspero. O *i*, jota, serve

como no latim, ora de vogai, ora de consoante. Costumarão os antigos línguas usar d'este mesmo *i*, jota, com dous pontos, um na cabeça, e outro no pé, e lhe chamavão *i* grosso: porque a ronunciação é como entre *u*, e *i*. D'onde nasce que alguns o fazem *u*, e outros o fazem *i*: e fórma-se na garganta, coma *ig*: mas porque na impressão não se pôde meter estei com dous pontos, em lugar d'elle se poz *y*: o qual todas as vezes que se achar no meio, ou no fim de alguma dição, se pronunciará como grosso no modo sobredito (FIGUEIRA, 1686, p. 11).

(...) Os Tupis de Sam Vicente, que são alem dos Taimoyos do Rio de Janeiro, nunca pronunciação a última consoante no verbo affirmativo, vt. pro Apab dizem apa, pro acém dizem âpên, âcê, âpê, pronunciando o til somente, pro aiúr, áiu. E assiaddita algúa parte das sobreditas pronunciação Apáne, acéne, Aiúne, Apatémo, ácêtemo, apámo, âpámeímo (ANCHIETA, 1595, p. 2).

1.4.4. O ensino das línguas gerais

O grande acontecimento que mudaria completamente a história linguística do território brasileiro foi a reforma pombalina. Trata-se de um grande movimento reformador da coroa portuguesa idealizado pelo Marquês de Pombal - Sebastião José de Carvalho e Melo (1699-1782) - para Portugal e as colônias. As transformações foram radicais e executadas com *mão de ferro*, sem pudor de condenar à morte qualquer um que se colocasse contra as decisões. Sempre com o objetivo de solucionar uma questão que contrariava os interesses da coroa, leis eram criadas e impostas. Assim, a reforma na educação, tanto em Portugal quanto no Brasil, retirou dos Padres Jesuítas o controle das escolas e desmontou o formato de educação idealizado por eles. Portugal passou a ter escolas que investiam em tecnologia, com vistas a desenvolver a indústria. No Brasil, colônia agrícola, onde se produzia grandes volumes de minério precioso, a educação acadêmica do povo era desnecessária e certamente inconveniente.

Em 3 de setembro de 1759 foi assinada a medida que marcaria profundamente a educação linguística no Brasil, a expulsão dos Jesuítas de Portugal e em seguida das colônias. Os motivos são citados vinculados aos problemas administrativos na província do Grão-Pará, genericamente jesuítas e fazendeiros discordavam sobre a escravização dos indígenas. O fato é que os jesuítas tinham grande poder em muitas áreas da administração, sobretudo no Brasil, em que detinham a confiança dos indígenas e serviam de intermediários entre os povos nos conflitos. Os jesuítas se opuseram a algumas das reformas pombalinas e foram tratados como todos os opositores do Marquês: foram destituídos de tudo e suas propriedades no Brasil foram doadas e leiloadas.

É notória a ação política de desestruturação da educação, com vistas ao subjugamento da população local, feita pela coroa portuguesa durante a administração do Marquês de Pombal. Sua ação foi de desalojamento dos jesuítas e de rompimento com a corrente educativa que se instalara no território de um extremo a outro. A ação das leis pombalinas era de desestabilizar qualquer organização institucional que fosse paralela a administração da coroa portuguesa, isso implicava em estruturar as relações na forma de comunicação oficial da coroa. Foi implantada uma política linguística discriminatória e proibitiva para qualquer forma de comunicação linguística que não fosse na língua oficial da coroa, nesse caso, os jesuítas do Grão-Pará, que primavam por aprender a Língua geral brasileira, cometiam uma contravenção legal e significavam uma grande ameaça política à soberania portuguesa no território.

Os jesuítas eram os educadores e os propagadores da língua geral, sobretudo, na região amazônica, de modo bem específico, o conhecimento da língua geral, desde o início da colonização, fez deles detentores de grande poder. O investimento na educação em língua geral permitiu a uniformização linguística do território, onde

eram faladas, por estimativa, mais de 1000 línguas. No Grão-Pará, a partir da criação dos aldeamentos em que se concentravam diferentes grupos de pessoas, os missionários ensinavam a Língua geral brasílica aos indígenas, também aos colonos portugueses que dependiam dos indígenas para o desenvolvimento do extrativismo. Assim, ela se espalhou por toda Amazônia sob a tutela dos missionários jesuítas.

Pelo *Tratado de Tordesilhas* o território da Amazônia pertencia quase inteiro à Espanha. As disputas pelo território do Grão-Pará, sempre ameaçado pela cobiça dos franceses, ingleses e holandeses, fez com que a coroa portuguesa tomasse medidas drásticas para proteger a posse. São itens importantes entorno a essas medidas a libertação definitiva dos indígenas da escravidão, em 1755, e a proibição de se falar a língua geral. A expulsão dos jesuítas, em 1760, está completamente na base dessas medidas, eles eram os grandes exploradores dos indígenas no Brasil e os diretores e professores das escolas em todo reino português. Logo, a disputa territorial com a Espanha na Amazônia passava pela conquista linguística do território. A língua geral brasílica e a língua geral paulista foram proibidas de serem faladas e ensinadas, no lugar delas a língua portuguesa entrou. A proibição foi radical, quem desobedecesse era exterminado. Em princípio o ensino de língua portuguesa ficou a cargo dos missionários, mas eles supostamente desobedeceram, por isso foram expulsos sob a acusação de propagarem ainda mais a língua geral.

Essas medidas, em longo prazo, mudariam completamente o formato da fala de todas as pessoas. Na Amazônia, a Língua geral brasílica resistiu como forma de fala por muito mais tempo que a língua geral paulista, que desapareceu por completo bem antes. Imediatamente após as medidas de implantação da língua portuguesa, as localidades passaram a receber nomes em português. Somente após a língua portuguesa alcançar hegemonia nacional, já no período

imperial, que se retomou o hábito de nomear localidades com a língua tupi. Nesses casos, típicos na toponímia da região recoberta pela língua geral paulista, os nomes são inventados convertendo-se um nome em português por uma suposta morfossintaxe do tupi. São muitos os exemplos em toda a hipoglossia caipira: Ipameri, Itaberaí, Corumbaíba, Itumbiara, Itapirapuã, Parapuã, caá-açu> Caçu, Maringá, Umuarama etc.

Nos séculos XX e XXI, o governo brasileiro, pressionado pelos organismos internacionais e pelos movimentos sociais humanizadores da academia brasileira, implementou medidas para tirar da discriminação os povos indígenas remanescentes em todo o Brasil. Incentivos financeiros para tirar da agrafia todas as línguas indígenas ainda vivas, para contatar grupos isolados na Amazônia e para criar reservas territoriais de ocupação exclusiva para grupos indígenas, sempre feitas entre muita polêmica e sofrimento. São partes dessa realidade cursos de línguas interculturais, em que os indígenas de diferentes estados da União Federativa vão estudar, nas universidades federais, linguística geral com vistas a pesquisar e registrar suas línguas e culturas. A realidade progrediu positivamente significativamente com excelentes pesquisadores nas universidades, linguistas e antropólogos, se dedicando aos estudos e à preservação dessas línguas e culturas, entretanto, as perdas são imensas e irreparáveis e, devido à lentidão das ações e à falta de recursos, ainda ocorrem perdas irreparáveis.

Capítulo 2

Aproximações Históricas

2.1. Os fonemas e as letras

O QUE SÃO FONEMAS? A análise linguística gramatical implica na subdivisão da estrutura de um texto falado ou escrito. Estrutura de texto que é comumente chamada de *plano de expressão*. São subdivisões dos textos falados: os fonemas, os morfemas, os signos e as orações. Os fonemas são as menores unidades sonoras dessa estrutura, essa é a definição mais básica encontrada no cânone da teoria sobre a língua. Entretanto, a análise implica em observar a forma natural das unidades sonoras da língua, perspectiva fonética, e da projeção idealizada gerada pela metodologia da fonologia.

Quando se considera o modo como a significação é manifestada, os fonemas formam o que André Martinet nomeou de a segunda articulação. A divisão que se faz em merismas gera a definição como um conjunto de traços. A idealização da forma classifica-os de acordo com as possibilidades de articulação, todos os fonemas consonânticos estão compostos pelo modo e ponto de articulação e pela participação das cordas vocais, o traço da sonoridade, sendo sonoro ou surdo. Essa forma de classificação permite estabelecer o número de fonemas de cada língua.

No uso natural da articulação, os estudiosos da fonética e da fonologia chamam as realizações dessas unidades de alofones. Isso porque os traços dos fonemas não são fixos e os sujeitos-falantes podem de acordo com as circunstâncias de seu falar usar diferentes

conjuntos. Chamada de variação, no espaço recoberto pela língua, diz-se que esses alofones do fonema estão em distribuição complementar, porque todos os conjuntos formam o mesmo signo, ou seja, o que varia é o modo como se pronuncia a estrutura do signo, ou seja, o plano de expressão, sendo assim, o fonema é na verdade forma fixa no conjunto de seus traços distintivos na expressão do signo.

A fonética como a ciência da natureza que estuda os sons da voz de um ser humano do A modo como esse ser humano pronuncia.

A fonologia como ciência da linguística, metodologia inventada, que estuda os fonemas, as formas idealizadas ou um feixe de traços sonoros distintivos, que são característicos de cada língua.

Alofone é o modo como um falante da língua pronuncia um fonema. Supondo o fonema /d/ - dito *de* - no signo *dia*, na maioria dos falantes da variante caipira da língua brasileira, no sudeste, centro-oeste e sul do Brasil, esse fonema vai apresentar o alofone pronunciado [dʒ] alvéolo-palatal africado: ['dʒiɐ] e para a maioria dos falantes do norte e nordeste do Brasil, a pronúncia é ['diɐ], [d] ápico-dental oclusivo.

As unidades básicas da constituição das línguas é a sílaba. Todo o léxico é constituído por sílabas: monossílabos, dissílabos, trissílabos ou polissílabos. Na constituição da sílaba, sempre entram dois fonemas: um consonântico e um vocálico, isso do ponto de vista da forma natural de fala, porque a tendência é pela eliminação das situações em que o consonântico ou o vocálico estejam sozinhos. Nas circunstâncias artificiais, na língua portuguesa brasileira, de signos isolados, é possível se ter sílaba formada só por um vocálico e sílaba formada contendo um consonântico mudo.

Assim sendo, o fonema é uma unidade da língua. A língua como instituição concreta de uma sociedade. Esta estabilização é artificial e

metodológica. Nesse caso, o fonema é objeto de estudo da fonologia, área metodológica de estudo dentro da linguística. Na circunstância natural da fala, as manifestações dos signos implicam em diferentes conjuntos de traços sonoros distintivos, que juntados aos elementos prosódicos de entonação, tom e voz individual, formam os alofones dos fonemas: locais e regionais.

As **letras** são os desenhos ou conjuntos de desenhos com que se escreve. Às vezes, em português brasileiro, a letra corresponde ao fonema, mas muitas vezes não corresponde. As letras não podem registrar os alofones de um fonema, porque eles sempre são muitos para todos os fonemas. No passado, não faz muito tempo, as letras eram acreditadas correspondendo aos fonemas, mas no século XX ficou esclarecido, a escrita com letras não corresponde à fala com fonemas, mesmo que cada falante individualmente consiga reconhecer sua pronúncia das palavras nos desenhos das letras. Individualmente não vale para a língua, que é de todos na sociedade, quando se escreve não se faz de modo individual, mas do modo social, ou seja, a escrita é igual para todos os sujeitos-falantes.

A relação entre fonema e letra, na escrita brasileira, implica no aprendizado de muitas regras etimológicas, vindas da escrita do latim, e de memorização da ortografia dos vocábulos. Alguns fonemas são representados por uma letra apenas, outros são representados por diversas letras e algumas letras podem representar vários fonemas, a depender da origem do vocábulo, bem como um fonema pode ser escrito com um dígrafo (ch, lh, nh, ss etc.) e também por uma letra somente (x, s etc.). Também pode ocorrer que um conjunto sonoro complexo, com mais de um fonema, possa ser representado por uma única letra, como em *Rexona*, a letra x representa os fonemas [ks].

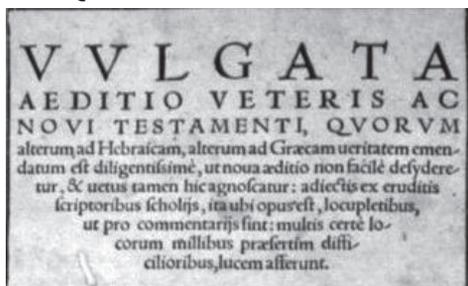
Esse processo se torna muito complexo a ponto de ser mais prático e necessário para assimilar a ortografia abstrair a relação da escrita com a execução dos fonemas na fala. O fato é que o ideal de ser

cada letra um fonema, esbarra primeiro na extensa alofonia, em todas as línguas os fonemas apresentam mais de uma forma de execução fônica, isso implica em estabelecer uma relação apurada entre o fonema e seus alofones, o que geralmente leva à neutralidade na ortografia, usando-se uma letra para representar a forma falada para todos os falantes da língua. Segundo que os alofones têm origens diferentes nas línguas, ou seja, as palavras emprestadas sofrem o arranjo fonológico na língua que emprestou e a ortografia tende a representar isso. Terceiro a língua é eminentemente histórica e a ortografia permanece em uso para além das atualizações que são feitas constantemente na fala. O fato é que a representação dos fonemas pelas letras no Brasil exige um aprendizado complexo da ortografia.

As vogais no latim eram grafadas com cinco desenhos: a, e, i, o, v. Muito posteriormente, no século XIII, inseriu-se o desenho u e o desenho v passou a representar a consoante somente. As consoantes em latim eram b, c, d, f, g, h, k, l, m, n, p, q, r, s, t, v, x, z, j. O desenho do j também foi inserido no século XIII. O alfabeto latino tendia para a representação dos sons falados, por isso a letra z foi retirada do alfabeto no século III a.C. e recolocada séculos depois, enquanto a letra g foi inserida no alfabeto para diferenciar na escrita o som representado pela letra c. Na idade média, seguindo esse mesmo critério fez-se as distinção entre *u* e *v* e entre *i* e *j*, sons articulados diferentes que eram grafados com os mesmos desenhos.

Na Gramática da língua portuguesa de João de Barros de 1540, ele aponta 26 letras entre consoantes e vogais. Há uma legível

Quadro nº 15: Escrita latina



confusão entre letras e sons articulados que elas representam, porém, João de Barros aponta e discute a formação dos dígrafos. São consoantes mudas b, c, d, f, g, p, q, t. São meia-consoantes l, m, n, r, s, x, z, por terem uma vogal no nome. l, m, r, João de Barros as chama de líquidas. Observa-se que na ortografia do texto de João de Barros não existe a letra v.

Quadro nº16: as letras

em João de Barros, 1540.

D A O R T H O G R A F I A .

Das letéras que temos e da sua diuisám.
Como uimos no princípio, seruejse a nósja linguágge destas letéras é a sua orthografia, á a b c ç d e e f g h I i y l m n ó o p q R r s s t V u x z . - ch, lh, nb: que sam é figura trinta e tres, e é poder uinte e seis. E onde cadabũa serue diremos ao diante.

De um ponto de vista histórico geral, as letras do alfabeto com as quais se escreve no Brasil são as mesmas do latim, transmitida de Portugal para o Brasil e continuada aqui numa tradição assemelhada a Portugal, mas que sempre foi alvo de esforços para assemelhar sempre mais a relação entre as formas da escrita dos dois países. No século XX, a ortografia das palavras no Brasil passou por muitas simplificações, como a retirada de letras geminadas (êlle, aquelle), diacríticos para marcar a sílaba tônica e para marcar a abertura das vogais médias. Fala-se aqui dos muitos acordos e principalmente do último e polêmico acordo ortográfico, assinado em 2002. Lembra-se também da forte resistência que a população portuguesa fez, muito mais por nacionalismo do que por mudanças significativas na forma de se escrever as palavras. De fato, o acordo ortográfico aproximou a escrita de muitas palavras à forma geral falada, fato que já era consumado no Brasil e que afetou mais a ortografia em Portugal. Esses fatos são recentes e serão consolidados ao longo do tempo de um jeito ou de outro, a prática linguística tem uma forte relação com a experiência diária.

A ortografia no Brasil era vacilante até final do século XIX. Os primeiros acordos ortográficos acorreram no início do século XX. Durante esse século foram vários acordos, o que consolidou

uma forma de ortografia rígida para língua escrita pelos brasileiros. Também durante o século XX, desenvolveu-se dentro da gramática normativa da língua a descrição das regras de morfossintaxe (formação de palavras) e de sintaxe. As gramáticas do início do século seguiam uma perspectiva bastante afinada com os objetivos de cada autor, por isso apresentavam nomenclaturas diferentes entre si para os mesmos temas e não incomum apresentavam descrições diferenciadas da língua. A Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB) em 1959 resolveu essas dificuldades, não todas, mas as gramáticas publicadas e o ensino de gramática passaram a seguir as mesmas regras. Assim mesmo, a metalinguagem varia consideravelmente entre elas, os nomes e as definições da metalinguagem exigem a aplicação de uma significação geral e, às vezes, a abstração do rigor científico para a compreensão. Somente nas gramáticas do final do século XX em diante que a nomenclatura e a metalinguagem se estabilizaram com mais rigor, isso por força de um controle maior dos órgãos estatais.

A Nomenclatura Gramatical Brasileira – NGB estabeleceu uma hierarquia entre as ciências da gramática brasileira, a partir da tradição que vinha sendo praticada desde o início do século XX, e se tornou uma fórmula corrente a ponto de ser tomada como uma lei. Assim, a tradição virou regra e a gramática está dividida em fonética e fonologia, morfologia e sintaxe. Ao que pode ser entendido, existe uma suposta ordem de complexidade crescente relativa ao tamanho da estrutura em que o objeto dessas ciências se assenta. A fonética estuda os traços distintivos ou fones dos fonemas e a fonologia os fonemas. A Morfologia estuda a classificação e formação das palavras e a sintaxe a composição das orações. Do ponto de vista fonético, dividem-se as classificações em fonética articulatória e fonética histórica. A gramática normativa trata da articulatória, descrição fonológica, por sua relação com a ortografia.

2.2. Os traços fonológicos da língua brasileira e os alofones normativos.

Todas as línguas possuem fonemas vocálicos e consonantais. O português está composto de 19 fonemas consonantais e 7 fonemas vocálicos, dos quais 5 podem ser produzidos também marcados pela nasalidade e 2 que são constituídos também como semivogais, chamados também de semiconsoantes. Essa seria a descrição, do ponto de vista da língua, desenhada entre barras de acordo com o recurso técnico disponível. Os consonânticos são desenhados: /p/, /b/, /m/, /f/, /v/, /t/, /d/, /n/, /s/, /z/, /k/, /g/, /l/, /r/, /ʎ/, /ʃ/, /ʒ/, /ɲ/. Esses são os desenhos correntes nas transcrições digitais atuais, mas existem transcrições fonológicas que usam desenhos baseados em outras máquinas, por isso alguns têm outros desenhos, por exemplo: /š/, /ž/, /ñ/. Isso também acontece com as semivogais ou semiconsoantes: /ʊ/ e /ɪ/ ou /w/ e /j/. Os fonemas vocálicos são desenhados /a/, /e/, /i/, /o/, /u/, /ɛ/, /ɔ/, mas esses últimos podem ser desenhados também /é/ e /ó/.

Os fonemas são descritos a partir da articulação do sujeito-falante nas caixas de ressonâncias do aparelho fonador: a cavidade bucal e as fossas nasais. São traços previstos para a cavidade bucal: o ponto de articulação e modo de articulação. As cordas vocais ou pregas vocais constituem o terceiro traço da articulação dos fonemas consonânticos, incluindo ou não a sonoridade, chamados de sonoros ou surdos ou vozeados ou desvozeados. As gramáticas da língua portuguesa brasileira, geralmente nomeadas como *Gramática da língua portuguesa*, isso por causa da indistinção na tradição gramatical da língua entre Portugal e Brasil, trazem uma completa metalinguagem para a fonologia. A língua portuguesa e brasileira traz em sua constituição fonológica uma simetria quase perfeita entre fonemas surdos e sonoros, para cada conjunto de modo de articulação e ponto de articulação se tem um fonema surdo e um sonoro.

Assim são os fonemas consonantais da língua portuguesa brasileira:

| Fonema | Letras | Modo de articulação | Ponto de articulação | Cordas vocais | Alofones reconhecidos |
|--------|-------------------------|---------------------|---------------------------|---------------|--|
| /p/ | p | Oclusivo | Bilabial | Surdo | [p] |
| /b/ | b | Oclusivo | Bilabial | Sonoro | [b] |
| /m/ | m | Oclusivo | Bilabial Nasalizado | Sonoro | [m] e [zero] em coda de palavra. |
| /f/ | f | Fricativo | Labiodental | Surdo | [f] |
| /v/ | v | Fricativo | Labiodental | Sonoro | [v] |
| /t/ | t | Oclusivo | Apicodental | Surdo | [t] e [ʈ] + [i, ī, i] na variante caipira; [t] e [ʈ] + [i, ī, i, u] na variante nordestina de algumas localidades. |
| /d/ | d | Oclusivo | Apicodental | Sonoro | [d] e [dʒ] + [i, ī, i] na variante caipira; [d] e [dʒ] + [i, ī, i, u] na variante nordestina de algumas localidades. |
| /n/ | n | Oclusivo | Apicodental Nasalizado | Sonoro | [n] |
| /s/ | s, ss, ç, ç, sc, scç, x | Fricativo | Alveolar | Surdo | [s] em todos os ambientes fonológicos |
| /z/ | z, s, x | Fricativo | Alveolar | Sonoro | [z] em todos os ambientes fonológicos |
| /k/ | c, qu, k | Oclusivo | Velar | Surdo | [k] e [q] a depender do ambiente fonológico |
| /g/ | g, gu | Oclusivo | Velar | Sonoro | [g] |
| /l/ | l | Líquido | Alveolar Lateral | Sonoro | [l] em cabeça de sílaba e [ɫ] em coda de sílaba; [w] vocalizado em coda de sílaba; |
| /r/ | r | Líquido | Alveolar Vibrante simples | Sonoro | [r] em cabeça de sílaba; [r], [ɹ], [j], [ɦ] e [h], [x] e [ɣ] em coda de sílaba. |
| /ʀ/ | r, rr | Líquido | Velar Vibrante múltiplo | Sonoro | [ʀ] acontece mais no sul e sudeste do Brasil; [x], [h] acontece mais no sudeste, centro-oeste e nordeste e norte. |
| /ʎ/ | lh | Líquido | Palatal lateral | Sonoro | [ʎ], [ɮ] e [ɹ] |

| | | | | | |
|-----|----------|-----------|-----------------------|--------|--|
| /ʃ/ | ch, x, s | Fricativo | Palatal | Surdo | [ʃ] em cabeça de sílaba; [ʃ] em coda de sílaba também [ˈfɛʃtɐ]. |
| /ʒ/ | g, j, s | Fricativo | Palatal | Sonoro | [ʒ] em cabeça de sílaba; [ʒ] em coda de sílaba também [hɐʒˈgah]. |
| /ɲ/ | nh | Oclusivo | Palatal Nasalizado | Sonoro | [ɲ], [ny] e [i] |

Os fonemas vocálicos são descritos articulatoriamente na cavidade oral pela posição da língua e pela formatação dos lábios. Os fonemas vocálicos do português brasileiro são absolutamente simétricos, quando a língua está para frente os lábios sempre estão estendidos e quando a língua está para trás os lábios sempre estão arredondados, para os nasalizados também. Fato relevante para a discussão dos fonemas vocálicos no português brasileiro é que em muitos ambientes fonológicos eles podem figurar como alofones entre si. Por exemplos: *urubu* > *arubu* > *orubu*, *rodamoinho* > *rodomuinhu* > *rodemuinhu* > *redemuinhu* > *redimuinhu*, *fonética* > *fónétice*, *tojólos* > *tijolos*, *menino* > *mininu*, *picumã* > *pecumã* > *pucumã*, *cozinha* > *cuzinhɐ* > *cōzinha* > *cūzinhɐ* etc.

Assim são os fonemas vocálicos da língua portuguesa brasileira:

| Fonemas | Altura da língua | Posição da língua | Movimento dos lábios | Alofones reconhecidos | Ortografia Maiúscula e minúscula |
|-------------------|------------------|-------------------|----------------------|-----------------------|----------------------------------|
| /ã/ Nasalizado | Baixa | Central | Não-arredondado | [ɐ̃] | ã, an, am |
| /a/ | Baixa | Central | Não-arredondado | [a] e [ɐ] | A, a |
| /e/ | Média-alta | Anterior | Não-arredondado | [e] e [ɪ] | E, e |
| /ê/ Nasalizado | Média-alta | Anterior | Não-arredondado | [ɛ̃] | en, em |
| /ɛ/ | Média-baixa | Anterior | Não-arredondado | [ɛ] | e, é |
| /i/ | Alta | Anterior | Não-arredondado | [i] | I, i |
| /ĩ/ Nasalizado | Alta | Anterior | Não-arredondado | [ĩ] | in, im |
| /o/ | Média-alta | Posterior | Arredondado | [o] e [ʊ] | O, o |

| | | | | | |
|-------------------|-------------|-----------|-------------|-----|-----------|
| /õ/ Nasalizado | Média-alta | Posterior | Arredondado | [õ] | õ, on, om |
| /ɔ/ Nasalizado | Média-baixa | Posterior | Arredondado | [ɔ] | o, ó |
| /u/ Nasalizado | Alta | Posterior | Arredondado | [u] | U, u |
| /ũ/ Nasalizado | Alta | Posterior | Arredondado | [ũ] | un, um |

2.3. Estudos das vogais: tônicas, pretônicas e pós-tônicas.

Os alofones para cada fonema dependem do ambiente fonológico e social. O formato mais evidente é o de intensidade, quando a sílaba é a tônica ela recebe mais intensidade, essa costuma ser a forma da descrição fonológica, porque é estável. Não sendo a tônica, a sílaba será átona e sua execução terá diferentes intensidades, a depender da distância da tônica e se estiver pretônica ou pós-tônica. Em se tratando das marcas de gênero, ortograficamente escritas a, e, o, em quase todos os idioletos brasileiros ocorrem centralização e abaixamento, e as transcrições fonéticas marcam essas transformações. O ALERS – *Atlas Linguístico-etnográfico da Região Sul* registrou com grande profundidade a variação no formato das vogais de marca de gênero. No geral, os registros fonéticos se restringem às marcas básicas de alçamento [ɐ, ɔ, ɪ]. ALERS (p. 208): vocábulo *advogado/advogada*: advoga + [do], [dɔ], [dɐ], [dɔ], [dɐ].

Historicamente, na variante da região gaúcha da serra, as pós-tônicas de marca de gênero são realizadas com a manutenção da vogal, sem abaixamento e sem centralização, o que difere essa variante das outras brasileiras. A frase *tipo* da representação da fala desse povo brasileiro é: *um copo de leite quente* [ũ kɔpo de leite kête]. Assim, nessa variante, que foi espalhada por municípios de Santa Catarina, Paraná e São Paulo, as pós-tônicas de final de palavras são mantidas em [a, e, o]. Esse fenômeno na fala da serra gaúcha carece de explicações detalhadas e precisas, tanto do ponto de vista fonológico e fonética, como sociolinguístico e histórico. Historicamente, deve-se registrar

a alta incidência de imigrantes falantes de vêneto, muitos falantes de italiano popular também, no italiano, sobretudo, há a manutenção das vogais de coda de palavra, porque elas marcam os morfemas de gênero e de número das palavras:

| Italiano | | | Português | | |
|----------|----------|---------|-----------|----------|---------|
| Número | Singular | Plural | Número | Singular | Plural |
| Gênero M | Bambino | Bambini | Gênero M | Menino | Meninos |
| Gênero F | Bambina | Bambine | Gênero F | Menina | Meninas |

Como foi comentado acima, as vogais tônicas entre o latim e o português brasileiro sofreram uma redução. O latim clássico tem cinco fonemas vocálicos breves e cinco longos: *ă, ě, ĭ, ō, ŭ* e *ā, ē, ī, ō, ū*. No latim vulgar, esses 10 fonemas se reduziram a sete: /a/, /e/, /i/, /o/, /u/, /ɛ/, /ɔ/. O português herdou essa formação dos fonemas do latim vulgar, que se mantém no português brasileiro. Das nasalizadas do latim, sobraram somente as longas no português brasileiro: /aN/, /eN/, /iN/, /oN/, /uN/. As vogais pretônicas no português brasileiro variam em função da diatopia, ou seja, de acordo com a região. Pode-se ter *menino* [me'nino] ou [mi'nino], *fonema* [fo'nemə] ou [fõ'nemə]. Para *poluída* [polu'idɐ]/ [põlu'idɐ]/ [pulu'idɐ] *Atlas linguístico do Ceará* (v. 2, p. 63). Pode se ter *beber* [be'ber] ou [bɛ'ber] ou uma neutralização entre [e] e [ɛ] = [bE'ber] e entre [o] e [ɔ] [pOlu'idɐ]. Pode-se ter: *casa* /'kaza/ e *casamento* /kaza'mêto/, a depender da variante brasileira os [a] pretônicos serão baixos, não arredondados, ou [ɐ] centralizado, ou ainda médio centralizado [ə].

Assim, os fonemas tônicos do português brasileiro são /a/, /e/, /ɛ/, /i/, /o/, /ɔ/, /u/ e /aN/, /eN/, /iN/, /oN/, /uN/. Os pós-tônicos, marca de gênero, genericamente, [ɐ], [e], [ɪ], [o], [ʊ]. Em se tratando de proparoxítonas, não incomum na fala é ocorrer síncope da primeira sílaba pós-tônica, independentemente da composição dessa sílaba: *Mônica* fica pronunciada /'mõka/, *árvore* /'aRvri/ ou /'aRvi/,

ônibus /'oNbus/-['õbus] ou /'oiNbus/-['õibus] etc. Se ocorrer a conservação da forma para proparoxítona os fonemas pós-tônicos são /a/, /e/, /ɛ/, /i/, /o/, /ɔ/, /u/ e também os nasalizados. Eles são escritos com os cinco desenhos ou letras *a, e, i, o, u* do alfabeto brasileiro para os todos vocálicos.

| Latim Clássico | | | | Latim vulgar | Português brasileiro |
|----------------|------|-----|------|--------------|----------------------|
| /õ/ | /õN/ | /ö/ | /õN/ | /ɔ/ | /ɔ/ |
| /ü/ | /üN/ | /ê/ | /êN/ | /ɛ/ | /ɛ/ |
| /ā/ | /āN/ | /ǎ/ | /ǎN/ | /a/, /aN/ | /a/, /aN/ |
| /ē/ | /ēN/ | /ǣ/ | /ǣN/ | /u/, /uN/ | /u/, /uN/ |
| /ī/ | /īN/ | /ĩ/ | /ĩN/ | /e/, /eN/ | /e/, /eN/ |
| | | | | /i/, /iN/ | /i/, /iN/ |
| | | | | /o/, /oN/ | /o/, /oN/ |

O português brasileiro tem dois modos de pronunciar os fonemas vocálicos pretônicos. Aparentemente se desenvolveram a partir dos dois modos de fala das línguas gerais. Na variante caipira do sudeste, sul e centro-oeste, os fonemas pretônicos são sempre pronunciados pela manutenção ou alçamento, sobretudo nos fonemas médios isso fica muito caracterizado: /me'nino/-[mi'ninɔ] ou [me'ninɔ], /piko'le/ - [piko'le] ou [pikɔ'le] etc. Na variante do nordeste e norte, os fonemas pretônicos frequentemente são abaixados, ficando a boca mais aberta, ou sofrem alçamento: /me'nino/-[mɪ'ninɔ] ou [mɛ'ninɔ] ou [me'ninɔ], /piko'le/ - [pikɔ'le] ou [pikɔ'le] ou [piko'le], etc. Muito comum é a neutralização desses fonemas em lugares em que a população tem percentuais equilibrados de origem sulina e nordestina: [mɛ'ninɔ] – [pikɔ'le].

| Manutenção | Alçamento | Neutralização | Centralização ou abaixamento |
|---|---|---|--|
| É o caso em que na fala se reproduz o alofone assemelhado a forma fonológica. [me'ninɔ] [piko'le] | Ocorre quando o alofone reproduzido alcança a forma dos fonemas mais altos. [mɪ'ninɔ] [pikɔ'le] | É quando ocorre um alofone em que se reconhecem traços de dois fonemas. [mɛ'ninɔ] [pikɔ'le] | Quando o alofone reproduzido alcança uma forma num ponto central da cavidade oral. [me'ninɔ] [me'ninɔ] |

Não há pesquisas profundas feitas com o intuito de esmiuçar essas formas de pronúncia, nem em relação a essa diversificada alofonia nem em relação a prosódia e entonação, muito diferentes entre si nessas duas variantes e muito características em ambas. Importante observar que esses fonemas e seus alofones vieram como herança do latim clássico e do latim vulgar para o português clássico trazido para o Brasil. Esses fenômenos ocorreram no Brasil, em duas derivas espontâneas. O que se pode conjecturar, muito a grosso modo, é que, nas duas áreas de colonização, ocorreram acontecimentos históricos linguísticos distintos que reforçaram as características do português de modo diferente.

No Maranhão a presença dos franceses, que criaram uma vasta colônia no século XVII, e no Pernambuco a presença dos holandeses, que permaneceram em Recife por um longo período, onde deixaram importantes marcas culturais. Essas duas línguas têm muitos fonemas vocálicos ditos abertos, típicos das línguas germânicas, que o francês também tem. No sudeste e no sul, o contato com línguas estrangeiras aconteceu de modo diferente, maior presença de portugueses no sudeste e contato com muitos falantes de castelhano no Rio Grande do Sul. Já no século XIX e XX, o sul e o sudeste receberam muitos imigrantes da península Itálica, de vários idiomas, porém, predominantemente falantes de italiano, e imigrantes japoneses. O contato com esses idiomas diferentes nas duas partes do Brasil poderia ajudar a explicar as diferenças de pronúncia, tanto dos fonemas vocálicos como das codas silábicas /S/ e /R/. Também se poderia juntar a esses dois caldeirões linguísticos as diferentes famílias de línguas indígenas e as diferentes línguas africanas que foram levadas para as duas áreas com os escravos.

2.4. Tipologia flexional na história da língua portuguesa brasileira

A língua portuguesa é uma língua flexional analítica que deriva do latim que era uma língua flexional sintética. As primeiras gramáticas do português, por uma carência de uma descrição precisa da fórmula estrutural da língua, aproximavam a descrição da estrutura morfossintática do português à do latim. Do ponto de vista das teorias gramaticais do século XXI, o que aqueles gramáticos faziam estava muito distante da realidade da língua portuguesa. Entretanto, do ponto de vista histórico, essa aproximação deve ser feita porque revela as origens e a formação da estrutura dos morfemas e oracional do português.

O latim, língua flexional sintética, era organizado em cinco declinações e seis casos. Nas cinco declinações estavam as desinências para os morfemas aditivos classificatórios flexionais e temáticos de gênero e de número. Por isso, o português

O tipo linguístico flexional é característico das línguas indo-europeias. Significa que as construções lexicais são feitas pela adição de desinências em uma raiz morfológica.

As flexionais sintéticas, que eram as línguas clássicas, entre elas o latim clássico, faziam pela adição de desinências em uma raiz morfológica as flexões morfológicas, como gênero e número, como também as funções sintáticas como sujeito, objeto direto e indireto, adjuntos adnominais e adverbiais.

As flexionais analíticas como o português e todas as línguas modernas da Europa fazem com desinências as flexões de gênero e de número, as funções sintáticas são ocupadas por palavras numa estrutura relativamente fixa, relacionadas com um verbo. Quanto aos verbos o português, na forma padrão escrita, sobretudo, manteve as flexões de tempo e modo e de número e pessoa.

tem desinências flexionais para gênero e número, mais bem dizendo, o português flexiona nas classes dos substantivos, dos adjetivos, dos pronomes e dos artigos em gênero, masculino e feminino, e em número, singular e plural, sendo que somente o plural tem uma desinência o singular é sempre morfema zero, já que os nomes em português são sempre nomeados na forma do singular.

| As declinações do latim | | | | | | | | | | |
|-------------------------|-------------|-----------|-------------|-----------|-------------|-----------|-------------|-----------|-------------|-----------|
| Casos | 1ª sing. | 1ª pl. | 2ª sing. | 2ª pl. | 3ª sing. | 3ª pl. | 4ª sing. | 4ª pl. | 5ª sing. | 5ª pl. |
| Nominativo | a | ae | us/ø/r | i | ø/e | es/ia/is | us | us | es | Es |
| Acusativo | am | as | um | os | em | es | um | us | em | Es |
| Vocativo | a | ae | e/ ø/r | i | ø/e | es/ia/is | us | us | es | Es |
| Ablativo | a | is | o | is | e | ibus | u | ou | e | Ebus |
| Genitivo | ae | arum | o | is | is | ium | us | uum | ei | Erum |
| Dativo | ae | is | i | orum | i | ibus | ui | ibus | ei | Ebus |

| As declinações e os casos do Latim para o português |
|--|
| <p>Redução das declinações do latim clássico: De cinco passou para três: a quinta passou os nomes para a primeira e a quarta passou os nomes para a segunda.</p> <p>Obs.: O fato que a redução ocorreu somente aparentemente, porque elas têm desinências muito semelhantes e a segunda e a terceira declinações tinham um número muito maior de termos.</p> <p>Em latim vulgar ocorreram as seguintes transformações: O morfema <i>a</i> para a primeira: rosa/regina; O morfema <i>o</i> para a segunda: lobo; E os morfemas <i>e/r</i> para a terceira: monte, mar.</p> <p>Em português fundiu a divisão em dois gêneros: masculino e feminino. Para o masculino ocorrem os morfemas <i>o, e, zero</i>; Para o feminino ocorrem os morfemas <i>a, e, zero</i>.</p> <p>Exemplos: Masculino: cachorro, carro, poste, calor, homem; Feminino: cachorra, casa, ponte, flor, mulher.</p> |
| <p>Redução dos casos: O vocativo assimilado pelo nominativo; O dativo assimilado pelo genitivo; O ablativo assimilado pelo acusativo;</p> <p>Seguido pelo uso mais frequente de preposição, o que irá caracterizar a sintaxe do português. A evolução da língua anularia para os nomes a distinção desinencial e para todos os casos, ou função sintática, o nome tem sempre a mesma terminação desinencial.</p> |

| Em português: | | | | |
|-------------------|-------|----------|---------|--|
| Meninos Menina | menin | o a | s s | Em língua portuguesa as flexões nominais são: os gêneros, masculino e feminino, e os números, singular e plural. Elas se caracterizam por terem marcas distintas em oposição, no caso do masculino e feminino, ou por um ser marcado e o outro não ser, como no plural e singular. |
| Termo | Raiz | Singular | Plural | |
| Em latim: | | | | |
| Puer | Puer | Puer | Pueri | Puer (menino) flexiona na segunda declinação do latim, assim no singular não tem desinência e no plural tem a desinência i; Puella (menina) flexiona na primeira declinação, assim tem no singular a desinência a e no plural a desinência ae. |
| Puella | Puell | Puella | Puellae | |
| Termo | Raiz | Singular | Plural | |

As palavras da terceira declinação do latim, que eram em grande número, migraram para o português, ou para o gênero masculino ou para o feminino, entretanto, a grande maioria sem ganhar a flexão de gênero *a* e *o*, típicas do português, herdadas da primeira e segunda declinações do latim. Desse modo, em português brasileiro se tem grande número de palavra cuja marca de gênero permanece indefinida entre o masculino e o feminino, porque terminam em *consoante* ou em *e*, dependendo então de um morfema dependente, artigo ou pronome, para ter seu gênero atualizado no texto. Em muitos casos, entretanto, os falantes, por desconhecerem a norma padrão e por associarem a outro significado similar, trocam o gênero da palavra na fala. Isso acontece muito frequentemente com monossílabos tônicos, a exemplos *dó* e *pó*, que são ditos atemáticos, são masculinos na norma padrão, mas muitos falantes brasileiros associam *dó* a pena e *pó* a poeira, por isso os empregam como femininos.

Palavras da terceira declinação do latim e suas correspondentes em português brasileiro:

| Latim singular | Latim plural | Português | |
|----------------|--------------|-----------|----------|
| | | Singular | Plural |
| Pastor | Pastoris | Pastor | Pastores |

| | | | |
|----------|------------|--------------|----------------|
| Pater | Patris | Pai Padre | Pais Padres |
| Flos | Floris | Flor | Flores |
| Libertas | Libertatis | Liberdade | Liberdades |
| Lumen | Luminis | Luz | Luzes |
| Mulier | Mulieres | Mulher | Mulheres |
| Dolor | Doloris | Dor | Dores |
| Lex | Legis | Lei | Leis |
| Tempus | Temporis | Tempo | Tempos |

Assim, deve-se salientar a herança histórica da gramática da língua portuguesa em relação ao latim no tocante às flexões de gênero e de número, que são originadas nas declinações do latim. A flexão desinencial para o plural em português sempre é *s* para os termos terminados em fonema vocálico no singular e *es* para os termos terminados em fonemas consonânticos {s, z, x, r, l, m letras ortográficas}. A extinção das declinações do latim na passagem para o português permite dizer que em português brasileiro são marcas de masculino *o*, *e*, \emptyset e são marcas de feminino *a*, *e*, \emptyset . As palavras com as marcas *e* ou \emptyset , tanto no masculino quanto no feminino, para dirimir as dúvidas quanto ao gênero, é preciso observar os morfemas dependentes de relação e determinantes adjetivados: adjetivos, artigos e pronomes. Do mesmo modo, nomes emprestados de outras línguas podem não ter na ortografia as marcas de gênero colocadas: *show*, *internet* etc., eles também têm o gênero explicitado por adjetivos, artigos e pronomes. Outras palavras, mesmo tendo origem no latim ou no português, fazem a forma do gênero por derivação sufixal: *abade* – *abadessa*, *poeta* – *poetisa*, *ator* – *atriz* etc., nesses casos a distinção de número também segue a regra geral da língua portuguesa.

2.4.1. A relação dos casos do latim com a sintaxe do português Genericamente é:

| Latim | Português |
|------------|---|
| Nominativo | Corresponde à casa sintática do sujeito. |
| Genitivo | Corresponde em português as formas que indicam pertencimento, os adjuntos adnominais e complementos nominais. |
| Dativo | Corresponde ao complemento verbal indireto: objeto indireto. |
| Acusativo | Corresponde ao complemento verbal direto: objeto direto. |
| Ablativo | Corresponde adjunto adverbial. |

As gramáticas normativas do português brasileiro trazem uma classificação semântica para as palavras em dez classes. Essa classificação é feita por uma análise da significação fixa que o termo tem no interior da língua e sociedade. Quando o termo entra em um contexto sintático, ou seja, uma oração, o que predominam são as funções que eles exercem, as quais seguem, aproximadamente, a relação dos casos da língua latina com as funções sintáticas na estrutura da oração da língua portuguesa brasileira.

Frequentemente, a função sintática assumida pelo termo, nem sempre se ajusta à classificação semântica das dez classes, nesses casos, costuma-se chamar essa circunstância, de um termo de uma classe assumir uma significação dentro de outra classe, de derivação imprópria ou conversão. Por esse processo de conversão um termo inicialmente classificado como verbo pode ser substantivado, o mesmo pode ocorrer com adjetivos e advérbios. A conversão pode ocorrer com a ajuda de preposição também, esses são os casos das locuções adjetivas e adverbiais, em que um substantivo auxiliado por uma preposição ocupa essas funções sintáticas da oração em português brasileiro.

Exemplos:

O **cavalar** de um campolina é elegante.

Os **porquês** da filosofia metafísica.

Os **assalariados** brasileiros reclamam da falta **de sorte**.

As dez classes gramaticais apontadas na descrição morfológica na gramática da língua portuguesa brasileira são: substantivo, adjetivo, advérbio, pronome, artigo, numeral, verbo, interjeição, conjunção e preposição. Esta divisão é continuidade desde a gramática das línguas da Grécia clássica, passando pelo latim clássico e pelas gramáticas do português no século XVI e alcançando as gramáticas do português brasileiro dos séculos XX e XXI. A divisão básica da gramática é entre nomes e verbos. Do ponto de vista da teoria clássica sobre a língua, nos diálogos de Platão na Grécia antiga, só existe o que tem nome, assim, existe a natureza como objetos que o ser humano reconhece pelos nomes que deu para eles, ou seja, para um ser humano somente existe aquilo que ele sabe os nomes.

Aristóteles, também lá na Grécia Antiga, porque foi aluno de Platão, no livro *As Categorias*, explica que os verbos são nomes que receberam em sua essência a significação temporal. Desse modo, as línguas possuem dois tipos de palavras: nomes e verbos. Nomes são divididos em nomes para substâncias – substantivos; nomes para qualificações – adjetivos; e nomes para circunstâncias – advérbios. As circunstâncias incluem além dos próprios advérbios, as preposições, as interjeições e as conjunções. Essas classes apresentam na estruturação dos termos da língua uma relação adverbial, aparecem colocadas entre palavras, caso das preposições, ou entre orações, caso das conjunções. São nomes qualificadores os adjetivos, os artigos e os pronomes, que aparecem na oração sempre vinculados a outros nomes. Essas três classes têm funções relacionadas aos substantivos, dando-lhes qualidades, ou classificando-os. Os numerais, apesar de serem colocados numa classe separada na gramática brasileira, são nomes substanciais para as quantidades, fazem parte dos substantivos, como eram na língua latina.

Em primeiro lugar é preciso dizer que os nomes em língua portuguesa têm sempre uma forma fixa, composta no singular ou no masculino ou no feminino. Assim, o nome do objeto, com o qual

ele é reconhecido, como significação e referência, tem uma estrutura fixa que vai aparecer em qualquer função sintática que esse termo vier a ocupar. Diz-se isso porque, como já se disse, na língua latina o termo flexionava de acordo com a função que exercia na oração, com desinências específicas, conforme o quadro **acima** das desinências para as declinações e os casos.

Em segundo lugar, uma oração em latim e sua respectiva tradução em português vai mostrar a herança histórica da sintaxe da gramática do português em relação à sintaxe do latim, sendo o latim uma língua flexional sintética, em que a sintaxe é produzida por flexões dos casos diretamente adicionadas à raiz da palavra, e o português, uma língua flexional analítica, em que a sintaxe é produzida pela posição da palavra na estrutura linear da oração, cuja relação entre elas pode ser especificada por preposições. Evidentemente, está-se pensando em textos no formato padrão das duas línguas, porque as formas populares do português brasileiro tendem para uma sintaxe extremamente simplificada, que reflete a psicologia da língua dos brasileiros.

Exemplo:

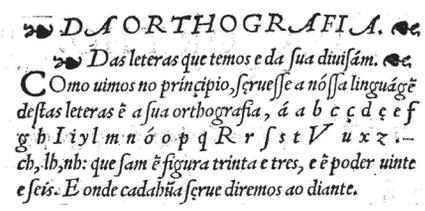
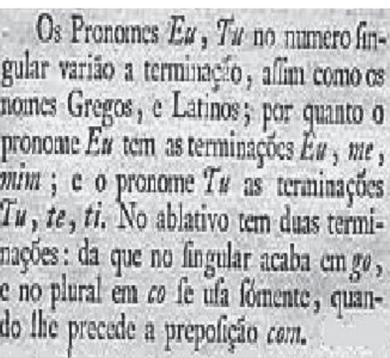
| In | principio | creavit | Deus | cælum | et | Terram |
|----|---------------------------|------------------------------------|-----------------------------|----------------------------|----|----------------------------|
| | Ablativo 2ª declinação | Pretérito Perfeito 3ª pessoa | Nominativo 2ª declinação | Acusativo 2ª declinação | | Acusativo 1ª declinação |
| No | princípio | criou | Deus | o céu | e | a terra |
| | Adjunto adverbial | Pretérito Perfeito 3ª pessoa | Sujeito | Objeto | | Objeto |

| Terra | Autem | erat | Inanis | et | vacua | et | tenebræ |
|-----------------------------|----------------------------|-----------------------------------|---------------------------|----|------------------------------|----|------------------------------------|
| Nominativo 1ª declinação | Acusativo 3ª declinação | Pretérito imperfeito 3ª p.s | Genitivo 3ª declinação | | Genitivo 1ª declinação | | Nominativo 1ª declinação pl. |
| a terra | E | era | sem forma | e | vazia | e | Trevas |
| Sujeito | | Pretérito imperfeito 3ª p.s | Predicativo Do sujeito | | Predicativo Do sujeito | | Sujeito |

| | | | | | | | | |
|-------|------------------------|----------------------|----|--------------------------|----------------------|-----------|-------|-------------------------|
| super | faciem | abyssi | et | spiritus | D e e i | ferebatur | super | Aguas |
| | Dativo 3ª declin. | Dativo 2ª declin. | | Nominativo 2ª declin. | Dativo 2ª declin. | | | Acusativo 1ª declin. |
| sobre | a face | do abismo | e | o Espírito | de Deus | pairava | Sobre | as águas |
| | Adjun-to adver-bial | Adjunto adnominal | | Sujeito | Adjunto adnominal | | | Objeto direto |

2.4.2. Os pronomes pessoais do caso reto

Os pronomes que as gramáticas brasileiras que seguem a Nomenclatura Gramatical Brasileira – NGB de 1959 chamam de caso reto, nas gramáticas do português dos séculos XVI, XVII e XVIII são chamados de pronomes no caso nominativo eu, tu, elle - ella, nós, vós, elles – ellas. Na Gramática de João de Barros (1540) é possível deduzir esse conjunto de pronomes, apesar da nomenclatura muito diferente da NGB. Na *Gramática da língua portugueza* de Antonio José dos Reis Lobato de 1776 a nomenclatura vinculada aos casos do latim deixa ver evidentemente esse conjunto de pronomes.

| | |
|---|---|
| <p>Quadro nº 17: Barros, 1540, folha 16</p>  <p><i>DA ORTHOGRAFIA.</i> Das letras que temos e da sua diuſãõ. Como uimos no principio, ſerueſſe a nõſſa linguãgẽ deſtas letras e a ſua orthografia, a a b c ç d e f g h I i y l m n o p q R r ſ ſ t V u x z i- ch, lh, nb: que ſam e figura trinta e tres, e e poder uinte e ſeis. E onde cada bõa ſerue diremos ao diante.</p> | <p>Quadro nº 18: Lobato, 1770, p. 41.</p>  <p>Os Pronomes <i>Eu, Tu</i> no numero ſingular variãõ a terminaço, aſſim como os nomes Gregos, e Latinos; por quanto o pronome <i>Eu</i> tem as terminaçoẽs <i>Eu, me, mim</i>; e o pronome <i>Tu</i> as terminaçoẽs <i>Tu, te, ti</i>. No ablativo tem duas terminaçoẽs: da que no ſingular acaba em <i>go</i>, e no plural em <i>co</i> ſe uſa ſõmente, quando lhe precede a prepoſiço <i>com</i>.</p> |
|---|---|

As gramáticas modernas brasileiras apresentam um quadro muito semelhante a esse. Entretanto, isso não corresponde à forma de fala dos brasileiros, nem mesmo na escrita. A nomenclatura, após

a NGB, se estabilizou e os nomes dados a esses pronomes pessoais são: caso reto e caso oblíquo. Nessa gramática, os exemplos de texto trazem o *você* como pronome usado para o interlocutor, apresentado com o verbo na terceira pessoa, como de fato ele é usado pelos brasileiros, porém se refere ao leitor com o pronome *você*. Não existe uma discussão sobre o uso do tu e vós, nem mesmo para apontar o uso corrente que muitos brasileiros fazem com o tu com o verbo conjugado na terceira pessoa. *Tu* nesse caso da fala dos brasileiros é um vocativo. Parece ser usado de modo muito semelhante ao vocativo *TU*, da língua Banto, dos escravos, que significa grande, bruto, forte, podendo ser uma ofensa ou elogio. Não há pesquisas profundas que comprovem essa relação, somente conjecturas.

Então, Tu e vós estão em desuso na fala e na escrita moderna e pós-moderna, mas existem na literatura dos movimentos literários precedentes. Na fala, a maioria dos sujeitos usa o *você* e o *vocês* para o interlocutor com o verbo conjugado na forma das 3^{as} pessoas. Essa é a maior herança da fala dos escravos na sintaxe da língua brasileira. Eles usavam uma derivação do pronome de tratamento *vossa mercê* > *vosmecê/ voncê/ vancê*, atualmente *você, ocê, cê*. Assim, as formas de 2^a pessoas caíram em desuso, e junto com elas os pronomes oblíquos e os possessivos correspondentes: teu, tua, teus tuas, vosso, vossa, vossos e vossas. Quanto aos pronomes possessivos da terceira pessoa, o pensamento dos sujeitos-falantes impôs à língua a solução contra a ambiguidade que os pronomes seu e sua, seus e suas adquiriram,

Quadro nº 19: Lobato, 1770, p. 42.

| | | | |
|--|------------------------------------|------------------------------------|-----------------|
| 42 | | GRAMMÁTICA | |
| Declinação do Pronome <i>Elle, Ella</i> , que mostra a terceira pessoa, de que se falla na oração. | | | |
| <i>Terceira pessoa no numero singular.</i> | | | |
| | <i>Mascul.</i> | | <i>Femin.</i> |
| Nom. | <i>Elle,</i> | | <i>Ella.</i> |
| Gen. | <i>d'elle,</i> | | <i>d'ella.</i> |
| Dat. | <i>lbe, ou a elle,</i> | <i>lbe, ou a ella.</i> | |
| Ac. | <i>lbe, a, ou para elle,</i> | <i>lbe, a, ou para ella.</i> | |
| Abl. | <i>d'elle, nelle, por elle,</i> | <i>d'ella, nella, por ella.</i> | |
| <i>Terceira pessoa no numero plural.</i> | | | |
| | <i>Mascul.</i> | | <i>Femin.</i> |
| Nom. | <i>Elles,</i> | | <i>Ellas.</i> |
| Gen. | <i>d'elles,</i> | | <i>d'ellas.</i> |
| Dat. | <i>lbes, ou a elles,</i> | <i>lbes, ou a ellas.</i> | |
| Ac. | <i>lbes, a, ou para elles,</i> | <i>lbes, a, ou para ellas.</i> | |
| Abl. | <i>d'elles, nelles, por elles,</i> | <i>d'ellas, nellas, por ellas.</i> | |

inventaram-se as formas de+ele, de+ela, de+eles e de+elas: dele, dela, deles e delas, porque seu, sua, seus e suas, referem-se ao *você* e ao *vocês*. Na escrita, na maioria das vezes, usam-se esses pronomes possessivos de terceira pessoa na constituição frasal da terceira pessoa, procurando uma solução discursiva para a ambiguidade.

As formas dele, dela, deles e delas não são uma invenção da língua portuguesa brasileira, nas gramáticas antigas apontam-se essas formas como uma construção em genitivo ou em ablativo presente em português. Muitas gramáticas brasileiras modernas apontam ambiguidade entre as terceiras pessoas do singular e do plural, porque seu, seus, sua, suas podem ser usados tanto no singular quanto no plural, e dizem que se pode usar dele, deles, dela, delas para resolver essas ambiguidades. Essas gramáticas brasileiras não discutem o uso frequente e geral que os brasileiros fazem dos verbos na terceira pessoa, que é de onde surgem as maiores ambiguidades em relação a todos os pronomes adjetivos, porque não existem em uso distintivo os pronomes de segundas pessoas.

Uma das gramáticas mais adotadas nas escolas públicas brasileiras na atualidade, publicada em 2013, diz que *você, ocê, cê, senhor, senhora, vocês, senhores e senhoras* têm sido apontados pelos linguistas como mudanças no português brasileiro. Diz também que o *vós* é um pronome em extinção, porque não é usada em situações cotidianas mais. Essa gramática tem o mérito de apontar, como realidade para a fala dos brasileiros, o não uso de pronomes de segundas pessoas como sujeitos de oração. Por outro lado, essa mesma gramática diz que quando numa oração existir para um verbo um pronome oblíquo objeto direto e outro objeto indireto que eles podem ser combinados numa única forma: *Devolveram-me a revista* > *Devolveram-ma*. Em hipótese alguma um brasileiro, em qualquer nível diastrático usaria essa expressão na fala ou na escrita, até porque poucos de seus ouvintes ou leitores entenderiam.¹

¹ Obs.1: As gramáticas normativas brasileiras adotadas na escola pública, seguindo a NGB, têm uma perspectiva marcadamente conservadora e de muitos modos arcaizante, porque insistem em prescrever como uso corrente formas já extintas.

Os pronomes demonstrativos foram profundamente afetados em seus usos pela mudança ocorrida na segunda pessoa do caso reto. De fato, a língua brasileira não tem uma segunda pessoa efetivamente, porque o *você* é usado para o interlocutor do discurso, mas é na origem um pronome de tratamento, por isso carrega o verbo na terceira pessoa. Os pronomes demonstrativos de primeira e de segunda pessoas perderam a distinção entre si no texto falado. No texto escrito muito corrigido, são usados com frequência os pronomes de segunda pessoa para todas as referências do conteúdo, os de primeira pessoa como referência à expressão.

Também foram afetados pela implantação do *você* como pronome pessoal do caso reto. Os pronomes de segunda pessoa do plural desapareceram do uso tanto na fala quanto na escrita, em todos os usos naturais. Os de terceira pessoa são usados no trato com o *você* e, às vezes, os de segunda pessoa também podem ser usados no trato com o *você* no texto falado. No texto escrito, corrigido, os de terceira pessoa podem se referir tanto ao *você*, quanto ao *ele* e ao *ela*. Essa indistinção fez generalizar o uso da contração da preposição *de*, indicadora de posse, com os pronomes pessoais retos *ele*, *eles*, *ela*, *elas*: *dele*, *dela*, *deles*, *delas*, como se mostrou acima. Na fala, nas variantes brasileiras populares, também são usados *de você* e *de vocês*.

Essas transformações no uso dos pronomes no Brasil não aconteceram há muito tempo. Não se tem pesquisas historiográficas que demonstre exatamente quando e como nem porque essas transformações ocorreram. A vasta literatura do século XIX tem exemplos de todos esses usos. Como fato histórico importantíssimo deve-se salientar a enorme imigração de europeus e asiáticos para o Brasil entre 1880 e 1920 e também logo após as duas guerras mundiais. Outros fatores como a comunicação de massa, sobretudo após a segunda guerra mundial, obrigaram ao uso de uma forma falada que incluísse a todos os brasileiros, o que fatalmente forçou a fala para uma forma mais simplificada e tudo que fosse de cunho mais refinado e intelectual deixou de ser usado.

2.4.3. Pronomes pessoais oblíquos

A gramática de Antônio José dos Reis Lobato de 1770 aponta para existência dos pronomes de primeira pessoa *me*, *mim*, *comigo* e *nos conosco* de segunda pessoa *te*, *ti*, *contigo* e *vos convosco*, de terceira pessoa *lhe* e *lhes*, respectivamente singular e plural. Como já se salientou essa gramática analisa a construção gramatical do português em casos, como o latim, por isso essas formas aparecem no dativo, acusativo e ablativo. As formas *comigo*, *contigo*, *conosco*, *convosco*, *consigo* pertencem ao caso ablativo. *Consigo* é um pronome reflexivo, aponta Lobato. Essa afirmação também aparece nas gramáticas modernas brasileiras, porém, definitivamente, os brasileiros não diriam: *Ele levou o guarda-chuva consigo por achar que choveria*; mas diriam, como possibilidade: *Ele levou o guarda-chuva com ele por achar que choveria*; entretanto, certamente diriam: *Ele levou o guarda-chuva por achar que choveria*.

Quadro nº 20: Lobato, 1770, p. 40, 41 e 45.

| | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
|--|---------------------------------|-----------------------|----------------------------------|-------------|------|----------------|------|----------------|------|----------------------|------|-----------------------|-----|----------------------------|-----|-----------------------------|------|---------------------------------|------|----------------------------------|------|------------|-----------------|------|---------------|------|----------------|------|---------------------|------|--------------------|-----|------------------|---------------------|--|--|------|-------------|------------------|------|----------------|------|----------------|------|-----------------------|------|--------------------|-----|-------------------|-----------------------|--|------|---------------|-----|---------------------------|------|---------------------|------|-----------------------------|
| <p>Declinação do Pronome <i>Eu</i>, que mostra a primeira pessoa, que falla na oração.</p> <p><i>Primeira pessoa no numero sing. masculina, e femin.</i> <i>Primeira pessoa no numero plur. masculina, e femin.</i></p> <table border="0"> <tr> <td>Nom.</td> <td><i>Eu.</i></td> <td>Nom.</td> <td><i>Nós.</i></td> </tr> <tr> <td>Gen.</td> <td><i>de mim.</i></td> <td>Gen.</td> <td><i>de nós.</i></td> </tr> <tr> <td>Dat.</td> <td><i>me, ou a mim.</i></td> <td>Dat.</td> <td><i>nos, ou a nós.</i></td> </tr> <tr> <td>Ac.</td> <td><i>me, a, ou para mim.</i></td> <td>Ac.</td> <td><i>nós, a, ou para nós.</i></td> </tr> <tr> <td>Abl.</td> <td><i>de, em, por mim, comigo.</i></td> <td>Abl.</td> <td><i>de, em, por nós, conosco.</i></td> </tr> </table> <p>Declinação do Pronome <i>Tu</i>, que mostra a segunda pessoa, com quem se falla na oração.</p> <p><i>Segunda pessoa no numero sing. masculina, e feminina.</i></p> <table border="0"> <tr> <td>Nom.</td> <td><i>Tu.</i></td> <td>para <i>ti.</i></td> </tr> <tr> <td>Gen.</td> <td><i>de ti.</i></td> <td>Voc.</td> <td><i>carece.</i></td> </tr> <tr> <td>Dat.</td> <td><i>te, ou a ti.</i></td> <td>Abl.</td> <td><i>de, em, por</i></td> </tr> <tr> <td>Ac.</td> <td><i>te, a, ou</i></td> <td><i>ti, contigo.</i></td> <td></td> </tr> </table> | Nom. | <i>Eu.</i> | Nom. | <i>Nós.</i> | Gen. | <i>de mim.</i> | Gen. | <i>de nós.</i> | Dat. | <i>me, ou a mim.</i> | Dat. | <i>nos, ou a nós.</i> | Ac. | <i>me, a, ou para mim.</i> | Ac. | <i>nós, a, ou para nós.</i> | Abl. | <i>de, em, por mim, comigo.</i> | Abl. | <i>de, em, por nós, conosco.</i> | Nom. | <i>Tu.</i> | para <i>ti.</i> | Gen. | <i>de ti.</i> | Voc. | <i>carece.</i> | Dat. | <i>te, ou a ti.</i> | Abl. | <i>de, em, por</i> | Ac. | <i>te, a, ou</i> | <i>ti, contigo.</i> | | <p><i>Segunda pessoa no numero plur. masculina, e feminina.</i></p> <table border="0"> <tr> <td>Nom.</td> <td><i>Vós.</i></td> <td>para <i>vós.</i></td> </tr> <tr> <td>Gen.</td> <td><i>de vós.</i></td> <td>Voc.</td> <td><i>carece.</i></td> </tr> <tr> <td>Dat.</td> <td><i>vos, ou a vós.</i></td> <td>Abl.</td> <td><i>de, em, por</i></td> </tr> <tr> <td>Ac.</td> <td><i>vós, a, ou</i></td> <td><i>vós; convosco.</i></td> <td></td> </tr> </table> <p>Declinação do Pronome Reciproco <i>Si</i>.</p> <p><i>Num. singul. e juntamente plur.</i></p> <table border="0"> <tr> <td>Gen.</td> <td><i>de si.</i></td> <td>Ac.</td> <td><i>sê, a, ou para si.</i></td> </tr> <tr> <td>Dat.</td> <td><i>se, ou a si.</i></td> <td>Abl.</td> <td><i>de, por si, consigo.</i></td> </tr> </table> <p><i>Advertencia.</i></p> <p>O Pronome <i>Si</i> dentro do mesmo numero varia a terminação, como os Pronomes <i>Eu</i>, e <i>Tu</i>. Determinação do ablativo, que acaba em <i>go</i>, se usá sômente, quando <i>lhe</i> precede a preposição <i>Com</i>.</p> | Nom. | <i>Vós.</i> | para <i>vós.</i> | Gen. | <i>de vós.</i> | Voc. | <i>carece.</i> | Dat. | <i>vos, ou a vós.</i> | Abl. | <i>de, em, por</i> | Ac. | <i>vós, a, ou</i> | <i>vós; convosco.</i> | | Gen. | <i>de si.</i> | Ac. | <i>sê, a, ou para si.</i> | Dat. | <i>se, ou a si.</i> | Abl. | <i>de, por si, consigo.</i> |
| Nom. | <i>Eu.</i> | Nom. | <i>Nós.</i> | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Gen. | <i>de mim.</i> | Gen. | <i>de nós.</i> | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Dat. | <i>me, ou a mim.</i> | Dat. | <i>nos, ou a nós.</i> | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Ac. | <i>me, a, ou para mim.</i> | Ac. | <i>nós, a, ou para nós.</i> | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Abl. | <i>de, em, por mim, comigo.</i> | Abl. | <i>de, em, por nós, conosco.</i> | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Nom. | <i>Tu.</i> | para <i>ti.</i> | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Gen. | <i>de ti.</i> | Voc. | <i>carece.</i> | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Dat. | <i>te, ou a ti.</i> | Abl. | <i>de, em, por</i> | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Ac. | <i>te, a, ou</i> | <i>ti, contigo.</i> | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Nom. | <i>Vós.</i> | para <i>vós.</i> | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Gen. | <i>de vós.</i> | Voc. | <i>carece.</i> | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Dat. | <i>vos, ou a vós.</i> | Abl. | <i>de, em, por</i> | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Ac. | <i>vós, a, ou</i> | <i>vós; convosco.</i> | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Gen. | <i>de si.</i> | Ac. | <i>sê, a, ou para si.</i> | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Dat. | <i>se, ou a si.</i> | Abl. | <i>de, por si, consigo.</i> | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |

No geral, todos os pronomes oblíquos estão em desuso, ou seja, nenhum sujeito-falante da língua brasileira usa muitos pronomes oblíquos em suas construções faladas, a maioria popular nem mesmo na escrita. Não é incomum que os objetos apareçam nomeados redundantemente nas construções ou que sejam omitidos, sem que haja perda das significações. Ao que parece a língua portuguesa brasileira encontrou uma fórmula psicológica para não repetir os objetos dos verbos por meio de substituições anafóricas.²

A gramática normativa seguindo a NGB prevê duas listas de pronomes pessoais oblíquos: os átonos e os tônicos.

| | Singular | | Plural | |
|-----------------|---------------|-------------|------------------|-------------|
| Primeira pessoa | Me | mim, comigo | nos | conosco |
| Segunda pessoa | Te | ti, contigo | vos | convosco |
| Terceira pessoa | o, a, se, lhe | si, consigo | as, os, se, lhes | si, consigo |

Na **norma padrão escrita acadêmica**, com exceção do *te* e do *vos*, os outros pronomes átonos, como *se* disse, ainda são usados. Os que ainda apresentam forte uso são os de primeira pessoa: *me* e *nos*, sendo que o *me* aparece na fala de todos os sujeitos e o *nos* mais frequentemente na fala das pessoas com maior instrução, geralmente em falas formais. Na norma falada, o *te* é comum em estruturas cristalizadas ou muito usadas: *eu não te falei?*, *eu te amo*, *eu te adoro*, *eu te chamei*, *eu te disse* etc., em frases naturais da língua falada, como anáfora ou catáfora, não acontece. Dos pronomes de terceira pessoa, o *se* é o único que tem seu uso frequente para todos os sujeitos-falantes, tanto na escrita quanto na fala. Exemplos: *você se ferrou!* *O ladrão se deu mal.* *Ela se penteia muitas vezes.* *Ele se gaba demais.*, etc. Os pronomes de terceira pessoa, *o*, *a*, *os*, *as*, *lhe* e *lhes*, aparecem nos textos corrigidos na escrita e muito raramente

² Obs. 2: Evidentemente, essa é uma proposição que carece de pesquisas, uma vez que não se tem uma explicação científica e contundente para esse fato, nem mesmo para dizer em qual momento essa tendência se aprofundou para se atualizar na fórmula em uso.

na fala, ou seja, ocorrem na fala corrigida dos textos orais de ofício: acadêmico, jurídico e político. Em muitos casos, sujeitos falantes mais instruídos realizam estruturas utilizando os pronomes com o intuito de mostrar erudição ou qualificar o texto socialmente como acadêmico, jurídico ou poético; entretanto, nunca em combinação, nem mesmo na escrita: *mo, ma, to, ta, lho, lha* etc.

O quadro apresentado pelas gramáticas normativas brasileiras para os pronomes pessoais oblíquos tônicos:

| | Singular | Plural |
|-----------------|-------------|-------------|
| Primeira pessoa | Mim, comigo | Conosco |
| Segunda pessoa | Ti, Contigo | Convosco |
| Terceira pessoa | Si, Consigo | Si, Consigo |

Estão em uso como fórmulas perifrásticas adverbiais, associados à preposição *para*: para mim, para eles, para elas, para ele, para ela, para você, para vocês, para nós; à preposição *de*: de mim, (de ela) dela, (de ele) dele, de vocês, (de eles) deles, (de elas) delas; à preposição *por*: por mim, por nós, por ela, por ele, por você, por vocês, por eles, por elas. Os pronomes associados à preposição *com*: *comigo* está em uso na escrita e na fala e *conosco* está em uso rarefeito na escrita ou em textos acadêmicos ou jurídicos, quase nunca na fala cotidiana, na fala aparece dito muitas vezes *com nós*. Por sua vez, *contigo*, *convosco*, *consigo* estão em completo desuso.

De acordo com as gramáticas dos séculos XVII e XVIII e as gramáticas normativas brasileiras os pronomes oblíquos tônicos do português não mudaram. Na gramática de João Joaquim Casimiro de 1803 a descrição é exatamente a mesma que está em Lobato de 1770. Na gramática de João Contador de Archote de 1775 também está descrita a mesma lista, a partir da declinação dos seis casos latinos por meio de preposições. Os pronomes oblíquos átonos sempre são usados acompanhados de preposição, como se descreveu acima.



O pronome *mim*, na fala dos brasileiros, pode ocorrer de duas maneiras:

Exemplos hipotéticos: *Maria trouxe comida para mim* ou *Maria trouxe comida para mim comer*.

Pode-se discutir evidentemente o nível de adequação do falante em relação à norma padrão. Entretanto, mesmo em falantes de níveis acadêmicos elevados, em situação de uso cotidiano familiar e distenso, o pronome *mim* será usado como sujeito do verbo no infinitivo conjugado. A substituição do pronome reto pelo oblíquo só acontece na primeira pessoa, assim: *Maria trouxe comida para você comer* ou *Maria trouxe comida para ele comer*. Em todas as pessoas

verbais se terá a construção do objeto por meio de uma preposição e o pronome do caso reto. *Maria trouxe comida para nós [ˈnɔis] comer; Maria trouxe comida para vocês [voˈseis] comer.*

O quadro dos pronomes oblíquos no português brasileiro:

| | Singular | | Plural | |
|-----------------|--|---|------------------------|--|
| Primeira pessoa | me | mim, comigo | nos (fala intelectual) | com nós (conosco) |
| Segunda pessoa | te (na fala íntima, quase sempre em expressões cristalizadas). | | | |
| Terceira pessoa | se | com ele, com ela, com você (ou outra preposição). | se | com eles, com elas, com vocês (ou outra preposição). |

2.4.4. Os verbos: do latim ao português brasileiro

Já se tem mostrado neste trabalho que a descrição normativa da língua brasileira apresentada nas gramáticas e nos livros didáticos está significativamente distanciada da realidade linguística cotidiana dos brasileiros. Quanto aos verbos não é diferente. Entretanto, não se tem estudos profundos ainda que demonstrem qual a realidade do uso e para qual direção tendem as mudanças que já aconteceram. O que é evidente nas variantes caipiras não se usa o modo imperativo nunca, nas variantes nordestinas ainda é usado. As formas do modo subjuntivo já desapareceram da norma falada para a maioria dos brasileiros. O português brasileiro não tem nem um modo nem um tempo futuro realizado numa forma simples, marca-se o futuro com uma perífrase verbal.

A gramática normativa e os livros didáticos apontam os modos indicativo, subjuntivo e imperativo. O imperativo presente nas formas afirmativa e negativa. O subjuntivo com os tempos presentes, pretérito imperfeito e futuro. O indicativo apresenta o presente, pretérito perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito e o futuro do presente e do pretérito. Esses tempos são mostrados como formas simples, outro tanto de formas compostas, em muitos casos, somente a forma

composta está em uso. Dos tempos do modo indicativo são fluentes para todos os falantes o presente, o pretérito perfeito e o pretérito imperfeito. Na fala cotidiana, fora dos ambientes de fala monitorada, essas três formas simples ou acompanhadas das formas nominais e a forma composta do futuro recobrem todas as construções frasais. Essa é uma descrição geral, não existem descrições profundas e livres de comparações desses fenômenos linguísticos.

| | | | |
|-----------------|----------------------|---|---|
| Modo Imperativo | Presente | Formas negativa e afirmativa | |
| Modo Subjuntivo | Presente | Que eu compre dois livros. | |
| | Pretérito Imperfeito | Se eu comprasse dois livros. | |
| | Futuro | Quando eu comprar dois livros. | |
| Modo Indicativo | Presente | Eu compro dois livros. | |
| | Pretérito | Perfeito Imperfeito Mais-que-perfeito | Eu comprei dois livros. Eu comprava dois livros. Eu comprara dois livros. |
| | Futuro | Eu comprarei dois livros. | |

Obviamente essa é uma estrutura herdada do latim, que tinha quatro conjugações, as quais se reduziram a três no latim vulgar e no português.

Quadro nº 22.

| Conjugações | |
|--|-------------------------|
| Latim | Português |
| Primeira: are – paroxítonos (amare) | Primeira: ar – amar |
| Segunda: ere – paroxítonos (videre) Terceira: ere – proparoxítonos (legere) | Segunda: er – ver / ler |
| Quarta: ire – paroxítonos (venire) | Terceira: ir – vir |

| | |
|--|---|
| <p>Os latinos tẽ quatro cõjugações, nós, três: as quáes conhecemos no modo infinitivo onde elles conhecem as suas.</p> <p>➤ A primeira nõssa e dos uerbos q̃ no ifinitivo acãbã e, ar, como. Amár, namorar, adorar, rogar. etc.</p> <p>➤ A segunda, e dos uerbos que acabam em, er, como, ler, escrever, comer, beber. etc.</p> <p>➤ Os que acabam em, ir, sam da terceira: como, ouvir, ir, dormir.</p> | <p>Os latinos têm quatro conjugações, nós, três: as quais conhecemos no modo infinitivo onde eles conhecem as suas.</p> <p>A primeira nossa é dos verbos que no infinitivo acabam em ar, como: amar, namorar, adorar, rogar etc.</p> <p>A segunda é dos verbos que acabam em er, como: ler, escrever, comer, beber etc.</p> <p>Os que acabam em ir são da terceira, como: ouvir, ir, dormir.</p> <p>BARROS, João de, 1540, p. 21.</p> |
|--|---|

| Latim | | Português | Brasileiro falado |
|-----------------|-----------|------------------------------|---|
| Modo Imperativo | Presente | Formas negativa e afirmativa | Desapareceu para a maioria dos falantes |
| Modo Subjuntivo | Presente | | Desapareceu para a maioria dos falantes |
| | Pretérito | Perfeito | Não tem |
| | | Imperfeito | Futuro |
| | | Mais-que-perfeito | Reduzido às falas monitoradas |
| Modo Indicativo | Presente | | Presente |
| | Pretérito | Perfeito | Perfeito |
| | | Imperfeito | Imperfeito |
| | | Mais-que-perfeito | Mais-que-perfeito |
| | Futuro | Desapareceu (2i) | Forma composta (2ii) |
| Particípio | Presente | | Particípio Passado |
| | Futuro | | |
| Gerúndio | | Gerúndio | Gerúndio (3) |

(1) quando eu falar [fa'la], quando você falar [fa'la], quando nós falar ['nóis fa'la], quando eles falar [fa'la].

(2i) João de Barros em sua gramática em 1540 explicou: diz que a ideia é construída por rodeios e exemplifica com a perífrase *aver damar*, junção do verbo *haver* como auxiliar e o infinitivo do verbo principal. João de Barros (1540, p 25) exemplifica essa forma composta: *haver damar, ler, ouvir, ser*.

(2ii) Na língua portuguesa brasileira falada e escrita uma forma composta do verbo auxiliar ir e do verbo principal no infinitivo se desenvolveu: vou amar, vai amar, vamos amar, vão amar.

Obs.: o modo futuro do latim desapareceu no latim vulgar, conseqüentemente do galego-português. No português uma forma a partir do infinitivo e o haver como auxiliar aparece já em João de Barros (1540, p. 22): amar hei> amarei; amar há> amarás; amar há> amarás; amar hemos> amaremos; amar heis> amareis; amar hão> amarão.

(3) apesar das formas serem semelhantes, a estrutura sintática do português privilegia construções perifrásticas verbais com a forma do infinitivo e no português brasileiro privilegiam-se as construções com a forma do gerúndio. Ex: Estou a amar (português); Estou amando (brasileiro).

Capítulo 3

Linguística diacrônica

Em Saussure encontra-se a definição da linguística diacrônica. É dele a divisão entre diacronia e sincronia, ele estava baseado nas discussões sobre a língua no século XIX. A linguística sincrônica estuda as relações entre os termos coexistentes de um estado de língua e a linguística diacrônica estuda as relações entre termos sucessivos que se substituem uns aos outros no tempo. A linguística diacrônica permite observar as alterações que ocorrem nos fonemas ao serem manifestados pela fala. Ao manifestá-los, os sujeitos-falantes aplicam a regra geral de seu pensamento e alteram o formato da língua (1995 [1916], p. 163).

O tempo obriga a tomar o estudo da língua de dois modos. O primeiro prevê a continuidade do tempo: *linguística evolutiva*. Nele é estudada a ação que a língua sofre no decorrer de um período. O segundo, chamado de *linguística estática*, desconsidera o tempo passado. Nele é estudado o mecanismo inteiro da língua num momento determinado. Esse segundo é o modo como todos os sujeitos-falantes compreendem a língua, como uma organização psicológica, integral e completa.

Assim, do ponto de vista da ação do tempo, a Linguística tem dois eixos de estudo: o *eixo da simultaneidade* (estático), no qual somente o que existe num momento presente é considerado; e o *eixo das sucessões* (evolutivo), no qual uma determinada característica da língua e suas transformações são estudadas sob o ponto de vista da história. O eixo das sucessões é formado pelas diversas construções detectáveis no eixo da simultaneidade.

É possível distinguir o percurso dos estudos da linguagem em períodos em que houve mais preocupação com a evolução – chamados estudos diacrônicos – e períodos em que houve mais dedicação à compreensão da língua como a fórmula básica da comunicação – chamados estudos sincrônicos. A *Gramática Tradicional*, da era Clássica, apresentava uma preocupação sincrônica, porque visava à descrição da estrutura da língua. A *Gramática Comparada* foi basicamente um período de estudos da ordem diacrônica, porque os estudiosos comparatistas objetivavam compreender estágios mais arcaicos ou antigos das línguas.

Gramática Tradicional

Trata-se da tradição gramatical que percorre os 2500 anos dos estudos sobre a linguagem, desde a gramática do grego, passando pelo latim e alcançando as línguas da Europa no século XV e XVI e se estendendo até a modernidade. A gramática normativa brasileira se coloca na atualidade como herdeira dessa tradição.

Gramática Comparada

Metodologia de pesquisa fundada por Franz Bopp em 1816, que visava a encontrar estágios sempre mais antigos das línguas. Pela comparação das línguas clássicas, provou a existência de uma língua, entre 6000 e 10000 anos a.C., batizada de indo-europeu, da qual surgiram as línguas do tipo flexional.

O povo indo-europeu teria existido no leste da Europa. Usando o cavalo para o transporte espalhou-se por todo o planeta. Da língua desse povo descende o latim, o grego, o sânscrito, o germânico, o eslavo, o celta, o indo-iraniano etc. Todas têm como fórmula tipológica a flexão das formas.

É importante distinguir fatos sincrônicos de fatos diacrônicos. O fato diacrônico é um acontecimento que tem sua razão de ser em si mesmo, ou seja, seu estudo não tem da necessidade da existência de um conceito paralelo com que ele deva ser confrontado. Na diacronia, para que exista um termo representativo de um conceito é preciso que o termo que o antecedeu na sucessão histórica tenha cedido seu lugar para a nova forma, ou seja, um termo deixa de ser usado e outro é usado no lugar.

Os fatos sincrônicos e os fatos diacrônicos são de ordens completamente diferentes. No estudo de um fato diacrônico, não podem ser levadas em consideração as interferências sincrônicas que esse fato possa ter causado, porque fatos diacrônicos não interferem no funcionamento da língua. Se um fato, quando visto em si mesmo, numa cadeia sucessiva de fatos, não puder ser considerado como transformador da estrutura da língua, forçosamente terá sido consequência isolada de uma transformação que a própria língua provocou. Assim, conclui-se que a língua nunca se transforma no todo, mas em pequeninas partes que criam a cada vez um novo fato sincrônico. O que deve ser considerado é que a língua é um mecanismo que continua em funcionamento apesar das constantes transformações que lhe são causadas. Ela funciona numa perspectiva sincrônica, com todas as partes do sistema solidárias entre si.

É possível estabelecer uma relação entre a linguística sincrônica e a linguística diacrônica porque ambas analisam a língua pelo prisma do tempo. A sincronia só pode ser estudada por uma única perspectiva: aquela dos falantes de uma língua. Ela consiste em estar em concatenação absoluta com os atos de fala. A diacronia procura na relação do tempo com a língua os aspectos que justifiquem sua realidade, para ela não há limites que não seja o tempo. Enquanto a linguística sincrônica só tem olhos para os fatos de uma língua, a linguística diacrônica estuda o eixo temporal e não está limitada aos fatos de uma só língua. Para a diacronia existe uma sequência infinita de fatores sucessivos no tempo. Essa sequência de fatores diacrônicos e sucessivos é responsável pela diversificação de idiomas no espaço físico do planeta. Para conhecer a ordem de composição, é preciso o cuidado de olhar os idiomas nas duas direções: uma que tome o tempo em seu curso e outra que siga o tempo em seu contra curso.

As leis que caracterizam e determinam fatos diacrônicos não podem ser misturadas às leis que caracterizam fatos sincrônicos.

As leis da língua, por ser ela uma instituição social, se caracterizam por serem imperativas e gerais. Na língua, lei nenhuma pode ser dada como garantia de regularidade de algum fator reinante numa determinada parte. Toda lei sincrônica é relativa a um estado de coisas: a definição que ela oferece desse estado é bastante precária, pois não é imperativa, apesar de ser geral. Assim, qualquer que seja o aspecto que esteja sendo abordado, do ponto de vista das leis sincrônicas, sempre existe uma ordem vigente, um princípio básico que regula a expressão dos sentimentos.

Em oposição a elas, as leis diacrônicas são sempre imperativas e supõem um fator dinâmico do qual é possível retirar um efeito, ao contrário da aparência, têm em geral características de acidentes e são bastantes particulares em seus acontecimentos.

Não é nada difícil notar que os fatos de transformação da língua acontecem de modo isolado dentro da multiplicidade de acontecimentos do contexto. Esses acontecimentos sempre são realizados dentro do sistema: é a regularidade do sistema que cria a ilusão de que tais acontecimentos são leis. Mas, no geral, modificações fonéticas ou semânticas acontecem nas línguas e são meros acidentes de percurso: fatos isolados que nunca se estendem para além de si mesmos. Então, a Linguística volta ao ponto central de que é a construção rigorosa do sistema que faz pensar que fatos sincrônicos e diacrônicos estão sob as mesmas instâncias causativas: por certo, eles obedecem a condições muito diferentes.

Quando se compara explicitamente os fatos sincrônicos e os fatos diacrônicos: os primeiros são gerais e têm a característica de serem reguladores; razão pela qual se estendem universalmente na língua. Os segundos são imutáveis e são imposições imperativas do sistema. No entanto, só aparecem em determinadas partes da organização linguística, nunca atingem o sistema inteiro, são meros acidentes que ocorrem em determinados pontos da língua. A

conclusão é: uma lei linguística é a formulação de regras adaptadas a situações diacrônicas ou sincrônicas distintas.

Estudar uma ou outra dessas duas classes de leis linguísticas envolve considerar cada uma numa ordem diferente. A linguística sincrônica estabelece os princípios fundamentais de todo o sistema de valores e relações coexistentes. Aos estudos dessa natureza pertence tudo o que for gramática geral. Eles estão constituídos nos estados da língua ou em um período de tempo, em que ocorrem as diferentes relações. Para pensar um estado de língua, é necessário considerar que a língua pode passar um século sem mudanças significativas ou que essas mudanças podem ocorrer num período de apenas alguns anos. Por outro lado, também é muito difícil de ser determinado o espaço geográfico que um determinado estado da língua ocupa. De qualquer forma, os elementos da língua, por pouco que seja, sempre se transformam, ou seja, a língua nunca permanece estática. Portanto, fazer um estudo de ordem sincrônica significa afastar pequenas transformações pouco importantes e tomar o conjunto como representante de um tempo e de um espaço determinados.

Recapitulando: no estudo diacrônico fica caracterizado que, no processo de transformação constante, a cada período certas formas são substituídas por outras. Observa-se então uma *sucessão* de termos que garantem a atualização da língua e que, quando é visualizada, mostra uma sequência de fatos registrados numa determinada parte dela. A construção de formas novas a cada período mostra que um estudo diacrônico está completamente fora do contexto gramatical. Por sua vez, um estudo sincrônico é essencialmente gramatical. Num estudo diacrônico são verificadas as mudanças fonéticas e de sentido que ocorreram. Num estudo sincrônico são verificadas as consequências gerais causadas pelas transformações.

3.1. Metaplasmos

Metaplasmos são alterações fonéticas que ocorrem nas palavras em sua evolução, no entanto, sem alterar sua significação. A descrição metaplasmiática que se costuma fazer é entre a língua de origem e a língua originada, do latim para o português, por exemplo. Nesse trabalho, apresenta-se a estrutura da língua utilizada no Brasil, o português brasileiro, como já foi explicitado, apresenta alterações fonéticas em relação ao português dos séculos de colonização. Entretanto, o que se pretende é apresentar como a língua brasileira falada transforma pelas regras metaplasmiáticas a estrutura da norma padrão para os múltiplos falares.

3.2. Tipos de metaplasmos

I) Por Adição

II) Por subtração

III) Por permuta

IV) Por transposição

Metaplasmos em uso

I) Por Adição

Acréscimo de fonemas no início do vocábulo, no meio ou no fim.

A) Prótese ou Próstese

Acréscimo de fonema no início do vocábulo.

Exemplos de prótese do latim para o português:

1) stare > estar;

2) scribere > escrever.

Obs.: Na fala brasileira o comum é o processo inverso, ou seja, a aférese ou a metafonía e>i: [skre've] ou [iskre've] ou [skre've].

Acréscimos na fala do brasileiro como prótese ocorrem nos casos:

Com muita frequência se ouve a prótese de *in* no vocábulo antes: Antes> ĩanti [ĩ'ãʦĩ]> inhanti [ĩnãʦĩ].

Acréscimo do fonema /a/: Mojando> Amojando> amojano.

Neblina> leblina> lublina> lubrina> alubrina [ɛlu'brinɐ]: nesse caso várias transformações aconteceram, há o espraiamento da líquida lateral, n e l formam um par alveolar e são confundidos com frequência, a metafonía de e para u, a degeneração do l para r, chamado de rotacismo, típico da variante caipira e a prótese do a.

Curvada> encurvada> [ĩkuʃi'vadɐ]: nesse caso ocorre a prótese da preposição *em*, por aglutinação, e em seguida sua degeneração fonética para in.

Acréscimos de *a*, *o*, *de* são originários de aglutinações.

Exemplos:

A lagoa> Alagoas

A lagoa> alagoa (Amapá)

As ondas> azonda (Amapá)

B) Epêntese: chamadas de suarabacti ou de anaptixe.

Constitui-se do acréscimo de fonema no meio do vocábulo, frequentemente o fonema i, com vistas a desfazer um encontro vocálico ou consonantal de difícil pronúncia. **Suarabacti** é o nome para epêntese em sânscrito; e **anaptixe** é o nome para epêntese em grego.

Do latim para o português:

Ex.: credu> creio> creio (epêntese do i);

arena> arêa> area> areia (epêntese do i);

stella> stela>estrela> istrela (epêntese do r e prótese do e; metafonía de e para i no português brasileiro).

No vocábulo arena> areia, o fonema /n/ nasaliza o fonema da sílaba anterior e desaparece num fenômeno chamado de desnasalização, produzindo o hiato ea, que é difícil de ser pronunciado. Em credu> creio, o fonema sonoro /d/ intervocálico sofre síncope e também é produzido um hiato eo difícil de ser pronunciado. Para desfazer os hiatos e facilitar a pronúncia ocorre a epêntese do fonema i. Em *stela* a epêntese do r se deve pelo desenvolvimento por espraiamento do traço da líquida l, hipoteticamente existiu um *stlela*, depois uma dissimilação em *strela*.

Epêntese sempre ocorre entre os nomes que formam substantivos compostos.

Exemplos: comum-dade> comunidade, feliz-dade> felicidade, casto-dade>castidade etc., nos exemplos ocorre a epêntese do i para resolver a pronúncia do vocábulo; o que não ocorre com o vocábulo libero – dade> liberdade etc.

Exemplos de epêntese no português brasileiro caipira:

Crina> quirina> quilina> clina; ou, crina> clina;

Advogado> ʋ[di]vogado> ʋ[dʒi]vogado> a[de]vogado. A forma *adevogado* surge da hipercorreção aplicada pelo sujeito-falante a forma ʋ[dʒi]vogado, típica nas variantes dos sujeitos com pouca instrução, evidentemente é de baixo prestígio social, por isso é considerada sempre pelos próprios falantes como *uma forma errada de falar*.

Pneu> [pi]neu> [pe]neu. Essa também é uma forma originada de hipercorreção, mas baseada no hábito de metafonía do e em i, então supostamente o sujeito-falante está fazendo o processo inverso. Assim, por confundir a ausência de /i/ com o /i/ derivado de um /e/ átono, recoloca-se esse suposto /e/. Esse mesmo processo ocorre com *adevogado*.

O mesmo processo se aplica ao vocábulo ritmo: Ritmo > ri[ti]mo > ri[t̪i]mo > ri[te]mo.

C) Epítese ou Paragoge

Acréscimo do fonema no final do vocábulo. Esse não é um fenômeno comum, são poucos os exemplos do latim para o português e na língua brasileira somente é encontrado quando há aglutinações na fala por degeneração ou desconhecimento da forma padrão do vocábulo. O português brasileiro apresenta muitos casos do processo contrário, chamado apócope.

Exemplo do latim para o português:

ante > antes

II) Por Subtração

A subtração de fonemas pode acontecer no início, no meio ou no fim do vocábulo, esses são fenômenos muito comuns na língua falada brasileira.

Quando um fonema de uma sílaba átona é retirado no início do vocábulo o fenômeno é chamado de aférese. Quando um fonema é retirado de uma sílaba no meio do vocábulo, é chamado de síncope. Quando é retirado do fim do vocábulo, é chamado de apócope.

A) Aférese

Exemplo do latim para português:

episcopo > piscopo > biscopo > bispo – ocorrem a retirada do *e* no início, a sonorização do *p* para *b*, a retirada no meio do vocábulo da sílaba *co*: restando *bispo*.

Exemplos em português do Brasil:

Você> ocê> cê: na norma padrão escrita a forma é *você*, mas na fala ocorrem a aférese do *v*, em determinadas circunstâncias, e a aférese do *vo* em outras. Assim, na fala, os brasileiros dizem, às vezes, *ocê*, *ocê* e *cê*.

Vogais que iniciam vocábulos sempre sofrem aférese na fala brasileira, em todas as classes gramaticais.

Amendoim> mendoim> minduim [mĩdũ'ĩ];

Abacate> bacate> bacati [ba'kaʃĩ];

Espigãozinho> ispigãozinho> spigãozinho> pigãozinho> pigãozin;

Estiagem> estiagem> stiagem> stiagi [stʃĩ'aʒĩ];

Almôndega> aumondega> armondega> armonca> amonca> monca (em Goiás);

Escurece> escurece> scurece;

Amanheceu> mãeceu [mẽ'ẽsew]

Enfartada> fartada

Assombração> sombração

Igarapé> garapé (Amapá)

Rabicó> bicó (Amapá)

Estava> tava e está> tá

Enferrujado> ferrujado

Os casos de deglutinação do latim para o português não se aplicam a esses casos acima do português brasileiro aparentemente: queda do *a*, *o*, *de* no início. Mas as vogais aglutinadas no início de vocábulos, na língua falada brasileira, são subtraídas: *amora*> *mora*.

B) Síncope

Do Latim para o português:

Ex.: *dolore*> *doore*> *door*> *dor*; *colore*>*coore*> *coor*> *cor*.

Exemplos no português do Brasil:

Almôndega> aumondega> armondega> armonca> amonca> monca (em Goiás);

Esse termo, na fala caipira de Goiás, passa de Almôndega [aw'modegɐ] para [ˈmøkɐ] (ALINGO, p. 88), no processo de transformação além das aféreses do ditongo inicial, ocorre a síncope do *de* e o ensurdecimento de /g/ para /k/.

Proparoxítonas na fala do brasileiro podem ser transformadas em paroxítonas, sempre pela síncope da segunda sílaba. Exemplos: Clavícula> clavicla> cavica; Cócegas> cocecas> coscas> cosca; Náfico> nasco

Corcunda> cocunda> cacunda – ocorreram a síncope do r e a metáfora do o para a.

Varejeira> vareja – ocorreram a síncope do ditongo e do r. Inicialmente a monotongação, depois a síncope do er por dissimilação.

Cambalhota> cambota> gambota;

Escurecendo> escureceno - todos os gerúndios na fala dos brasileiros podem ter síncope do d, nesse caso é pela assimilação do /d/ pelo /n/, por formarem um par, neste caso prevalece a nasalidade do /n/.

Vermelhado> vermeiado> vermeado [vefime'ado] (Atlas linguística da Paraíba)

Em Goiás (ALINGO, p. 44):

| | | | | |
|----------------------|------------------------|-------------|-------------------------|-------------|
| Rodamuínho> | rodomuínhu> | rodemoínhu> | redemuínhu> | redzimunho> |
| Metáfora | | Metáfora | Metáfora | Metáfora |
| ridzimunhu> | ridzimū'ĩ [hedzimu'ĩ]> | | ridʒi' mūi [hidʒi' mūi] | |
| Metáfora e africacão | | Metáfora | Síncope | Sístole |

Para o Amapá (Atlas linguístico, p. 79):

| | | |
|-------------|-------------|-----------------------------|
| Rodamuínho> | redemuínho> | remu'ínhu [hemu'ĩɲo] |
| Metáfora | | Síncope |

Síncope por Haplologia

Ocorre no vocábulo a subtração de uma sílaba átona por existir outra igual ou semelhante, geralmente a tônica. O fato que deve ser reiteradamente dito é que a tônica nunca é subtraída do vocábulo.

Exemplo do Latim para o português:

Rolatore > roladore > rodadore > redor

Exemplos em português do Brasil:

Cândido > candu, Cândida > canda e Bêbado > bebu, esses três casos são de proparoxítonas transformadas em paroxítonas pelo fenômeno da síncope por haplologia.

Síncope por Elisão

Exemplo: copo de água > copo água.

Sinalefa

Exemplo: copo água; minh'alma;

A aglutinação da preposição *de* ao substantivo *água* provoca ou a síncope da vogal *e* átona da preposição: *dágua*, ou a centralização, gerando um ditongo por sinalefa: *diágua*.

C) Apócope

Subtração do fonema no final do vocábulo. Esse é um fenômeno muito comum na fala do brasileiro, atinge intensamente as formas verbais, os infinitivos perdem o morfema /r/, as formas conjugadas que formam um ditongo no final têm apocopados os morfemas de número e pessoa, isso atinge, sobretudo, as formas de terceiras pessoas. No geral o brasileiro faz apóopes dos morfemas de número plural dos nomes, mas sempre ocorre a manutenção da marca no primeiro adjetivo da frase.

Exemplos do latim para o português:

amat> ama

amare> amar

Exemplos no português do Brasil:

Amar> *amá*, Falar> *falá*, Fomos> fomo, Falador> *faladô*, Meio-dia> *mei-dia* [‘mej ‘diɐ];

{Cê dá comida pas galinha pra mim?}, {Ceis fais almoço?};

{vou falar para você> *vô falá pra você> vô falá procê*}.

III) Permuta:

São modificações nos fonemas, que continuam existindo, porém com outros fones.

A) Sonorização:

É a modificação no ambiente fonológico do traço da sonoridade. O ponto de articulação e modo de articulação permanecem os mesmos, então, a sonoridade das vogais transforma um fonema surdo, que esteja entre elas, em sonoro.

Surdo> sonoro: **P>B, T>D, K>G, F>V, S> Z, Ch> J.**

Exemplos do latim para o português:

- *vita*> vida; *amico*> amigo; *lupus*> lobo etc.

Exemplos no brasileiro:

- *fatigada*> fadigada; [‘krinɐ]> [‘grinɐ]; *cambalhota* [kɛ̃’bɔtɐ]> [gɛ̃’bɔtɐ]; *correnteza*> corredera.

Caso diferente no falar caipira:

Balanço> balango – o fonema surdo, fricativo, alveolar /s/ passa para o sonoro, oclusivo, velar /g/.

B) Ensurdimento:

Fenômeno exatamente oposto à sonorização, ocorrendo intensamente com o fonema /g/ para /k/, existindo casos com outros fonemas, partindo do traço sonoro passando para o surdo.

Exemplos na língua brasileira:

G>K

Cócegas> cócecas> coscas;

Almôndega> almôndica> almonca> armonca> amonca>
monca;

Sabugo> sabuco;

Mugunzá> mucunzá.

V>F - Vesgo> fisco.

C) Vocalização: transformação de consoante em vogal ou semivogal.

Exemplo:

| | | | | | |
|-------------|-------------|-------------|-----------------------------|---------|-----|
| sanctu > | sanito > | sanido > | sáido > | sãdo > | são |
| Vocalização | Sonorização | Nasalização | Síncope por monotongação | Síncope | |

Exemplos na língua brasileira ocorrem com diversos fonemas consonantais que são transformados no vocálico ou semivocálico /i/ anterior, alto, não-arredondado.

Porta> ['pɔjtɐ]

Orvalho> orvaio [oɾ'vajʊ]

De manhã > de maña [dʒimã'ẽ]

Amanheceu> mãeceu [mã'ẽsew]

Montanha [mɔ'tẽjɐ]

Vermelhado> vermeiado> vermeado [veɾ'me'adu]

Ônibus> õibus

Moinho> moĩu [mo'jũ]> moĩ

Milho> miiu ['mijũ]> miu> mii ['mij] > mi

Grupos consonantais próprios

São formados por um fonema consonântico e os líquidos /l/ ou /r/. Do Latim para a língua portuguesa sofrem palatalização.

Exemplos:

| | |
|---|----------------------------|
| Plenu> cheio | Pluvia> chuva |
| Lleno (castelhano) Plein (francês) Pieno (italiano) | Lluvia Pluie Pioggia |

No português brasileiro ocorre o fenômeno do rotacismo entre ler:

Exemplos:

Planta> pranta

Problema> pobrema> problema

Casos cujas ocorrências se devem ao fenômeno da hipercorreção: o rotacismo é entre o alofone retroflexo do /R/, desprestigiado socialmente, e a vocalização do /l/, prestigiado entre os sujeitos-falantes caipiras:

- garfu ['gaɾfɔ] > galfo ['gawfɔ];

- marmitex [maɾmi'tɛk's] > malmitex [mawmi'tɛk's]

Grupos consonantais impróprios

Do latim para o português sofrem vocalização.

Exemplos:

octu> oito

nocte> noite

fructu> fruto

al> au

Esse fenômeno na língua brasileira ocorre com os fonemas de coda de sílaba:

- porta> poita; força> foiça; bolsa> bowsa> boisa;

- costa > coista ['kɔjXtɐ] e mesmo > ['meiʋmɔ], estas formas ocorrem na variante carioca.

Obs.: Conforme discutido acima, na língua brasileira ocorre com frequência suarabacti ou anaptixe, ou seja, a consoante muda passa a ser apoiada por uma vogal i ou e.

Exemplos:

Advogado > v[di]vogado > v[dʒi]vogado > a[de]vogado

Ritmo > ri[ti]mo > ri[ʃi]mo > ri[te]mo

Pneu > [pi]neu > [pe]neu

D) Assimilação:

Ocorre quando, no vocábulo, dois fonemas ficam juntos, o ambiente fonológico e social favorece os traços de um deles, que interfere no outro, transformando-o e até mesmo assimilando-o:

D.1) Assimilação vocálica ocorre com fonemas vocálicos e pode ser parcial ou total. Parcial uma delas se transforma em outra vogal, geralmente mais próxima na articulação. Total quando ficam iguais, geralmente ocorre a crase.

Exemplo do latim para o português:

| | | | | |
|----------|--|---------------------------------------|---------|-------|
| Palumba> | paumba> | paombo> | poomba> | pomba |
| Síncope | Assimilação vocálica progressiva Parcial | Assimilação vocálica Regressiva Total | | Crase |

Exemplos no português do Brasil:

- Trilheiro > trieiro > triero; Caseiro > casero; Virilha > viriia > viria; eu sou > so; ele contou > contô. Todos esses casos são de assimilação

vocálica progressiva total e a crase. Em João de barro > jão de barro acontece a assimilação vocálica regressiva total e a crase.

- facto> feito ['fAitʊ]> feito; eu falai [fa'lAɪ]> falei – nesse caso a *assimilação vocálica regressiva parcial* ocorre pelo contato do /i/ com o /a/, o /i/ é alto e o /a/ é baixo, o /e/ é médio-alto, facilitando a pronúncia. Nesse ambiente, o /i/ representa um morfema mais importante, o de número e pessoa, enquanto o /a/, o morfema temático verbal.

D.2) Assimilação consonantal também pode ser parcial ou total, tecnicamente funciona igual ao que ocorre com os vocálicos.

| | | |
|--|--------|-----------------------|
| per + lo > | pello> | Pelo |
| Assimilação consonantal regressiva total | | Redução das geminadas |

| | |
|---|--------|
| Persona > | Pessoa |
| Assimilação consonantal progressiva total | |

Exemplos no português do Brasil:

Pálpebras> palp.bras> palpras ['paʊprɛs] (Ceará) – assimilação consonantal progressiva total.

Obs.: a forma da palavra *mortal* que chegou com os portugueses, por suposição, deve ser [mor'taɫ], dela ocorrem diversas transformações no rótico [moh'taw], [moɾ'taw], [mox'taw], todas são resultantes das modificações que o ambiente fonológico provoca por assimilação consonantal regressiva parcial. Esse fenômeno se estende para todos os casos semelhantes na língua brasileira.

E) Dissimilação:

No mesmo vocábulo existem fonemas semelhantes em sílabas distintas. O que ocorre é a troca ou a eliminação de um dos fonemas.

A troca pode ocorrer em cadeia, ou seja, uma mudança pode gerar outras mudanças.

Exemplo do latim para o português:

Aratru> aratu> arado

calamellu> calamelo> caramelo> camelo

Exemplos no português do Brasil:

- Problema> probrema> pobrema> problema; Cotovelo> catovelo> catuvelo; Cotovelo> cutovelo> cutuvelo; Tornozelo> tornuzelo> turnuzelo> tunuzelo; rodamoinho> redemoinho> ridimuínho.

- Peregrino> pelegrino; neblina> leblina> librina.

F) Nasalização de vogais:

Na constituição do vocábulo existem fonemas consonantais distribuídos. Na língua portuguesa brasileira, toda vez que a sílaba tônica estiver antes de um fonema consonantal nasal ela adquirirá o traço da nasalidade.

Exemplos do latim para o português: luna> lua; persona> pessoa> pessoa; etc.

Exemplos no português do Brasil: a vogal da sílaba tônica antes de consoante nasal sempre é nasalizada e isso pode ocorrer com a pretônica também.

Cozinha> cõzinha; Banana> banãna> bãñãna; Canavial> cãnavial [kẽnavi'aw]; Nuca> nunca ['nũkɐ] (Goiás); Anoitecendu> ãnoitecendu (Amapá); Caminho> câmĩhu> cãmĩhiu (Amapá); etc.

G) Desnasalização de vogais:

Ocorre quando no vocábulo existe um fonema nasal que é transformado em fonema oral.

Exemplo do latim para o português:

Bonu> bõo> bõ / bom> bão

Exemplos na língua falada no Brasil:

mandruvá> madruvá; [kã'ninos]> [ka'ninos].

H) Apofonia ou deflexão:

Interferência do prefixo sobre a vogal tônica do vocábulo principal.

In+barba = imberbe

I) Metafonia nas vogais:

A interferência de uma vogal átona sobre a vogal tônica pode provocar mudanças de diferentes características, geralmente acontece para facilitar a pronúncia, mas pode acontecer para melhorar a distinção entre dois vocábulos.

Do latim para o português:

ā> a , ă> a , ě> é , ē> e , ī> i , ĭ> e , ō> o , ǒ> ó , ū> u , ŭ>o

Pôça> póça; iocu> jógo> jogo

| Latim clássico | Latim vulgar, Galego-português e Português |
|----------------|--|
| ā - ă | ā> a, ă> a > a |
| ē - ě | ě> é, ē> e > e, é |
| ī - ĭ | ī> i, ĭ> e > i |
| ō - ǒ | ō> o, ǒ> ó > o, ó |
| ū - ŭ | ū> u, ŭ>o > u |

Exemplos na língua falada no Brasil:

Enteado> intiadu; enteado> antiadu; cunhada> conhada; menino> mininu ou méninu; fêmea> fêmia; cadáver> cadavi; defunto> difuntu ou défuntu; falecido> falecido ou falécidu; igarapé> engarape (Amapá); muriçóca> móróçoca [mɔrɔ'sɔkɐ]; pirulito> perolitu; rodamoínho> redemoinho> ridimoínho> ridimunho.

O estudo das vogais pretônicas do português brasileiro revela que para os fonemas vocálicos mediais: e, é, o, ó, além das neutralizações e alçamentos, duas tendências são mapeadas: uma na variante caipira (sul, sudeste e centro-oeste) em que acontece a manutenção do fonema em e - o, de acordo com a origem do vocábulo, e outra na variante Brasília (nordeste e norte), em que acontece o abaixamento para é - ó.

L) Palatalização:

Ocorria palatalização do latim para português nos três casos dos fonemas palatais do português /ʃ/, /ɲ/ e /λ/.

1) grupo consonantal próprio (consoante mais r ou l) > fonema palatal /ʃ/ (ch). Exs.: pluvia > chuva; plúmbeo > chumbo; pleno > cheno > chêo > cheo > cheio.

2) n + i > fonema palatal /ɲ/: vinu > vñu > vinho; aranea > arania > aranya > aranha.

3) l + i > fonema palatal /λ/: filiu > filyu > filho

Isso acontece quando os encontros dos fonemas /ni/ pronunciados [nj] e /li/ pronunciados /lʲ/ são transformados em /ɲ/ e /λ/, por causa do fenômeno da hipercorreção. Na fala brasileira caipira não há distinção entre /ɲ/ e [nj] e entre /λ/ e /lʲ/.

Exemplos:

Demônio > demonho;

Família > família.

empecilho > impecilio > impecilho (frequentemente ocorre esse erro na ortografia)

M) Despalatalização:

Em português do Brasil os fonemas palatais /λ/ escritos lh e /ɲ/ escrito nh tendem a perder o traço palatal ou a adquirem o traço

alveolar ou a serem vocalizados. O fonema /λ/ pode sofrer síncope, depois de vocalizado, sendo assimilado pelos vocálicos adjacentes. Isso não acontece com o fonema /ʃ/.

Exemplos com o /λ/ lh:

| |
|--|
| Milho [ˈmiλɔ]> miliu [ˈmilʷɔ]> miiu[ˈmijʊ] > miu [ˈmiʊ]> mii[ˈmij]> mi |
| despalatalização vocalização assimilação assimilação crase |

| |
|---|
| Telha [ˈtelɐ]> telia [ˈtelʲɐ] > teia [ˈtejɐ] > tea; |
| despalatalização vocalização assimilação |

| |
|---|
| Orvalho [ɔfiˈvaλɔ]> orvalio [ɔfiˈvaʎɔ]> orvaio [ɔfiˈvajʊ]> orvai [ɔfiˈvaj]. |
| despalatalização vocalização assimilação |

Exemplos com o /ɲ/ nh:

| | | |
|--------------------------------|-------------------------|----------------------------|
| Sonho> sōiu> sōi [sõj] | Banho> bāiu> bāi [ˈbãj] | Montanha> montāia [mõtãjɐ] |
| despalatalização e assimilação | | despalatalização |

N) Sibilação:

Esse foi um fenômeno que ocorreu do latim para o português na transformação do t-interdental + i-ditongado num fonema sibilante, escrito com a letra ç.

Exemplo:

Do latim para o português: Capitia> capitya> cabitya> cabiça> cabeça; pegritia> preguitia> preguiça; coratione > coratyon> coração> coração; etc.

O castelhano manteve em muitos casos a interdental e o francês tem uma sibilante nos alvéolos em muitos vocábulos que o português tem ç. O italiano também tem um fonema alveolar sibilante nessa posição, porém sonoro, enquanto os outros são surdos.

- No português brasileiro, sobretudo na **variante caipira**, acontece a africacão quando se tem o encontro t-ápico dental + i ou de d-ápico dental + i.

Exemplos: estilingue > ['stʃi'liŋi]; ponte > ['põŋʃi]; bola de gude > ['bõlɐ dʒi'gudʒi]; sangue suga > chame chuga [ʃẽmi'ʃugɐ] > chuga chuga [ʃugɐ'ʃugɐ]; sangue suga > sangue chuga [sẽgi'ʃugɐ]; sangue suga > sambichuga [sẽbi'ʃugɐ] > chambi chuga [ʃẽbi'ʃugɐ] > bichuga [bi'ʃugɐ].

- Na **variante nordestina**, acontece a africacão também quando se tem o encontro de t-ápico dental + u em coda de palavra.

Exemplos: muito > munto ['mũtʃu]; oito > oto [otʃu]; biscoito > biscotio [biʃ'kotʃu].

O) Degeneração:

É comutação entre dois fonemas por terem o traço distintivo da sonoridade em comum e o ponto de articulação próximo. Muito comum entre /v/ e /b/, mas ocorre esporadicamente entre outros pares de fonemas: B > V; V > B; V > G; S > G; etc.

Exemplos no português do Brasil:

- Varrer > barrer; vassoura > bassoura; Bravo > brabo; Vagem > bagem

- Vomitar > gomitar;

- Balanço > balango.

P) Monotongação:

Na fala dos brasileiros os fonemas semivocálicos raramente são distintivos, por isso na maioria das incidências sofrem subtração. A monotongação é quando um ditongo sofre transformação em monotongo na sílaba tônica. Não acontece quando o ditongo é índice de desambiguação ou for átono.

Exemplos na língua falada no Brasil em sílaba tônica:

- louro> loro; loiro> loro; loira> lora; peixe> peixe; caixa> caxa; feixe> fexe; etc.

Exemplos em sílaba átona ou de índice de desambiguação:

- Feito; jeito; peito; raiva; etc.

- médio; tédio; prédio; etc.

Q) Ditongação:

Quando num vocábulo ocorre a transformação de um monotongo oxítono em ditongo tônico e é muito comum no falar na variante caipira. Essa regra é semelhante à pluralização dos ditongos abertos em el: pastel – pastéis.

Exemplos:

- Goiás> goiais; rapaz> rapaiz; arroz> arroiz; faz> faiz; paz> paiz; mas> mais, fez> feis> pus> puis; pé> peis> nós> nois; etc.

R) Crase:

A crase acontece quando dois fonemas vocálicos iguais, um hiato, são reduzidos a um só fonema. O processo é sempre de assimilação vocálica que alcança a reduzir a um fonema, pode ocorrer nas tônicas ou nas átonas.

Exemplos do latim para o português:

dolore> door> dor

colore> coor> cor

Exemplos na fala do português brasileiro:

Coordenação> cordenação; reeleger> releger; a + aquele> àquele; etc.

IV) Transposição:

É a mudança de lugar de um elemento do vocábulo. Pode ser a troca do lugar do acento tônico do vocábulo, avançando ou recuando, ou do lugar de um fonema na mesma sílaba ou em sílabas diferentes.

Hiperbabismo: é a mudança na posição do acento. Quando ocorre do acento tônico ser recuado nas sílabas do vocábulo, o nome dado é sístole, igual a batida do coração. Quando ocorre do acento tônico avançar para as sílabas da frente no vocábulo, o nome é diástole, como a batida do coração.

a) Sístole:

Exemplo do Latim para o português:

eramos> éramos

Exemplos na língua falada no Brasil:

Rubrica [hu'brikə]> rubrica ['hubrikə];

Mandioca [mãdʒi'əkə]> mandioca [mã'dʒiəkə]

| | | | | |
|-------------|-------------|------------------------|-------------|-------------------------|
| Rodamuínhu> | rodomuínhu> | rodemoínhu> | redemuínhu> | redžimunhu> |
| | Metafonia | Metafonia | Metafonia | Metafonia e afrição |
| ridžimunhu> | | ridžimū'ĩ [hetʒimu'ĩ]> | | ridʒi' mūĩ [hidʒi' mūĩ] |
| Metafonia | Síncope | | Sístole | |

b) Diástole:

Exemplo do latim para o português:

iudice> judice> judic> juic/juiz

c) Metátese:

Metátese é a mudança de posição de um fonema na mesma sílaba.

Exemplo do latim para o português:

- semper > sempre; inter > entre; pro > por; etc.

Exemplos na língua falada pelos brasileiros:

- Por > pro; prefeito > perfeito; produção > pordução; prateleira > partilera; etc.

d) Hipértese:

Hipértese é a mudança de posição de um fonema em sílabas diferentes, avançando ou recuando.

Exemplo do latim para o português:

Primário > primario > primeiro

Exemplos na língua falada no Brasil:

- Cadarço > cardaço; lagarta > largata; lagartixa > largatixa; caderno > cardeno;

- Capote > capóti [kapɔʎi] > picóti [pikɔʎi]; cóto > tocó;

- Micróbio > micóbrio;

- Curvada > encurvada > encuarda [ẽku'vaɪdɐ]; etc.

PARTE 2

**DIALETOLOGIA DA
LÍNGUA BRASILEIRA**

Capítulo 4

Aspectos da ocupação linguística do território

A distribuição geográfica de uma língua se realiza pelo conjunto de fatores que influenciam o manuseio da terra, a distribuição econômica e os interesses políticos. Esbarram nas características culturais de determinados grupos e na abundância de recursos em determinados setores. Produz-se na onda histórica que enleva e destitui necessidades humanas. Quando se estuda a língua numa perspectiva de alcance de sua distribuição diatópica, é preciso em primeiro lugar determinar qual área é o objeto. A língua se individualiza como expressão de uma nação, não há como separar nação e língua. Da mesma forma que não dá para separar povo e língua, ou povo e nação. Os valores válidos para a descrição da nação passam pelo povo e só podem ser compreendidos através da língua. Isso já é lugar comum na linguística desde o século XIX. No entanto, cabe ressaltar, quando se fala de ocupação linguística de um território, que o sistema linguístico que vai ali permanecer não é aquele do povo autóctone, quando existe um, nem do invasor, mas a fusão, tendo um ou outro como base. Logo, importa primeiro verificar qual sistema linguístico é considerado veículo da cultura dominante, porque será esse que ocupará o espaço físico.

Quando se pensa no território do Brasil, os exemplos se avolumam. Considerando o marco histórico da *descoberta* em 1500, deve-se pensar na existência de línguas nesse território. Essa é a data

histórica da língua portuguesa do Brasil, porque a história somente existe se for contada e somente pode ser contada numa língua. Outras conquistas foram tentadas nesse território, mas não aconteceram, ficaram perdidas na história contada em língua portuguesa do Brasil, porém, os locais dessas invasões trazem as marcas no linguajar do povo e nos nomes de coisas típicas, às vezes, nos traços distintivos de certos alofones de fonemas da língua.

A territorialização de uma língua, marcada por fronteiras políticas, segue a onda dos interesses sociais prestigiados. Os grupos de maior poder dentro da nação se impõem como dominantes culturais. O poder perpassa por fatores econômicos, que determinam quem tem prestígio e o que pode ser prestigiado. É assim que imensas áreas são numa época ignoradas e em outras invadidas. As fases de ocupação de um território podem ser muitas, em muitas levas de pessoas, ou podem ser contínuas, orientadas por uma atração exercida por um recurso. Aspectos como transportes, recursos agrícolas, investimentos sociais, tornam áreas desocupadas em áreas atraentes.

No passado, as determinantes de ocupação territorial se fizeram por fuga da miséria, das doenças etc., originadas da ausência de recursos nos locais de origem. Os indígenas tupinambás fugiram do litoral para o interior do Brasil por causa da violência com que eram tratados. O Brasil e outros países das Américas receberam levas inteiras de imigrantes de todas as partes do mundo de pessoas que buscavam formas mais dignas de sobrevivência. De qualquer forma que se observem tais movimentos, sempre se descobrirá a busca por novas oportunidades econômicas orientando o avanço para novos territórios. Em cada época a fórmula assumida por essas oportunidades varia segundo a motivação, o grupo, a cultura, o transporte etc. O espaço territorial a ser ocupado determina quem está apto a explorá-lo, áreas agrícolas demandam gente da terra, áreas de floresta e de recursos naturais, aventureiros, setores industrializados requerem

educação formal básica. Na ocupação linguística, o domínio político impõe a restrição do idioma, entrar numa nova terra significa adotar novos costumes culturais e linguísticos.

Em 1500, quando da descoberta do Brasil, havia por aqui milhões de indígenas em milhares diferentes grupos, que tinham cada um uma língua diferente. O volume de pessoas e a imposição política violenta renegaram esses idiomas e impuseram o português, idioma do conquistador, como língua da nova nação. Essa foi a última conquista linguística ocorrida nesse território, muitas outras foram tentadas, mas todas foram sufocadas por esforços militares de repulsa ao invasor. No entanto, sempre permanecem marcas linguísticas e marcas culturais, daqueles que se foram, que continuam a serem valorizadas.

A língua portuguesa do Brasil não foi moldada por invasões militares no território defendido por Portugal. Em princípio, o volume de nativos nas áreas especificamente ocupadas, no litoral do Sudeste, do Nordeste e do Norte, fez do idioma dos autóctones uma forma corrente da comunicação. Enquanto o fator determinante para o predomínio de um dos idiomas foi o número de falantes presentes na área, o chamado idioma geral, ou o Tupi, predominou. No entanto, o fluxo de imigrantes portugueses nunca fora interrompido e a inevitável imposição política e militar do idioma português aconteceu na administração do Reino pelo Marquês de Pombal. Desse ponto histórico em diante, não importava quem fosse e a quantidade, no território nacional brasileiro se deveria falar o idioma dos portugueses. Os indígenas os primeiros a serem violados e escravizados e depois os africanos foram capturados e escravizados, são os dois grupos das duas marcas linguísticas fortes na língua portuguesa brasileira, considerando a língua geral como língua do branco. Deve-se observar que esses grupos eram brutalmente inferiorizados e se compunham de indivíduos de vários idiomas,

por isso as marcas que deixaram, em geral, são de vocábulos ou de degenerações do léxico português, diretamente relacionados a eles.

Então implantada, a língua portuguesa não seria mais substituída por forma alguma, a cultura era suficientemente sofisticada para não se impressionar e se desfazer diante de outras que se apresentassem. Os imigrantes europeus: italianos, alemães, poloneses e espanhóis, e orientais: japoneses, chineses e coreanos, introduziram hábitos e valores culturais de sua origem, mas inevitavelmente assumiram a língua portuguesa brasileira como fórmula da comunicação. A resistência ao idioma brasileiro nesses indivíduos foi quase nula, fatores como a rejeição ao estrangeiro, a necessidade de negociar, o desejo de serem aceitos etc., suplantaram a saudade da terra natal e as manias culturais de origem.

No entanto, nos pontos onde houve concentração de grupos de estrangeiros de uma mesma origem, necessariamente características culturais deles foram implantadas, e a língua brasileira falada registrou as dificuldades que o imigrante apresentou para aprender a falá-la. Assim, no Sul do país, há características de fala originadas nos moldes linguísticos das línguas alemã e italiana. Nas regiões de alta incidência de imigrantes italianos, os fonemas vocálicos finais de palavras /e/ e /o/, que no sujeito falante das outras regiões são realizados como altos [ɪ] e [ʊ] respectivamente, são realizados como médio-altos [e] e [o]. A explicação se relaciona ao fato de, na língua italiana, os fonemas vocálicos de finais de palavras marcarem a distinção de gênero e número dos nomes, enquanto na língua portuguesa somente marcam o gênero. Desses fatos, tira-se a influência dos italianos que pronunciavam a língua portuguesa brasileira com a mesma precisão vocálica necessária na língua italiana, fixando o hábito como característica regional para todos os falantes. No século XIX e até a metade do XX, o movimento de comércio de mulas, os chamados *muladeiros* gaúchos, espalhou esse

comportamento linguístico para as vogais médias finais de palavras para os estados vizinhos, num corredor preciso que parte da região gaúcha de Caxias, passa por Santa Catarina, na região litorânea, e pelo Paraná, na região de Ponta Grossa, e chega às regiões paulistas das ferrovias sorocabana e araraquarense.

A grande incidência de italianos no interior de São Paulo, cidade de Jundiaí, por exemplo, deixou marcas na pronúncia das consoantes /t/ e /d/. Enquanto outros sujeitos-falantes da língua em São Paulo pronunciam esses fonemas como africados [tʃ] e [dʒ], esses falantes pronunciam-nos sem a africacão [t] e [d]. O fator do prestígio que a origem dessa população tem pode ser a causa da manutenção desses alofones, mesmo tanto tempo depois da interrupção do fluxo migratório. Em alguns bairros da cidade de São Paulo, os imigrantes italianos criaram outras características linguísticas, como a pronúncia alveolar do rótico /r/ vibrante múltiplo, enquanto nas proximidades é produzido como velar. Também a fala nasalizada dos paulistanos é atribuída a uma reação à presença massiva de italianos no início do século XX na cidade de São Paulo, na língua italiana não se nasaliza as tônicas antes de consoantes nasais como na língua brasileira.

No século XIX, após o fim do movimento de exploração de esmeraldas no interior de Goiás, que gerou um baque negativo na produção econômica, um movimento criado para trazer renda e produtividade trouxe grandes levas de piauienses e maranhenses tocando boiadas, para ocuparem as pastagens abundantes e baratas. Na fala dos sujeitos do Piauí e do Maranhão, ouve-se para os fonemas vocálicos médios pretônicos a pronúncia [ɔ] e [ɛ], essas são áreas em que a intervenção forasteira ainda não deformou a fala local, por isso na atualidade ainda predominam esses alofones nesses ambientes fonológicos. O fato é que no interior de Goiás, especificamente nas regiões sudeste e sul do estado, encontra-se na atualidade na fala das pessoas de todas as idades, gêneros e formações acadêmicas, a presença desses alofones [ɔ] e [ɛ] em posição pretônica e mais frequentemente a

neutralização com os alofones [O] e [E]. Esses que são os predominantes na fala dos goianos, trazidos na fala caipira dos bandeirantes.

Pesquisas recentes no norte do Mato Grosso envolvendo as comunidades de gaúchos que se mudaram para lá procurando “melhores condições de vida”, apontam para a manutenção da forma de comunicação gaúcha no interior das famílias e para a assimilação do léxico mais evidenciado e da fonética na fala de todas as pessoas da região. Essa migração ocorreu nos anos 1980 e 1990 e ainda está em fluxo. O fato registrado é a manutenção dos traços da fala gaúcha na fala geral da população. Essas pesquisas apontam que os dados inventariados pelo ALERS – Atlas linguístico etnográfico da região Sul – no Rio Grande do Sul apresentam tendência para a manutenção, sobretudo, os dados lexicais. Entre os jovens, encontra-se a maior propensão para a assimilação de outros modos de fala, tanto dos filhos de gaúchos quanto dos filhos dos mato-grossenses que convivem com eles.

Assim, a dominação cultural ocorre quando o grupo que é invadido possui uma cultura mais simples que o invasor. A tendência em todos os casos é que a resistência linguística ou a dominação ocorra em função do número de falantes. No entanto, quando a cultura existente é complexa, a língua é sofisticada, dessa forma não há conquista, porque o padrão cultural apresentado pelo invasor não exige transformações linguísticas radicais, mesmo quando seu número seja maior. A dominação cultural ocorre pela atração que uma cultura exerce sobre os membros de outra. O desejo de fazer parte de alguma coisa “maior” é típico no ser humano, por isso a busca pela inovação é contínua. Nos casos de invasão cultural, seja por possessão política, militar ou propaganda, o desejo aparece como forma de se igualar e acompanhar o mais sofisticado.

No século XIX, a chamada descoberta do sânscrito modificou culturalmente a Europa. William Jones, representante da coroa inglesa nas Índias, estudioso da linguagem, descobriu semelhanças

entre o sânscrito, idioma dos textos do hinduísmo, o grego e o latim. As traduções que fizera para o inglês de alguns desses textos, devido a solução que eles traziam para perguntas sobre a história dos europeus, fez com que o sânscrito e a cultura sofisticada que veiculava, influenciassem profundamente o comportamento dos europeus: a literatura, as artes em geral, a religião e o nascimento da Gramática Comparada. Isso nunca parou, no século XX símbolos indianos foram usados como estandartes políticos e militares ou como símbolos pessoais.

O império Romano espalhou seu idioma por toda a Europa, Ásia e África. Nas regiões onde permaneceu com domínio absoluto, o latim foi a língua corrente durante muitos séculos. No século V d.C., seu poder militar e político foi suplantado por povos vindos do Norte e do Leste. A cultura em língua latina, sofisticada pela avançada filosofia desenvolvida em Roma e assimilada dos povos Etrusco, Grego, Mesopotâmico, Egípcio, Fenício etc., sobreviveria à ruína imperial. O invasor germano não suplantou, nem pelo número, nem pela forma de ocupação, nem pela estrutura cultural que trazia, nem pela religião, a cultura existente, e a língua latina perdurou como a forma de comunicação do povo. Na península Ibérica, nem mesmo os árabes que possuíam uma ciência sofisticada, realizaram a transformação linguística, deixaram apenas contribuições lexicais.

Durante todo o processo de ocupação do território brasileiro, e ainda na atualidade, quando do contato do invasor branco com os indígenas, o processo sempre se deu pela desestruturação da cultura existente no território. As tribos autóctones possuíam culturas baseadas exclusivamente na sobrevivência e na perpetuação da população, sendo geralmente feitas de grupos pequenos. No contato com a cultura muito mais sofisticada dos brancos, desacreditavam de seus valores, sobretudo porque estavam ligados à floresta que o branco destruía, tornando-se vítimas num momento inicial e

objeto de aculturação em seguida. Mesmo em casos de registro e reprodução dessa cultura, ela não pode resistir sem o sustentáculo da língua e dos materiais tradicionais com que era moldada. Assim, se o indígena assume a língua do branco como língua, automaticamente o pensamento se sofisticava além daquilo que se poderia executar em seu idioma, e as danças, os trajes, as armas, a sobrevivência e mesmo o território são modificados na forma e como fato.

No avanço de uma cultura sobre outra, ou na entrada de uma cultura em outra, ou qual seja a forma de contato, sempre haverá, no território onde se dera o fato, uma mistura delas, uma predominante, cuja língua registrará o amálgama, e outra que desaparecerá enquanto formação independente, mas poderá ser reconhecida nos traços que implantou na variante local falada. A distribuição territorial das línguas sempre se faz pelo avanço dos grupos para além de suas fronteiras: realizando fusões, forçando o desaparecimento de grupos menores, sofisticando grupos autóctones. O desejo de fazê-lo nos seres humanos é descrito de muitas maneiras nas línguas: interesse pelo desconhecido, ganância, curiosidade, necessidade de novos recursos etc., sempre resulta numa dinâmica reconstrução de valores e numa nova forma de comunicação. Às vezes, numa língua muito diferente, ou pouco diferente, ou numa fusão, dependerá do ponto de vista e quais grupos estejam envolvidos.

4.1. O que são língua e fala?

A língua é uma atividade da mente dos indivíduos, não funciona como um produto estático e sim como um impulso dinâmico. Deve-se abstrair sua condição de designar coisas e também como mediadora da compreensão. A língua está estritamente ligada à atividade da mente, ao mesmo tempo influencia a mente e é influenciada por ela. A humanidade, nos muitos povos, isolados ou

conectados entre si, é a causa da diversidade de estrutura das línguas. A evolução intelectual de um grupo influencia o desenvolvimento de uma estrutura linguística, a qual, ao mesmo tempo, somente evolui na direção estrutural já existente na língua.

A língua nos mostra uma imensidade de fatos singulares: palavras, regras, analogias e exceções de todo tipo. Ao se tentar entender essa massa de dados e comparar com a mente humana, causaria muita perplexidade, já que essa massa, pela independência da organização que já se impôs à mente, se mostra como um caos que mergulha o pensamento numa imensa confusão. O pensamento não alcança o entendimento de toda a estrutura da língua, ficando sempre imerso no enorme amontoado de acontecimentos realizados através dela pela mente individual de cada sujeito-falante.

A comparação entre os diversos falares de uma língua pode ser uma armadilha, geradora de avaliações distorcidas baseadas em preconceitos. Em todos os casos de comparação, o ideal é que se permaneça na comparação das estruturas tendo uma fórmula geral para explicar cada e todos os fenômenos, sempre uma descrição gramatical da língua que antecede e que se manifesta como variação.

Falar sobre a língua como se ela fosse uma coisa, tal como se faz nas descrições gramaticais, é uma projeção, construída como uma abstração científica. Evidentemente, ela não pode ser um ser racional, já que é desprovida de existência corpórea. Tem sua existência no indivíduo, no modo como foi incorporada por ele, assim, por meio dela ele sente e pensa. Não é possível que o indivíduo conceba todo o alcance da língua, ou seja, a totalidade indivisível de seus impulsos, somente consegue perceber obras prontas. Assim, ele somente pode concebê-la na homogeneidade de seus efeitos, como um conceito geral imobilizado, ou seja, como um texto.

As línguas devem ser qualificadas como trabalho do pensamento. Deve-se compreender a ideia de que é o pensamento que faz a

existência das coisas, sem o pensamento do indivíduo nada existe. Essa é a maneira correta de se expressar em relação à língua também, porque sem a língua nada existe, porque ela faz o pensamento ter a energia impulsionadora. Pensamento e língua somente podem ser concebidos como atividades bilaterais, ou seja, formam uma mesma atividade. A língua forma o pensamento como ela é e ele se reproduz nela na forma como ele é. De fato ela é o impulso completamente individual, em virtude do qual existe na sociedade uma construção de ideias e de sensações. Em síntese, esse impulso por ser completo é vivificante. A língua é a materialidade da estrutura, por isso jamais poderia ser uniforme, apesar de ser uma unidade. A característica da língua é ser, na materialização, multiforme, ou seja, apresentar variedade de formas na quantidade dos falantes.

4.1.1. A língua é uma estrutura

A língua emana da força intelectual que determina os sentimentos, os pensamentos e os desejos dos seres humanos. Isso coloca o indivíduo no núcleo do conjunto que compõe a sociedade, atrelando-se a tudo o que é individual e coletivo. A atividade discursiva, porém, age sobre essa massa, determinando, entre tantas direções, qual deve ser tomada. Essa imposição nasce daquilo que já está dado e existe na língua, que seleciona tudo que lhe é apresentado: só pode ser acrescido aquilo que está de acordo com a estrutura já existente.

A língua é uma criação social, mesmo que parta de pensamentos individuais. É um aglomerado de ideias ou uma concepção de mundo, e tudo que estiver atrelado às forças humanas estará incluído nela. É um todo composto de tudo aquilo que for a história do povo e nasce do modo característico desse povo ver o mundo. Assim, todas as línguas representam o mesmo mundo observado por um ponto de vista cultural diferente.

A manifestação intelectual dos seres acontece em níveis diversos, que se resumem em dois níveis básicos: individual e coletivo. Cada manifestação forma um todo: um ser humano sozinho ou um grupo são seres com características particulares, os quais se manifestam através de uma língua. A existência do ser humano e da sociedade só pode ser comprovada e estudada através da língua manifestada em texto.

É preciso considerar que a ação do indivíduo na língua é fundamental, e isso fica mais evidente quando, por analogia, se atribui individualidade à língua, que não possui individualidade: a individualidade está em quem fala. Num ato de fala, quando dois indivíduos escutam uma palavra, jamais o pensamento de ambos vai conceber o mesmo significado: sempre haverá, mesmo que pequena, alguma diferença, e este princípio se espalha por toda a língua. Assim, a língua exerce um princípio de regularidade no indivíduo por intermédio de sua estrutura e o indivíduo oferece à língua um princípio de liberdade por intermédio de seu pensamento.

Recapitulando: a língua possui uma estrutura regular e permanente. Neste texto, interessa ver as metodologias que são associadas à gramática: fonologia, morfologia e sintaxe, que se aplicam em revelar a estrutura regular e histórica das línguas. Por outro lado, neste trabalho interessam ver também as metodologias que se aplicam ao estudo do modo como os indivíduos realizam a língua pela fala. De fato, as metodologias sempre partem da forma falada, porque é ela a forma social, com o objetivo de compreender a estrutura.

4.1.2. Forma falada

As formas fônicas exercem uma grande influência na formação das línguas e são o que compõe a forma falada delas. Por admitirem

uma grande variação em sua composição, são as principais responsáveis pela variação linguística. No interior dos indivíduos as línguas são sempre parecidas, geradas em qualquer lugar pelo mundo exterior, que só varia dentro de uma regularidade conhecida e exata. A diferenciação de uma língua para outra acontece na forma como estão dispostos na fala os sons, no qual atuam fatores que variam de povo para povo, tais como a história em geral, as possibilidades oferecidas pela natureza para a criação de sons articulados que levam a escolher um número determinado deles, a fórmula como estes sons são realizados etc.

Apesar de as línguas serem mais parecidas na estrutura do que em sua manifestação pelos sons, também se diferenciam por diversos fatores internos, ligados aos sentimentos dos indivíduos, que estão associados ao mundo que os cerca. Indivíduos e natureza, juntos, outorgam um caráter individual à sociedade. Então, tanto por razões fonéticas quanto por razões intelectuais, podem ocorrer variações na produção da língua.

A cada manifestação no plano da forma sonora corresponde uma manifestação no plano dos conceitos. Cada conceito está fixado na língua por seus traços próprios ou na relação com outros, e é a articulação que deve escolher os sons para a designação dos conceitos: abstratos, concretos, relacionais etc. Não há divisão entre conceito e sons articulados: um prevê o outro, a existência de um obriga à existência do outro, esta divisão é puramente analítica, ou seja, não existe língua sem fala nem fala sem língua.

4.2. O que são as normas?

A língua é um bem de uma sociedade nacional. Toda sociedade tem uma língua. A subdivisão linguística em um território nacional configura a existência de duas origens culturais diferentes. Como

manifestação da sociedade nacional, a língua se estabelece como parâmetro cultural para todos os cidadãos em todas as situações de comunicação. No uso que os sujeitos-falantes fazem da língua, o pensamento atualiza elementos dela em relação ao presente nacional-cultural. Desse modo, a estrutura emerge como forma falada sempre diferente e aqui e ali no espaço-tempo social, assim a língua sempre é forma diferente de tudo o que já foi. O termo que se usa em geolinguística e em sociolinguística é variação, mas se deve ter claro que a variação só acontece na forma falada da língua, na estrutura ela é invariável.

A língua, enquanto estrutura, é invariável e não apresenta distorções em seu caráter. A transformação gera uma nova língua, ou dialeto, portanto, a estrutura não permite rupturas. A língua, entretanto, enquanto manifestação da cultura de um povo, se institui como conjunto de possibilidades de materialização, por isso, em cada manifestação, em situações diferenciadas socialmente, apresenta variantes normativas em quantidade infinita.

Norma é o conjunto sistemático linguístico que entra em ação numa situação concreta de discurso-texto. Todo discurso se instala pela relação do sujeito-falante com um interlocutor. Entre ambos se estabelece uma relação grupal, feita de recursos linguístico-culturais que os individualiza como um grupo coeso e único. Assim, o ser humano, em cada uma de suas manifestações textuais diárias, faz uso de diferentes normas linguísticas.

Essa conceituação de norma estende-se por uma vasta discussão diatópica, diastrática, diafática. Cada grupo: família, local de trabalho, cidade, estado, classe social, grupo intelectual ou profissional, apresenta uma norma linguística especificamente sua. A configuração nacional desse fator é a existência de diferentes normas num mesmo espaço territorial. No Brasil, tal como exemplo, têm-se falares normativos diferenciados em cada Unidade Federativa, isso

se abstraindo a ideia de fronteira, uma vez que em cada Unidade Federativa podem ser encontradas diferenciadas formas normativas regionais e locais de fala.

O tempo se configura no mais atuante elemento de institucionalização normativa. O contato com outros ou o isolamento de um povo são as causas de modificações nos elementos da língua falada. Na perspectiva do tempo que passa são comuns classificações de variantes regionais por meio desse critério do contato cultural e linguístico. Em quase todos os casos, os autores estão muito mais orientados por critérios políticos do que linguísticos e invariavelmente atingem, com essas classificações, níveis de discriminação preconceituosa. Dessa forma é que o português do Brasil é chamado de arcaico em relação ao de Portugal. O do Nordeste Brasileiro de arcaico e conservador em relação ao do Sudeste e Sul. O de Minas Gerais é conservador em relação ao Rio de Janeiro. Esse que é considerado inovador em relação a todos os outros. Essas avaliações são antigas e geralmente são descartadas pelos geolinguistas modernos.

Diatópica: é a amostragem linguística na divisão territorial. A fórmula mais comum dessa divisão é por regiões, mas no Brasil se fala em falares estaduais e locais também. No Brasil a dimensão dos estados justifica a existência de variação linguística estadual. De qualquer forma, variação diatópica prevê a classificação da língua a partir de uma porção territorial.

Diastrática: é a amostragem por agrupamentos sociais. Pode ser por classes econômicas, mas com muita frequência é constituída pela instrução escolar, medida pelos anos que um cidadão frequentou a escola regular.

Diafásica ou **Diafática:** é a amostragem de acordo com o meio de comunicação, que gera diferentes níveis de contextualização. Os meios de comunicação mais comuns na sociedade brasileira, além da conversa direta entre as pessoas, são o telefone, o rádio, a televisão, a rede de computadores com as mídias sociais.

4.3. O que são dialetos e falares?

As línguas formam uma unidade. Essa unidade é composta pela individualidade de todos os sujeitos-falantes. Isso coloca a unidade da língua como uma infinidade de possibilidades que emergem diferenciadas por regiões, por microrregiões e por sujeito-falante. Essa divisão diatópica se mescla à divisão diastrática por classes intelectuais. Em todos os conjuntos possíveis formados de diatopia e diastratia deve-se aplicar a diafasia ao evento da fala, ou seja, por qual meio a comunicação entre dois sujeitos-falantes está ocorrendo. Logo, mesmo que em todos os casos seja possível se ter uma previsão da forma da norma falada, o conjunto de possibilidades é aberto ao infinito.

Pode-se aqui pensar em exemplos, já se apresentaram alguns acima do ponto de vista diatópico, mas imaginem uma conversa por telefone entre dois brasileiros um nascido e criado no Cariri - CE e o outro nascido e criado nos Pampas - RG, extremos geográficos da nação, os dois nunca viajaram para mais longe que 50 quilômetros do lugar onde nasceram. Eles vão discutir a compra e venda de mercadorias produzidas em suas localidades. Deve-se acrescentar o efeito que o nível de formação acadêmica dos dois terá na organização dessa conversa, que será fluente e será compreensível pelos dois, apesar das dificuldades fonéticas e lexicais, porque a fonologia, a morfologia e a sintaxe dos idioletos terão a mesma estrutura.

Podem-se chamar essas formas que emergem na fala de dialetos ou de falares. Devem-se inserir explicações para essa metalinguagem. Deve-se assumir um ponto de vista, o dialeto se configura como uma transformação na estrutura fonológica, morfológica e sintática da língua, quando a modificação acontece apenas na fonética se configura como um falar distinto. No Brasil, a língua falada é uma variante surgida do português implantado desde 1500 até a Independência em 1822

e somente apresenta divisões em falares, ou seja, de caráter fonético e lexical, isso verificando de lado a lado das fronteiras. Analisando profundamente, em certas regiões, em certos sujeitos-falantes, alguns traços ainda estão na latência, enquanto em outras regiões, esses mesmos traços já foram transformados para novas formas.

É preciso esclarecer, entretanto, que a língua do ponto de vista gramatical continua funcionando independentemente dos elementos que estejam na imanência. Ou seja, a língua é uma gramática para o sujeito-falante, cujas regras e elementos estão vinculados a sua memória. Do ponto de vista histórico, pode-se perceber alterações nos elementos, porém, na estrutura da língua perceber transformações implica em aplicar regras fixas, historicamente as línguas são sempre completas, e, no caso de transformações na estrutura, é preciso admitir e aceitar o nascimento de outra língua, na forma de um dialeto.

4.4. Diversidade na forma falada

Acima foi apresentado o que são variantes diatópicas, diastráticas e diafásicas. As pesquisas dialetais sempre tomam como ponto de partida as divisões geográficas, isso se iniciou com o *Atlas linguístico da França*, em 1897. Assim, as análises sempre apresentam em seus títulos um topônimo de cidade, de estado, de região, de país etc. O fato é que as divisões territoriais só podem ser estudadas como fatos sociais, essas divisões diatópicas correspondem a uma divisão no quadro social e correspondem a certo número de pessoas. Então, qualquer estudo de fundamentação filosófica, incluindo-se a linguística, a sociologia, a psicologia, a dialetologia, a sociolinguística etc., tem no agrupamento de seres humanos o espaço onde o objeto de estudo estará constituído. Por isso, os estudos dialetológicos não são de caráter somente de variação linguística diatópica, mesmo que sejam quase sempre nomeados a partir de uma divisão geopolítico-administrativa.

Então, considerando que são estudos sobre os seres humanos, incluem muitas categorias de análises sociais como gênero, idade, escolaridade, essas estão sempre presentes, e, às vezes, incluem-se outras como poder econômico, profissão etc. Todas essas categorias funcionam juntas. No geral, as análises privilegiam uma delas para ter uma síntese das ocorrências e das implicações no conjunto da estrutura linguístico-social, mas elas sempre atuam em conjunto. O contexto da pesquisa traz em todas as suas etapas a composição completa das variantes sociais e linguísticas em questão. Desde a coleta: organização do questionário, que deve conter perguntas que realcem essas categorias, e escolha dos informantes, também para que essas categorias ganhem relevância.

Os atlas linguísticos, sem dúvida nenhuma, os melhores exemplos desse tipo de pesquisa, trazem em suas estruturas de apresentação e de análise os resultados de como elas implicam na diferenciação das formas. Sempre o que importa neles é o conjunto, porém, como a maioria tem fórmulas iniciais motivadoras de caráter diatópico, trazem em seus títulos de textos publicados a diatopia onde se instalam. É assim que a dialetologia se mistura com a geografia-linguística e a sociolinguística. Em relação à geografia-linguística não há distinção, é uma questão de metodologia ou área de estudo que esses nomes privilegiam. A dialetologia é um nome voltado para a metodologia e os resultados das pesquisas, e a geografia-linguística é uma área de estudo dentro da linguística. As críticas e discussões sobre os nomes das áreas parecem estar superadas, porque esses nomes têm indicado as mesmas coisas nos congressos e nos encontros e nas capas de livros e nos títulos de artigos. Ao que parece, o nome *geolinguística* assumiu a função de indicar a área de estudo.

As variantes sociais ganham muito destaque nos estudos dialetológicos e sociolinguísticos, mas as variantes linguísticas são sempre primordiais na maioria dos estudos, principalmente, aquelas que testam variação fonética. Considerando a língua em sua estrutura,

os ambientes fonológicos, morfológicos e sintáticos geram diferentes realizações dos elementos da língua em que se pode testar como as variantes sociais modificam a forma falada. A variante escolaridade tem profunda implicação na escolha do léxico e na realização de fonemas, de palavras e de enunciados. A variante *gênero*, nos estudos primordiais da sociolinguística quantitativa de William Labov, separa homens e mulheres em grupos distintos linguisticamente, elas mais atentas ao prestígio social e eles muito mais suscetíveis às mudanças.

Estudos que levam em consideração os profissionais de uma determinada área implicam em testar como o ambiente de trabalho modifica a forma de fala em relação a outros ambientes. Nesse caso, outras variáveis como idade, que geralmente se confunde com experiência, como gênero, que geralmente um predomina em quantidade muito maior, e como formação, que implica na adoção de uma corrente teórica, provocam importantes distinções em relação às variantes linguísticas, como uso de tempos e modos verbais não usuais em outros ambientes, formulação sintática tensa ou distensa e até variação nos pronomes pessoais, como uso da primeira pessoa do plural no lugar da primeira do singular ou da terceira do singular. Também pode gerar ambientes de trabalho em que a língua é usada por sujeitos-falantes sem nenhuma preocupação com as normas, ou que favoreça o uso de termos chulos ou de incentivo à violência, por exemplo.

4.5. O que são signos?

O signo, como é chamada uma das unidades que compõe as línguas, ou a palavra como é chamada comumente, foi estudado por toda a história dos estudos da linguagem. Sempre considerado em sua formação dicotômica: uma parte feita de matéria física, som articulado, e outra parte feita da memória, o conceito. A fórmula mais antiga amplamente conhecida para descrever o modo como as palavras criam a significação na fala dos seres humanos está em

Platão, nos Diálogos: Teeteto e Crátilo. Quase todos os pensadores da linguagem em todos os tempos escreveram sobre isso, para além de Platão, a lista é enorme, mas citam-se aqui Wilhelm von Humboldt em 1836, Glotob Frege em 1892, Ferdinand de Saussure em 1916.

Para Platão, a produção da expressão contemplava a materialidade linguística e a materialidade física, cada uma num extremo do processo de pensar. Entre essas duas materialidades estaria a ideação, que é a forma da inteligência, a partir da consciência, verificada pela sabedoria. Importante observar que a forma linguística é um substituto para a natureza, portanto é preciso que exista uma realidade física sobre a qual a cognição encontra sua forma. O ser humano nasce com o recurso do corpo físico, ou seja, a inteligência, e desenvolve a ciência/consciência através da instrução que recebe da sabedoria dos mais experientes.

Em Platão, como em qualquer outra filosofia, a inteligência separa o ser humano dos outros animais. Todo ser humano, em sociedade, está exposto à sabedoria, de um sábio ou de muitos sábios, a sabedoria instrui a consciência através de ideias. As ideias são produzidas na inteligência por meio de imaginações, as quais devem ser validas para todos: sábios e aprendizes. Imaginações ideadas: coletivas e concretas assumem uma forma individual e passam a ser usada de maneira subjetiva por meio dos nomes, que são representações físicas da imaginação: a imaginação na mente individual e a reprodução dessa imaginação numa palavra como forma social.

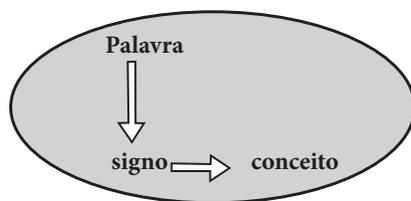
| No <i>Crátilo</i> está dito que o nome é a menor parte , porque pode ser substituído infinitamente. Está escrito também que o nome a que todos chamam uma coisa é seu nome . Então, o nome pode ser substituído, se todos reconhecem outro nome como sendo o nome da coisa, não causando qualquer perda na comunicação. | | | | | | |
|---|------------|--------|-------------|--------------|-----------|----------|
| Nome | Logos | Imagem | Consciência | Inteligência | Sabedoria | Objeto |
| Cultura | Ser humano | | | | | Natureza |
| <p><i>Logos</i> é o termo grego que teve como traduções os termos <i>conceito</i> e <i>significado</i>. A <i>inteligência</i> seria inata e dada como parte do corpo físico. A ciência e a sabedoria são desenvolvidas como parte da inteligência. A <i>imagem</i> é a ideação ou significação que se tem das coisas. Ela é formada na coletividade e regula a convenção entre os falantes. A <i>imagem</i> se manifesta nos indivíduos como um <i>conceito</i> para o <i>nome</i>. Pode-se dizer que quem faz um <i>nome</i>, para uma <i>coisa</i>, concebe-o, encontrando a <i>imagem</i> que ela tem para a coletividade. Como exemplo: na construção de algo, uma imagem mental passará pelo uso da <i>consciência</i> e da <i>sabedoria</i>, que resolverão todas as dificuldades, e a <i>coisa</i> será construída. A coisa pronta aparecerá como um conceito para o fazedor de nomes, que então a nomeará. Desse ponto em diante, só existirão o nome e a coisa, que se equivalerão sempre. A coisa será sempre a mesma, enquanto existir, mas o nome pode ser mudado, por isso o nome é a menor parte e a coisa a maior parte.</p> | | | | | | |

Para Wilhelm von Humboldt (1836), a palavra é o signo ou imagem acústica que remete a um conceito e que possui uma identidade. A imagem acústica é a representação da imagem coletiva, porque somente a imagem pode ser representada. Ela é a ideação da coisa representada na palavra. Ao reconhecer a imagem acústica, o indivíduo atribuirá um conceito, que é individual, porque é a atualização que o sujeito-falante faz a cada vez que reconhece a imagem acústica em um contexto. Para Humboldt a imagem acústica é o signo de um conceito, torna-se palavra ao ser identificada como unidade que representa algo. A identidade contextual, que se compõe de todos os elementos sociais e linguísticos envolvidos num contexto, pertence à cultura e é ativada pelos sons articulados na pronúncia.

Pode-se entender que a imagem acústica é a forma coletiva manifestada. A imagem acústica está na estrutura da língua e o signo na forma falada. Assim, o signo ativa um conceito. Nessa junção, uma identidade, atualizada a cada uso, faz a unidade no conjunto do discurso, e o signo é identificado como parte da cultura. Será único, como todos os outros elementos do conjunto do discurso. A palavra, unidade feita de sílabas, que são as unidades sonoras mínimas da língua, terá sempre essas partes: signo, conceito e uma identidade contextual.

Assim sendo, a língua se apresenta como um segundo mundo, sob a perspectiva do indivíduo, do modo como ele recebe as sensações do mundo verdadeiro, desse modo as palavras seriam os objetos individuais desse mundo, e se pode dizer que elas também são indivíduos, cuja forma também deve ser preservada. Ou seja, para que a palavra cumpra sua função

Quadro nº 23

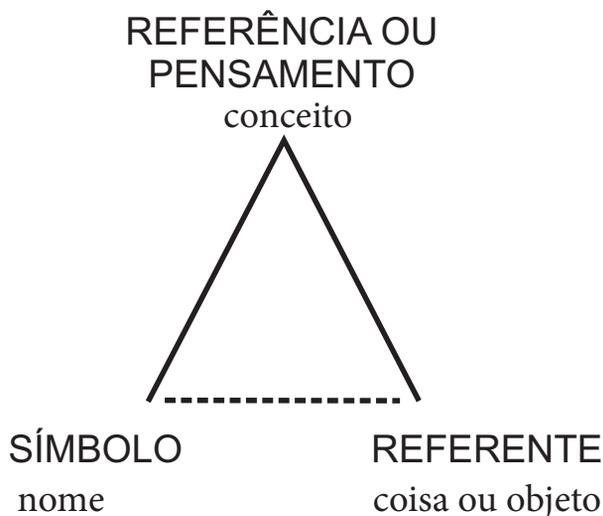


Identidade contextual

de comunicar é preciso que ela mantenha a estrutura sonora de sua forma e, também, de sentido. Isso é importante à medida que a ideia está pronta na mente, e o pensamento usará os recursos da língua por meio dos sons articulados para dar a conhecer sua ideia, nessa condição não há censura. Nesse fato, não é a fala que se compõe de palavras, mas as palavras que nascem do conjunto do texto, dizendo claramente, o sentido das formas depende do uso delas.

Para Glotob Frege (1892), uma designação por meio de um sinal, seja um nome ou um conjunto de palavras ou letras, implica na associação a esse sinal um sentido conceitual, que leva ao reconhecimento de um objeto referente. O objeto referente pode ser designado arbitrariamente por muitos sinais ou nomes, continuando a ser o mesmo objeto, mas designado por meio de sentidos diferentes. Para Frege, símbolo, sentido e referente estão sempre correlacionados e implicados, ou seja, são representações do pensamento. Um símbolo que seja um nome, remete a um sentido ou significado que faz reconhecer um estado de um objeto.

Quadro nº 24



Ferdinand de Saussure (1916) afirmou que o signo linguístico une um conceito e uma imagem acústica. A língua está composta por signos linguísticos concretos de natureza essencialmente psíquica. A imagem acústica não é material e sim psíquica. A sensação de que ela seja material deve-se à necessidade que os ouvintes têm de separá-la do conceito, que é claramente psíquico. A outra razão é que a imagem acústica tem uma origem externa ao indivíduo, na forma de uma estrutura física, que é o som articulado. Portanto, o signo linguístico é composto por dois elementos de natureza completamente psíquica: a imagem acústica e o conceito. Saussure propôs que o termo *signo* fosse empregado para designar a unidade completa: conceito *mais* imagem acústica e que o termo *conceito* fosse substituído por *significado* e *imagem acústica* por *significante*.

O significado está ligado ao significante, então, quando alguém emite um som articulado, significante, um som significante, estimula na mente receptora o reconhecimento do significado. O processo de relacionamento entre as duas partes do signo é realizado por um vínculo estabelecido socialmente que faz com que todos os sujeitos-falantes reconheçam essa relação, como se existisse uma combinação espontânea entre todos.

A relação estabelecida entre o significante e o significado é totalmente convencional, acertada entre os falantes: não há nenhum vínculo sugestivo entre os dois lados do signo. O significante é relacionado no pensamento do falante ao significado por um vínculo completamente arbitrário: não há nenhuma relação de sugestão entre a estrutura sonora e o significado. Assim, qualquer unidade significante poderia ser relacionada a qualquer significado, em nada modificando o valor do significado e nem a relação dele com a cadeia sincrônica.

Quadro nº 25



4.6. O que são morfemas?

A definição mais geral que se encontra para os morfemas aproximadamente é: *unidades mínimas significativas e recorrentes, formas livres, presas ou dependentes, que entram na composição do vocábulo formal*. Formas livres correspondem genericamente ao que certos teóricos chamam de raiz, e que na morfossintaxe é chamado de lexema, genericamente porque ao se aplicar um rigor metodológico, cada um desses termos serve a um objetivo.

Discutir noção de formas livres nas línguas flexionais causa certa estranheza, porque o sistema flexional, como o do português brasileiro, funciona justamente ao contrário da constituição de formas livres. Factualmente, as línguas flexionais não têm formas livres, porque sempre estarão integradas com outras formas ou mesmo com morfemas suprasegmentais. Na teoria linguística brasileira, formas livres são as unidades lexicais que podem constituir um enunciado completo, logo, nomes e verbos são formas livres, porque têm um radical como base.

Todas as formas são presas, mas costuma-se chamar assim as unidades que sempre estão adicionadas a um radical. São chamadas de presas ou fixas. Esses são os nomes que indicam que elas não

têm significação lexical, ou seja, ao contrário das livres, não podem constituir enunciado. São formas presas: prefixos, sufixos, vogais temáticas e desinências nominais e verbais.

O terceiro tipo são as formas dependentes. Reconhecem-se como forma dependente os signos que não estão fixados a um radical e que não formam enunciados sozinhos. Colocam-se entre as unidades lexicais da língua, relacionando-as e modificando os significados do conjunto. São formas dependentes ou morfemas dependentes: artigos, preposições, pronomes em geral e conjunções.

Como reconhecer um morfema? Na expressão, um morfema pode ter mais de uma aparência, mas todas têm o mesmo significado.

Exemplos:

| | | | |
|------------|--------|------------|---|
| Escritório | Escrit | óri | o |
| Armário | Arm | ári | o |
| Cadeira | Cad | eir | a |
| Lavadora | Lavad | our | a |

Obs.: Os morfemas *óri*, *ári*, *eir* e *our* são derivacionais sufixais que têm o mesmo significado, apesar de planos de expressão diferentes. Estão em distribuição complementar no vocabulário da língua portuguesa brasileira e são comutáveis entre si, gerando nomes e significados.

Para que uma unidade significativa seja considerada morfema da língua, ou signo mínimo, deve aparecer pelo menos duas vezes associada a diferentes radicais.

Exemplos:

| | | | |
|-------------|-----------|--------------|----------|
| Infeliz | In | feliz | |
| Incomum | In | comum | |
| Recorrer | Re | correr | |
| Recomeçar | Re | começar | |
| Comumente | Comum | mente | |
| Felizmente | feliz | mente | |
| Corredor | Corre | dor | |
| Comedor | Come | dor | |
| Física | Fis | ic | a |
| Química | Quim | ic | a |
| Linguística | Linguist | ic | a |

Obs.: Os morfemas *aditivos derivacionais prefixais in e re* e os *suffixais mente, dor e ic*, bem como o *aditivo classificatório temático nominal marca de gênero feminino a*, aparecem em muitos vocábulos. Respectivamente cada um tem a mesma aparência e o mesmo significado nos vocábulos, mesmo que não tivesse a mesma aparência, mas tivesse o mesmo significado nas várias aparições, seria o mesmo morfema.

Não se deve confundir morfema com sílaba nem com signo. A sílaba é a unidade básica de constituição do significante. Um fonema somente pode fazer parte de um significante se fizer parte de uma sílaba. Na língua brasileira o centro da sílaba é o fonema vocálico, por isso ele pode constituir sílaba sozinho, os consonânticos, por sua vez, não podem, sempre acompanham um vocálico. O signo é a unidade básica do enunciado: reconhecido por uma unidade material significante que remete a uma significação.

Exemplos: todos os signos são formados por sílabas, uma ou mais. O morfema pode ser constituído por um fonema, por uma sílaba ou por mais de uma sílaba. No signo *chinelos*, existem três sílabas (chi-ne-los) e três morfemas (chinel-o-s) e no signo *bolos* tem duas sílabas (bo-los) e três morfemas (bol-o-s).

Capítulo 5

A realidade linguística brasileira

5.1. Dois grandes grupos

Quadro nº 26



A configuração histórica da língua portuguesa brasileira, ou simplesmente língua brasileira, deve considerar como ponto inicial as línguas gerais. Deve-se pensar que ela era a língua do branco, como diziam os indígenas. Elas não eram as línguas indígenas, mas aquilo que os sujeitos falantes de língua portuguesa fizeram

pela transformação da língua indígena que serviu de base. Daqui, do longínquo século XXI, de quando se fala neste texto, é possível observar o Brasil dividido em duas regiões de falares, ambas marcadas pelo uso de certos traços da língua, diferenciados aqui e ali, sobretudo, traços fonéticos, mas também léxico-semânticos e muito mais claramente prosódicos.



Uma das duas é correspondente ao sudeste, sul e centro-oeste brasileiros, incluindo parte do estado do Tocantins, Rondônia e Acre na região Norte, como se pode ver no mapa acima. A outra inclui os estados do nordeste e do norte, mais especificamente, na região norte, o Pará, o Amapá, Roraima e o Amazonas.

Essas são as áreas que, no litoral, foram ocupadas linguisticamente nos séculos XVII e XVIII. Nos estados do centro-oeste a população aumentou continuamente por levas de diferentes origens do Brasil e em que a fala continuou com suas características básicas. No norte do Brasil, as outras regiões distantes do litoral foram ocupadas nos séculos XX, sobretudo, e receberam como características gerais de seus falares as marcas desses dois falares gerais. Assim, Rondônia e Acre podem ser incluídos no espaço linguístico diatópico que se estendeu do Mato Grosso e o Amapá e Roraima por extensão dos falares do Pará e do Amazonas. Superficialmente, sobretudo pelas características dos fonemas consonânticos de coda de sílaba e dos fonemas vocálicos médios anteriores e posteriores, que são muito susceptíveis de serem marcados foneticamente, no Brasil, têm-se duas hipoglossias, que correspondem aos territórios das línguas: geral paulista e geral brasílica.

A região sul do Brasil, devido às fronteiras com o Reino do rio Prata e, portanto, ter recebido inicialmente um contingente significativo de espanhóis, mesmo tendo falado a língua geral paulista por pelo menos um século, guardou traços prosódicos que a distingue do resto do Brasil. Deve-se fazer uma grande abstração sobre a sobreposição ao português, que fora imposto aos falantes das línguas gerais no século XVIII pelas leis do Marquês de Pombal, essas que já eram versões linguísticas em que certas características do português estavam presentes, como SVO – sujeito-verbo-objeto, das línguas dos escravos de várias origens da África, e depois das línguas do grande número de imigrantes europeus e asiáticos, principalmente no sudeste e no sul, já nos séculos XIX e XX.

Um mapa grosseiro da diatopia dialetológica do Brasil, considerando as codas de sílabas [S] e [R] e os vocálicos mediais [e, ε, o, ɔ], iria dividir o território numa linha que seguiria a fronteira entre Minas Gerais e Bahia, acompanharia a fronteira entre Goiás e Bahia e dividiria o Tocantins na altura da capital Palmas, acompanharia a fronteira entre Mato Grosso e Pará, entre Rondônia e Amazonas, e entre Acre e Amazonas. Logo, sempre se têm para o norte dessa linha os referidos fonemas de coda executados com os traços velares e aspirados [têpeʃˈtaɖʒɪ][mohˈtaw] – Atlas linguístico do Amapá, p. 87 e 183, [têpeʃˈtaɖʒɪ][axkɔˈiris] – Atlas linguístico do Ceará, p. 50 e 110, [têpeʃˈtada][vehmeʃˈãw] – Atlas Linguístico da Paraíba, p. 57 e 58. Para o sul dessa linha, sempre se têm os traços alveolares e *retroflexia aproximante* [têpesˈtaɖʒɪ][aʃkuˈiris] – Atlas Linguístico de Goiás, p. 49. Os fonemas vocálicos mediais para norte dessa linha predominantemente são produzidos como médios baixo [ε, ɔ] e dessa linha para sul como médios altos [e, o], conforme exemplos abaixo. Quadro 41:

Quadro nº 28



Quadro Nº 29: [têpeʃ'tadʒɪ][moh'taw] – Atlas linguístico do Amapá, p. 87 e 183

| | | |
|------------------------------|-----------------------------|-----------------|
| 01 – Macapá | [têpeʃ'tadʒɪ] | [têpeʃ'tadʒɪ] |
| 02 – Santana | [ʃuvemuʃtu fohʃfi] | [trevu'ade] |
| 03 – Mazagão | [têpɔ'raw] | [têpeʃ'tadʒɪ] |
| 04 – Laranjal do Jarí | [trevu'ade] | [têpeʃ'tadʒɪ] |
| 05 – Pedra Branca do Amaparí | [pejʃ'tadʒɪ] | [têpɔ'raw] |
| 06 – Porto Grande | [têpeʃ'tafidʒɪ] | [trevu'ade] |
| 07 – Tartarugalzinho | [têpejʃ'tadʒɪ] [trovo'ade] | [têpejʃ'ta'dʒɪ] |
| 08 – Amapá | [têpeʃ'tadʒɪ] | [tɔ'ɔdʒɪʃjuve] |
| 09 – Calçoene | [ʃuve] | [trevu'ade] |
| 10 – Oiapoque | [ʃuvepasa'zere] [ʃapide] | [ʃuve] |

| | | |
|------------------------------|-----------------------|-------------|
| 05 – Pedra Branca do Amaparí | [kêba'ʔote] [moh'taw] | [mohtaw] |
| 06 – Porto Grande | [kêba'ʔote] | [kêba'ʔote] |
| 07 – Tartarugalzinho | [karê'bele] | [kêba'ʔote] |
| 08 – Amapá | [moh'taw] | [karê'bele] |
| 09 – Calçoene | [moh'taw] | [moh'taw] |
| 10 – Oiapoque | [karê'bole] | [piru'ete] |

“tempestade” “tempestada” [tēp ɛ ʃ 'tada] exp. “a tempestade d’água”
[a tēp ɛ ʃ 'tada 'dagwa]

“os vermelhões” “os vermelhão” ['ujs vehmej 'āw]

“os pulmões” “os pulmão” ['ujs puh 'māw] ou ['ujs puh 'mōj]

[têpeʃ'tada][vehmej'āw] – Atlas Linguístico da Paraíba, p. 57 e 58.

Quadro nº 30: [têpeš,tadʒi][axkɔ'iris] – Atlas linguístico do Ceará, p. 50 e 110

| LÉGENDA | LEGENDA |
|--------------------------|-----------------------|
| [,šuvɑ 'gɾãdʒi] - 4 | [,aksu 'ixpɨ] - 1 |
| [,šuvɑ gẽ'dɔzɑ] - 45 | ['aku] - 28 |
| [,šuvɑs pɛ'zadɑ] - 2 | [,aku sɛ'leštɨ] - 29 |
| [,šuvɑs pɛ'zadɑs] - 13 | [,arku sɛ'leštɨ] - 17 |
| [,šuvɑs tɔgɛsi'ays] - 51 | [,arku sɛ'leštʃ] - 7 |
| [,šuvɑ tɛpɛš'taðɨ] - 34 | [,astu sɛ'leštɨ] - 28 |
| [šv'võnɑ] - 17 | ['awku] - 67 |
| [šv,võnɑ 'gɾãdʒi] - 45 | [,awku sɛ'leštʃ] - 32 |
| [tɛpɛš,tadʒi 'šuvɑ] - 50 | [,axkɨ sɛ'leštɨ] - 65 |
| [,tõbɑ 'dagwɑ] - 48 | |
| [,tɾõbɑ 'dagwɑ] - 10 | |

Quanto à região sul, ela fez parte da diatopia da língua geral paulista, mas a população europeia era muito mais de falantes de castelhano nos séculos XVI e XVII. Depois portugueses e muitos italianos do Vêneto, alemães e poloneses nos séculos XIX e XX. A pronúncia é muito característica, facilmente identificável como a dos gaúchos e a dos catarinenses, como também é a dos cearenses e a dos baianos, a dos paulistas, a dos mineiros e a dos fluminenses. Em relação aos mesmos fonemas de coda de sílaba /S/ e /R/: ['sejs] [gu'ðurɐ][gur'ðurɐ] – Atlas linguístico-etnográfico da Região Sul do Brasil - ALERS, p. 126 e 146.

Quadro nº 31: /S/ e /R/: [ˈsejs][guɾˈduru][guɾˈduru] – Atlas linguístico-etnográfico da Região Sul do Brasil - ALERS, p. 126

| PARANÁ | | | | SANTA CATARINA | | | | RIO GRANDE DO SUL | | | |
|--------|-------|----------|-------|----------------|-------|----------|-------|-------------------|-------|----------|-------|
| Ordem | Simb. | Variante | Freq. | Ordem | Simb. | Variante | Freq. | Ordem | Simb. | Variante | Freq. |
| 01 | 36 | [sejs] | 88 | 01 | 36 | [sejs] | 70 | 01 | 36 | [sejs] | 82 |
| 02 | | [sejs] | 02 | | | | | | | | |
| 03 | | [θejs] | 01 | | | | | | | | |
| 04 | | [sej] | 01 | | | | | | | | |
| 06 | 67 | [sej] | 01 | 02 | 37 | [sej] | 05 | | | | |
| 07 | | [sejs] | 01 | 03 | 33 | [sej] | 02 | | | | |
| 05 | | [sejs] | 01 | 04 | 67 | [sej] | 01 | 02 | 67 | [sej] | 01 |
| 08 | 68 | NP | 04 | | | | | 03 | 68 | NP | 12 |
| 09 | | NR | 01 | 05 | 68 | NP | 02 | | | | |

| PARANÁ | | | | SANTA CATARINA | | | | RIO GRANDE DO SUL | | | |
|--------|-------|-----------|-------|----------------|-------|-----------|-------|-------------------|-------|-----------|-------|
| Ordem | Simb. | Variante | Freq. | Ordem | Simb. | Variante | Freq. | Ordem | Simb. | Variante | Freq. |
| 01 | 32 | [gorduru] | 30 | 01 | 32 | [gorduru] | 45 | 01 | 32 | [gorduru] | 66 |
| 02 | | [gorduru] | 19 | | | | | | | | |
| 03 | | [gordura] | 04 | 02 | | [gordura] | 17 | 02 | | [gordura] | 01 |
| 04 | | [gorduru] | 01 | | | | | 03 | | [gorduru] | 01 |
| 05 | 40 | [gorduru] | 15 | 03 | | [gorduru] | 02 | 04 | | [korduru] | 01 |
| 06 | | [gorduru] | 08 | 04 | | [gordura] | 01 | 05 | | [gordura] | 01 |
| 07 | | [gorduru] | 01 | 05 | | [gordura] | 01 | 06 | | [gorturu] | 01 |
| 08 | 46 | [gurduru] | 10 | 06 | 46 | [gurduru] | 09 | 07 | | [kurturu] | 01 |
| 09 | | [gurduru] | 01 | 07 | | [gurdura] | 02 | 08 | 46 | [gurduru] | 14 |
| 10 | | [gurduru] | 01 | 08 | 40 | [gorduru] | 01 | 09 | 40 | [gorduru] | 04 |
| 11 | | [guduru] | 01 | 09 | 68 | NP | 01 | 10 | 68 | RP | 04 |
| 12 | 68 | NR | 09 | 10 | | DN | 01 | 11 | | NC | 01 |

Deve-se dizer que a língua desde o início de sua existência até o fim é sempre igual, os elementos que a compõe podem transitar da latência para imanência e vice-versa. Desse modo, nada externo pode ser acrescentado à estrutura. Deve-se dizer também que a arbitrariedade do signo coloca o sistema da língua ao abrigo de qualquer mudança. Ao acreditar nessas premissas se deve pensar numa metodologia que permita ver a circulação dos elementos entre a latência e a imanência. Ao comparar fases diferentes da língua portuguesa e da língua portuguesa do Brasil, não é incomum que se explique os elementos agora na imanência do modo como aconteceu o surgimento de elementos que já estiveram na imanência e que passaram para a latência.

Muitos autores negam que haja qualquer transformação no português por influência do tupi. Entretanto, as explicações que eles oferecem para negar a influência, jogam tais elementos da língua portuguesa na latência. Pode-se elencar nessa mesma perspectiva o fato de o sânscrito ter fonemas retroflexos em posição silábica semelhante à variante brasileira caipira e o inglês apresenta forte traço de retroflexão em seus fonemas. Isso faz pensar que esse fosse um traço do indo-europeu, a língua portuguesa tem esses traços na latência, que surgiram na língua brasileira na área de incidência da variante chamada caipira, onde se falou tupi. Como defendem outros autores, o contato externo pode gerar atualizações na forma falada da língua, apesar de não poder mudar a estrutura, isso certamente aconteceu nos territórios das línguas gerais.

5.2. Como identificar uma variante da língua brasileira?

Falares não reconhecem fronteiras, portanto, não há como dividir o uso que se faz de uma língua num território, sobretudo, quando se tem tanta mobilidade de pessoas como no Brasil. Pessoas do Nordeste que migram para o Sudeste, para o Centro-Oeste e para o Norte. Os paulistas migraram para o Centro-Oeste, cariocas para Brasília, gaúchos para o Mato Grosso do Sul e Mato Grosso, atualmente para o Oeste da Bahia e interior do Tocantins. Os critérios para reconhecer as diferenças do falar são sempre relativos à audição dos próprios sujeitos-falantes. Ao se ouvir a própria língua na voz do outro, sempre é possível saber a que distância geográfica ele cresceu. A audição se orienta pelos alofones realizados, também pela prosódia, o léxico e as expressões.

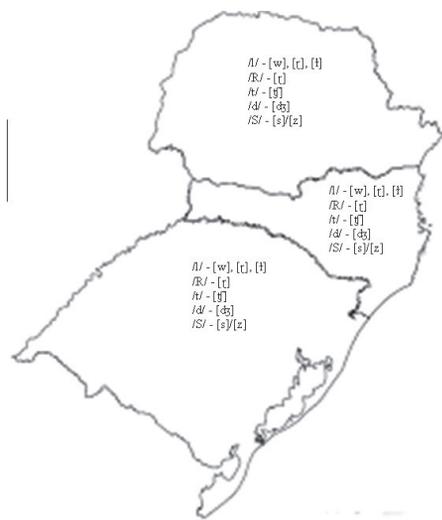
Para se fazer uma divisão do território brasileiro dialetologicamente, pode-se verificar o cânone linguístico. São os ídolos da área da geolinguística aqueles que se aventuraram no século XX em realizar tão

árdua tarefa: Amadeu Amaral, Antenor Nascentes, Mário Marroquim, Serafim da Silva Neto etc. Amadeu Amaral oferece o melhor exemplo de caracterização de uma variante, fez uma descrição fonético-fonológica e lexical profunda no chamado *dialeto caipira*, deve-se abstrair na leitura da obra certa falta de rigor científico. De Antenor Nascentes, um profissional das letras, são citados os primórdios da metodologia dialetológica brasileira, com a separação adequada entre o que seria dialeto e falar, definições que atestam que no Brasil se tem falares e não dialetos. O que fica evidenciado nesse cânone é que a forma adequada de classificação dos falares é pela descrição da forma externa da língua, ou seja, pela fonética e pela lexicografia.

A realidade da qual falou Amadeu Amaral em 1920 estava muito distante da Língua Geral Paulista. Os fatos que levam a associação aqui entre a Língua Geral Paulista e o falar Caipira da língua brasileira é a vinculação desses falares às Bandeiras paulistas. Amadeu Amaral exagerou em sua previsão de desaparecimento do falar por ele chamado de *O dialeto caipira* e acertou que surgiria uma variante substituta que herdaria seu legado. Não desapareceu pode se dizer com segurança, como se expandiu, acumulou traços da variante normativa prestigiada, tornou-se a norma da mais importante vertente da música popular brasileira, que também tem o nome de *caipira* ou *música sertaneja*, produziu personagens ícones no cinema brasileiro, os quais exploravam seus esteriótipos, como o impagável Mazzarope, e a ficção literária regional é muito variada ressaltando os traços da língua falada. Além disso, o homem caipira tem o prestígio de ser generoso, bondoso, muito forte, trabalhador e puro. Essas características atribuídas ao povo alavancam, em tempos modernos, o prestígio da norma caipira falada, sobretudo, algumas características fonéticas. Os jovens se declaram caipiras, fazendo uso de expressões linguísticas típicas e reforçando em seus discursos os traços fonéticos, lexicais e também sintáticos, sobretudo a ausência de concordâncias entre nomes e complementos e entre nomes e verbos, os mais característicos do falar.

No geral, como se disse acima, os brasileiros quando querem identificar os sujeitos-falantes de um falar da língua brasileira sempre o fazem por meio dos diversos alofones de um grupo de fonemas: as codas silábicas /S/, /R/, /l/ e os fonemas ápico-dentais /t/ e /d/. A depender do ambiente fonológico e também do sujeito-falante, os arquifonemas /S/, /R/ apresentam variações muito típicas de cada região. Os alofones para /S/ podem ser [s] e [ʃ] ou [z] e [ʒ] e os alofones para /R/ podem ser [r], [r̄], [j], [h] ou [ɦ], [x] ou [χ]. Os alofones de /l/ podem ser [l], [l̄], [ɫ] e [w]. Os ápico-dentais /t/ e /d/ sofrem modificações no falar caipira, passando a serem os alofones africados [tʃ] e [dʒ] respectivamente, quanto vinculadas ao fonema vocálico /i/ = [i, ī, ɪ] e em certos sujeitos-falantes nordestinos ocorrem também quando vinculados ao fonema vocálico [o]. Nos atlas linguísticos produzidos no Brasil, é possível se ter uma visão da distribuição desses alofones para esses fonemas nas áreas onde se falou a língua geral paulista e a língua geral brasílica.

No ALERS – *Atlas linguístico-etnográfico da Região Sul do Brasil*: no vocábulo *lesma* (p.277), para o arquifonema /S/ predominou o



alofone [z], em ampla maioria das incidências, chegando perto de 100% nos três estados. No vocábulo *calção* (p. 212), para o fonema /l/ predominou o alofone [l] nos três estados, mas ocorreram [r̄] e [ʃ] em significativa quantidade. No vocábulo *gordura* (p. 146), para o arquifonema /R/ predominou o alofone [r̄] no Paraná e predominou o alofone [r] no Rio Grande do Sul e em

Santa Catarina. No vocábulo *mentira* (p. 160), para o fonema /t/ predominou o alofone [tʃ] nos três estados, também nos três estados ocorreu forte incidência do alofone [t], fato muito comum em área de imigração italiana.



No ALINGO – *Atlas linguístico de Goiás: léxico-fonético*: no vocábulo *tempestade* (p. 49), para o arquifonema /S/ predominou o alofone [s], com ampla maioria, próximo a 100 %. No vocábulo *estrela-dalva* (p. 68), para o fonema /l/ predominou o alofone [w], próximo a 100%. No vocábulo *bar* (p. 102), para

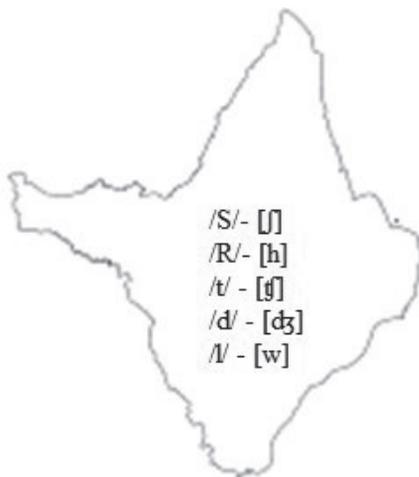
o arquifonema /R/ predominou o alofone [r], com ampla maioria, mas na fronteira com o estado da Bahia ocorreu significativamente o alofone [h]. No vocábulo *cadente* (p. 69), para o fonema /t/ predominou o alofone [tʃ]. No vocábulo *mandioca*, para o fonema /d/ predominou o alofone [dʒ], na fronteira com o estado da Bahia ocorreu significativamente o alofone [d].

| | |
|---|---|
| Pergunta 66, p. 102. Como chama o lugar onde as pessoas vão para beber? | |
| Bar ['bah] | Piranhas, Planaltina, Cristalina, São Domingos. |
| Bar ['ba] | Goiás. |
| Bar ['baʃ] | Montes Belos, Cachoeira Dourada, Caldas Novas, Formosa, Itumbiara, Jataí, Alto Paraíso, Quirinópolis, São João d'Aliança, Anápolis, Aragarças, Aruanã, Bom Jardim, Palmeiras, Campos Belos, Crixás, Jussara, Luziânia, Piranhas, Planaltina, Santa Terezinha, Uruaçu, Vianópolis, São Miguel, Jaraguá, Araguapaz, Buriti Alegre, Corumbaíba, Edeia, Nova América, Nova Glória, Paraúna, Porangatu, Rubiataba, Santa Rita, São Simão, Três Ranchos, Itaberaí, Orizona, Pires do Rio, Ipameri, Catalão, Ceres, Posse. |



Estudos fonético-fonológicos realizados em Presidente Prudente, Assis e São José do Rio Preto apontam como é a realização predominante desses fonemas no interior do estado de São Paulo. No vocábulo

padrasto e *mesmo*, todos os falantes realizaram o arquifonema /S/ respectivamente como [s] e [z]. Nos vocábulos *normal*, *bolsa* e *cafezal*, exemplos para o /l/ em coda de sílaba, todos os sujeitos-falantes realizaram nessas localidades o /l/ como o alofone [w]. Quanto ao arquifonema /R/ em coda de sílaba, para os vocábulos *amor*, *falar* e *irmão* predominou o alofone retroflexo aproximante [ɾ], e também ocorreu na coda de palavras o alofone zero. Para os fonemas /t/ e /d/ predominaram [tʃ] e [dʒ], as formas alofônicas africadas, a exemplo dos vocábulos *médico*, *amizade*, *batatinha* e *prudente*.



No *Atlas linguístico do Amapá*: no vocábulo *tempestade* (p. 87), para o arquifonema /S/ predominou o alofone [ʃ], para o fonema /d/ predominou o alofone [dʒ]. Predominou o alofone [dʒ] para o vocábulo *mandioca* também. No vocábulo *mortal* (p. 183), para o arquifonema /R/ predominou o alofone [h]. No mesmo vocábulo, para o fonema /l/ predominou o alofone [w]. No vocábulo *baguete* (p. 205), para o

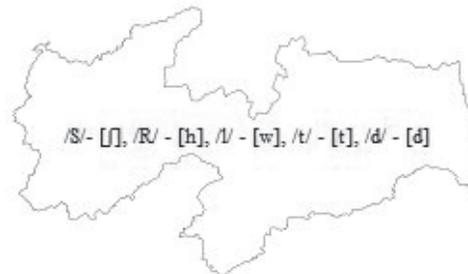
fonema /t/ predominou o alofone [tʃ].



No *Atlas linguístico do Ceará*: no vocábulo *tempestade* (p. 19 e 22), para o arqui fonema /S/ predominou o alofone [ʃ]. Nesse mesmo vocábulo, para o fonema /d/ prevaleceu o alofone [[dʒ], mas ocorreu, sobretudo no interior, o alofone [d] significativamente. Nos vocábulos *temporal* (p. 44), *torrencial* (p. 54) e *salgada* (p. 65), para o fonema /l/, ocorreu sempre o alofone [w]. No vocábulo *ar-*

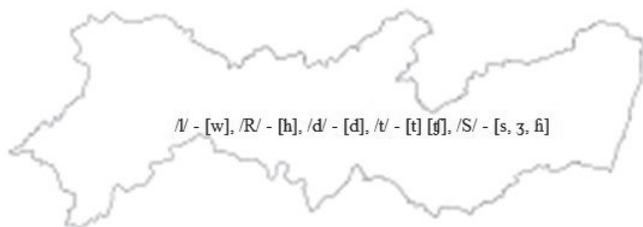
co-íris (p. 106), para o arqui fonema /R/ predominou o alofone glotal [h], grafado [g]. No vocábulo *antes de ontem*, para os fonemas /t/ e /d/ predominaram respectivamente [tʃ] e [dʒ], grafados [tʃ] e [dʒ].

No *Atlas linguístico da Paraíba*: para os vocábulos *alta*, *maldade*, *mal* e *salto* (p. 48), ocorreu o alofone [w] predominantemente. No vocábulo *maldade* e no vocábulo *mindinho* (p. 58), para o fonema /d/ ocorreu predominantemente o alofone [d]. Nos vocábulos *esta*, *bastar*, *lascar*, *casca* (p. 48), ocorreu sempre o alofone [ʃ]. Nos vocábulos *vermelhão* e *importantes* (p. 58), para o arqui fonema /R/ somente ocorreu o alofone [h], que também ocorreu para o arqui fonema /S/ nos artigos, exemplos *os miolos*, *as bochechas* e *as nuvens* [uh miòlu],

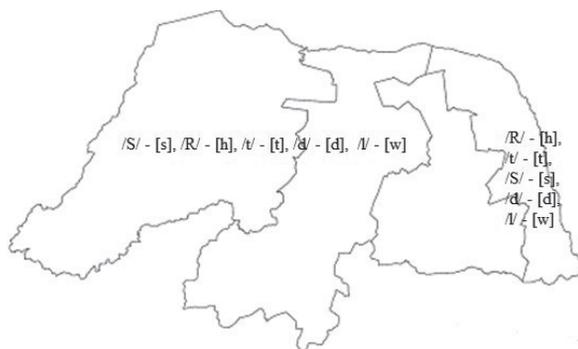


[‘ah bu’feʃa] e [ah ‘nuvi] (p. 58). No vocábulo *norte* (p. 58), para o fonema /t/, somente ocorreu o alofone [t] - [‘nõhti].

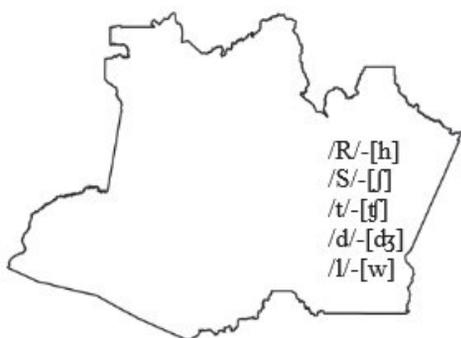
ALIFE – Atlas linguístico do Pernambuco: no vocábulo pólvora (p. 210), para o fonema /l/, predominou o alofone [w]. No vocábulo *gordura* (p. 215) e no vocábulo *borboleta* (p. 223), predominou o alofone [h] para o arquifonema /R/. Nos vocábulos *liquidificador* (p. 216) e *tarde* (p. 227), predominou o alofone [d] para o fonema /d/. No vocábulo *elefante* (p. 225), para o fonema /t/, predominou o alofone [t], mas o alofone [ʃ] teve incidência significativa espalhada pelo estado. O vocábulo *muito* (p. 230), para o fonema /t/, teve significativa ocorrência de [ʃ]. No vocábulo *mesma* (p. 252), para o arquifonema /S/, ocorreram em números equilibrados os alofones [z, ʒ e fi]. Em *esquerdo* (p. 253) prevaleceu o alofone [s].



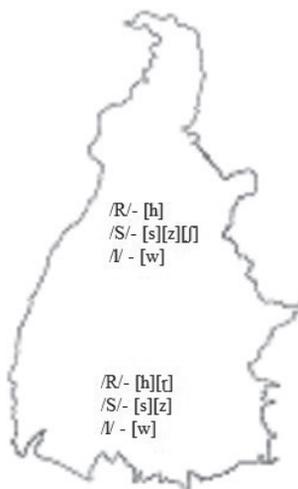
Atlas linguístico do centro-oeste potiguar: em todos os vocábulos, a exemplo do item lexical torneira (p. 150), para o arquifonema /R/, predominou o alofone [h]. Para o arquifonema /S/, em todos os vocábulos, a exemplo do vocábulo *fósforo*, o alofone predominante é [s]. Para o fonema /t/, o alofone predominante é [t], como em *tomate* e *inocente* (p. 183). Para o fonema /d/, o alofone predominante é [d], em *advogado* (p. 182). No vocábulo *anel* (p. 194), para o fonema /l/, predominou o alofone [w]. No *Atlas geolinguístico do litoral potiguar*, fatos semelhantes ocorreram: “Os fonemas oclusivos alveolares /t/ e /d/ concretizam-se, categoricamente, como [t] e [d] em qualquer contexto” (p. 71) (...) “A vibrante /R/ no contexto pós-vocálico, mantém-se o predomínio da fricativa glotal, embora se observem raros casos de vibrante alveolar” (p. 71).



Atlas dos falares do baixo Amazonas – AFBAM: nos vocábulos *órfão* (p. 146) e *perfume* (p. 163), para o arquifonema /R/ ocorreu o alofone [h] em 100% das incidências. No vocábulo *tomate* (p. 147), para o fonema /t/, ocorreu o alofone [tʃ] em 100% das incidências. Nos vocábulos *estragada* (p. 156) e *pescoço* (p. 158), para o arquifonema /S/, ocorreu o alofone [ʃ] em 100% das incidências. No vocábulo *perdido* (p. 164), para o fonema /d/, ocorreu o alofone [dʒ] em 100% das incidências. No vocábulo *temporal* (p. 197), para o fonema /l/, ocorreu o alofone [w] em 100 % das incidências.



Atlas linguístico do Tocantins – ALiTTETO, esse atlas apresenta boa delimitação na amostragem. Nos vocábulos *torneira* (p. 312), *gordura* (p.



313) predominou [h] para o arquifonema /R/. Em fervendo [p. 314], também ocorreu mais [h], porém no sul do estado ocorreu um número maior de [r]. Em borboleta (p. 315), os dados são semelhantes, maior incidência de [h], com significativa incidência de [r] no sul do estado. Esse arquifonema, quando em final de palavra, como nos infinitivos verbais, são fortemente apocopados. Isso é comum em quase todos os idioletos brasileiros, que parece estar vinculado ao enfraquecimento do morfema aditivo derivacional marca de infinitivo. Quanto ao arquifonema /S/, genericamente o predomínio absoluto dos alofones alveolares [s] e [z]. Em alguns vocábulos ocorrem os alofones palatais [ʃ] e [ʒ] num pequeno número de incidências no norte do estado. A descrição que esse atlas oferece do Tocantins em relação às codas o coloca na hipoglossia caipira-sertaneja, fato previsível já que o estado do Tocantins foi criado de uma divisão recente do estado de Goiás, que apresenta essas características.

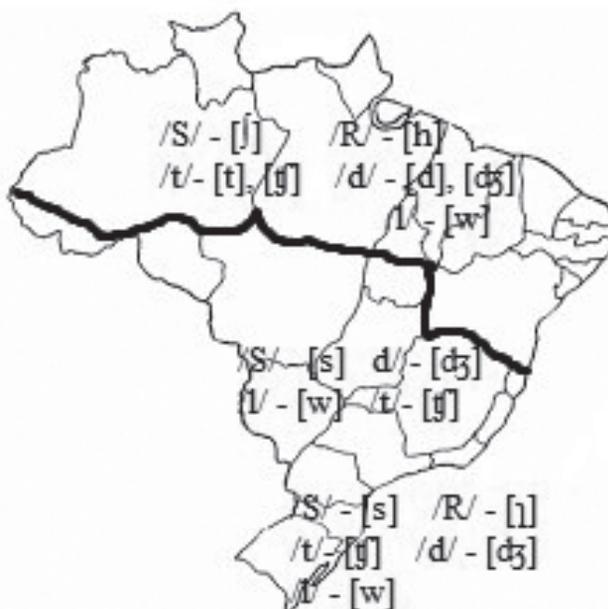
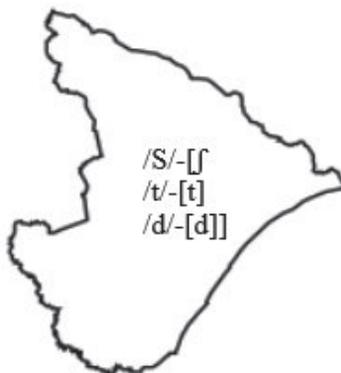
No Maranhão, estudos feitos na cidade de Balsas, nos fonemas de coda silábica predominaram as realizações palatais [ʃ] para o arquifonema /S/ e [h] gloto velarizado para o arquifonema /R/, mas ocorreu significativa realização alveolar [s]. Exemplos costume [kuʃˈtumu], esperança [iʃpeˈrãsə], descanço [dʒisˈkãso], conversa [kũˈvɛhsə], completar [kũplɛˈtah], resistência [hɛziˈtêsv], vertença [vɛhˈtêsv],



hospital [ɔspɪˈtaw], desposaria [dɛspɔˈzariɐ]. Quando às apico-dentais /t/ e /d/, as realizações no encontro com o /i/ e seus alofones, predominou [tʃ] e [dʒ], a exemplos: descanço [dʒisˈkãso], atendida [ɛʃiˈdʒidɐ], ofendida [ɔfiˈdʒidɐ], legítimo [liˈzitiʃimo], seguinte

[sɪ'gĩʃi].

No *Atlas Linguístico de Sergipe* publicado em 1987, destacam-se os itens lexicais *topado* [tɔ'padɔ] (p. 52), *dente queiro* ['dẽti,kerɔ] (p. 55), *menstruação* [mẽʃtrua'sãũ] (p. 87), *madrasta* [ma'draʃta] (p. 108), *pasto* ['paʃtu] (p. 142). O arquifonema /S/ foi realizado predominantemente como /ʃ/. Os fonemas dentais /t/ e /d/ diante de /i/ predominantemente são realizados como áptico-dentais. Quanto ao arquifonema /R/, a transcrição não deixa clara a realização nas codas silábicas.



Outro ponto sensível às transformações são os fonemas

vocálicos médios que se caracterizam de maneira singular nos falares do Norte-Nordeste e nos falares Sudeste-Sul-Centro-Oeste. Na transformação do latim para o português, passando pelo latim vulgar e pelo galego-português, houve significativa alteração metafônica no sistema vocálico. O latim tinha cinco vogais que se expandiam em (cinco) longas e (cinco) breves, todas podendo ser marcadas pela nasalidade. Desses fonemas vocálicos do latim, restaram no português as cinco longas, sem a distinção de duração, que podem ser nasalizadas também. Das cinco breves, restaram os médios-baixos /ɛ/ e /ɔ/. O português brasileiro herdou do português colonial doze fonemas vocálicos, sete orais e cinco nasalizados.

A ortografia das línguas neolatinas e de todas as línguas que usam o alfabeto latino espelha essa realidade nos cinco desenhos para representar os fonemas vocálicos, em todas elas são encontradas dificuldades para a representação das transformações que ocorreram entre a ortografia do latim e da neolatina. Geralmente as soluções encontradas passam pela colocação de diacríticos ou pela justaposição de dois ou três desenhos desses cinco para representar um fonema intermediário entre eles. O português do Brasil tem dificuldade na representação das quatro médias, que são representadas na ortografia por dois desenhos. A solução encontrada é colocar diacríticos nas tônicas quando elas geram dúvidas na pronúncia entre um e outro desses fonemas, isso para a ortografia, porque na fala elas apresentam grande variação entre os sujeitos-falantes.

No *Atlas linguístico do Amapá* (2017), os fonemas vocálicos médios pretônicos /e/, /ɛ/, /o/ e /ɔ/ são executados em geral metade para cada um desses pares em muitos itens lexicais. Em *correnteza* [kɔhẽ'tezṽ] e *remanso* [he'mãso] (p.79) ocorreu [ɔ] e [e], já em *correnteza* [kohẽ'tezṽ] (p. 83) ocorreu [o], em *tempestade* [tẽpeʃtadzɪ] ou [tẽpeʃtadzɪ] (p. 87) ocorreram [e] e [ɛ] metade e metade. O mesmo aconteceu em *sereno* [se'rẽno] ou [se'rẽno] (p. 91) e já em *neblina*

[ne'blinɐ] ou [nɛ'blinɐ] (p. 93) ocorreu mais [e]. Em *anoitecendo* [anojɛ'sɛ̃dɔ] ou [anojɛ'sɛ̃dɔ] (p. 95) também num percentual equilibrado. Em *aleijado* [alɛ'zadɔ] ou [alɛ'zadɔ] (p. 115 e 149) ocorreu predominantemente [e]. A amostra dos fonemas vocálicos médios posteriores no Atlas do Amapá é pequena, pouco conclusiva, por sua vez, a amostra dos médios anteriores demonstra uma maior incidência de [e], mas a incidência de [ɛ] foi significativa.

No *Atlas dos falares do baixo Amazonas*, para o item lexical *tomate* ocorreu predominantemente [o] [to'matʃi] e pouca incidência de [ɔ] [tɔ'matʃi] (carta 5), para *peneira* e *pescoço* somente ocorreu [e] [pe'nerɐ] (carta 9) [peʃ'kosɔ] (carta 16), para *elefante* ocorreram mais [ɛ] [ɛlɛ'fãʃi] e ocorreram significativamente [e] [ele'fãʃi] (carta 18), incidências semelhantes com o vocábulo *presente* (carta 19), para *melancia* ocorreu [ɛ] predominantemente para a primeira sílaba [melã'siɐ] (carta 20), para *perfume* ocorreu um equilíbrio entre [e] e [ɛ] [peh'fumi] [peh'fumi], ocorrências semelhantes para o item *perdido* [peh'dʒidɔ] e [peh'dʒidɔ] (carta 22) e para o item *inocente* [ino'sɛ̃ʃi] e [ino'sɛ̃ʃi] (carta 52), para *colheita* [ko'letɐ] somente ocorreu [o] (carta 31), para *afogar* predominou [ɔ] [ɛfɔ'gah] (carta 44). São muitos os exemplos nesse atlas para os médios pretônicos, todos compravam um uso equilibrado entre esses alofones, em alguns vocábulos somente ocorre um ou outro, mas na maioria dos vocábulos ocorrem os dois alofones em proporções quase iguais.

Os fonemas vocálicos médios pretônicos no *Atlas linguístico do Ceará* (2010), volume 2, aparecem predominantemente como [ɛ] e [ɔ], são poucas as incidências de [e] e [o] em poucos vocábulos. Pode-se ver isso nos itens lexicais *tempestade* [têpeš'tad] (p. 19, 22, 27, 43), *temporal* [têpɔ'raw] (p. 25, 26), *geral* [žɛ'raw] (p. 26), *sereno* e *neblina* [sɛ'rɛnu] e [nɛ'blina] (p. 30, 31) e também *neblinando* [nebli'n^ãdu] e *serenando* [sɛrɛ'n^ãdu] (p. 39, 40), *pesada* [pe'zادا] (p. 43, 44), *relâmpago* [gɛ'l^ãpadu] (p. 57, 58, 59, 60), *poluída* [pɔlu'ida]

(p. 63, 66), *nojenta* [nɔ'zɛ̃ta] (p. 69), *ribanceira* [gɛb^ã'sera] (p. 85) e *corrente* [kɔ'gɛ̃tɪ] (p. 85), *orvalho* [ɔr'vaʎu] - [ɔ'vaʎu] - [ɔrv'vay] - [ɔg'vaʎu] - [ɔrv'vaʎu] (p. 88 e 89, 93), *anteontem* [,õte'õtɪ] (p. 129) [^ãte'õtɛ̃^ỹ] (p. 143).

No *Atlas linguístico da Paraíba* (1984), os médios pretônicos [ɛ] e [ɔ] ocorreram muito mais que as [e] e [o]. São poucos os exemplos de que se pode tirar: *tempestade* [tɛ̃pɛʃtada] (p. 57), *importante* [ĩpɔh'tãti] (p. 58). Aponta-se nesse atlas para a forte neutralização entre esses pares de fonemas na realização pretônica: *educar* [ɛdu'kah] e [Edu'kah], *televisão* [televi'zãw] e [tElEvi'sãw] (p. 46), *corcunda* [kɔh'kũda] (p. 47).

“muitas figuras importantes” “muitas figura importante”
['mũjtas fi'gu ! a ĩp ɔ h 'tãti]

“muitas figuras importantes” “muitas figura importante”
['mũjtas fi'gu ! a ĩp ɔ h 'tãti]

Resultado da neutralização fonológica dos fonemas / e / e / ɛ / em posição inicial átona e média átona e tônica:

| Fonemas/Realizações | | Arquifonema/Realizações | |
|---------------------|---------|-------------------------|-------------------|
| /eI/ | = / e / | [e] | [e] [edu'kah] |
| /ɛ II/ | = / ɛ / | [ɛ] | [ɛ] [ɛdu'kah] |

Posição inicial átona

elite /E'litI/ [ɛ'litɪ]

Posição medial átona

televisão /tElEvi'zãw/ [tɛlɛvi'zãw]

No *Atlas linguístico do litoral potiguar*, o fonema vocálico médio anterior pode ser realizado como [ɛ], [e] e [i] a depender do vocábulo

e ambiente fonológico. No *Atlas linguístico do centro-oeste potiguar*, *televisão* [tɛlɛvi'zãw] 84% e [tɛlɛvi'zãw] 16% (carta fonética nº 2), *torneira* [tofi'nera] (carta nº 7) para todos os registros, *peneira* [pe'nera] (carta nº 12) para todos os registros, *ferendo* [fɛfi'vêdu] (carta nº 15) maior incidência de [ɛ] para as diversas pronúncias desse vocábulo, *cebola* [se'bola] (carta nº 17) maior parte das incidências, com zero ocorrência de [ɛ], *tomate* [to'mati] a maior parte das incidências e [to'mati] uma parte significativa entre todas as realizações para esse vocábulo (carta nº 18), *borboleta* [bɔ̃ɦbu'leta] para a maioria e as outras ocorrências foram [bɔ̃ɦbɔ'leta] (carta nº 24), *remanso* [he'mãsu] [e] para a maioria e [ɛ] para uma parte significativa das ocorrências (carta nº 27), *correio* [ko'heju] [e] para todas as ocorrências (carta nº 38), *advogado* [adɛvɔ'gadu] [ɔ] para todas as ocorrências, nenhuma ocorrência de [o] (carta nº 39), *inocente* [ino'sêti] e [ino'sêti] as incidências de [o] e [ɔ] são semelhantes para esse item lexical (carta nº 40), *perfume* [pɛh'fumi] todas as ocorrências foram de [ɛ] (carta nº 52). Os atlas linguísticos do Rio Grande do Norte revelam uma maior ocorrência dos alofones [e] e [o] em posição pretônica e também que em muitos vocábulos ocorrem somente os alofones [ɛ] e [ɔ].

No *Atlas linguístico do Pernambuco*, predominam os alofones [ɛ] e [ɔ], com significativa incidência [e] e [o] para as pretônicas. No item lexical *borboleta* [bɔ̃ɦ] (carta nº 20) predominando o alofone [ɔ], em *inocente* predominou [ino'sêti], grande incidência de [ino'sêti] e um pouco menos de [ino'sêti], em *perfume* todas as incidências foram do alofone [ɛ] – [pɛh'fumi] (carta 42). Os exemplos com esses fonemas nesse atlas são poucos, são somente esses, mas é possível perceber o predomínio dos alofones médios baixos para as pretônicas.

Estudos feitos no Maranhão, na região de Balsas, mostraram o predomínio dos médios-baixos [ɛ] e [ɔ] ou alçamento [ɪ] e [ʊ] para os fonemas pretônicos. Pouquíssimos casos de médios-altos [e] e [o]. Exemplos *esperança* [ɪʃpɛ'rãsv], *conversa* [kũ'vehsv], *completar*

[kũple'tah], resistência [he-ziʃ'tēsə], vertença [vɛh'tēsə], hospital [ɔspi'taw], desposaria [dɛspɔ'zarɐ], feijão [fe'zẽw], catedral [kɛtrɛ'daw], atendida [ɐʃi'dʒidɐ], ofendida [ɔfi'dʒidɐ], legítimo [li'ziʃimɔ], seguinte [si'gĩʃi], alegria [ɐli'grɪɐ], descanso [dʒis'kãsɔ], poderoso [pude'rosɔ].

Os fonemas vocálicos médios /e/ e /o/ no ALERS - *Atlas linguístico-etnográfico da região Sul do Brasil* são produzidos predominantemente como médios-altos [e] e [o] nos três

estados. No item lexical *gordura* (p. 146, 244) ocorrem [o] e [u] como pretônicos [gor'durɐ] e [gur'durɐ]. Em *dezesete*, na posição pretônica sempre aparece [e], muito raramente [a], [deze'seti] (p. 196). Em *advogado*, quase sempre ocorre [o] na pretônica e algumas vezes [u], em todos os casos o vocábulo está modificado por suarabacti [ɐdevo'gado] (p. 208). Em *fervendo*, somente ocorreu [e] como pretônica [fer'vedo] (p. 210, 250). Em *revolver*, predominou em quase todas as ocorrências o [e] [re'vɔwvɐ] (p. 216, 234, 254). Em *folhinha*, somente ocorreu [o] como pretônica [fo'ʎinjɐ] (p. 228).

Estudos sobre as características fonético-fonológicas na cidade de Rio Preto, Presidente Prudente e Assis demonstraram que, na região oeste do estado de São Paulo, para os pretônicos médios, predominam amplamente [e] e [o]. Essas características podem ser estendidas para todo o estado de São Paulo e o Rio de Janeiro, de onde surgiram as características fonético-fonológicas das regiões

Município de Balsas em destaque



Sudeste, Sul e Centro-Oeste.

No *Atlas linguística de Goiás* predominam [e] e [o] na posição pretônica como em toda a região Centro-Oeste do Brasil. Nos itens lexicais: *sereno* [sɛ'rɛnɔ] (p. 57), *cerrado* [sɛ'xadɔ] (p. 42), *tempestade* [tɛpɛ'stadʒɪ] (p. 49), *neblina* [nɛ'blinɐ] [nɛ'blinɐ] (p. 58) e *alejado* [alɛ'zadɔ] e *perneta* [pɛɾ'netɐ] (p. 178) os fonemas pretônicos predominantemente são produzidos como médio-alto anterior [e]. Nos itens lexicais: *floresta* [flo'rɛstɐ], *temporal* [tɛpɔ'raw] (p. 49), *orvalho* [oɾ'valvɔ] (p. 56), *alvorada* [awvɔ'radɐ] (p. 172) e *corcunda* [koɾ'kũdɐ] [kɔɾ'kũdɔ] (p. 174), os fonemas pretônicos são produzidos predominantemente como médio alto posterior [o]. Essas características se estendem por todo o léxico estudado no atlas.

No *Atlas linguístico do Tocantins*, observa-se um maior número de [e] para as pretônicas em relação ao [ɛ] e de [o] em relação ao [ɔ]. Em *prateleira* ocorreu predominantemente [e], nenhum [ɛ] e alguns alçamentos [i] (p. 258). Em *televisão*, ocorreu um número maior de [ɛ] do que [e], porém o [ɛ] ficou mais ao norte do estado e o [e] mais ao sul (p. 259). Em *tesoura*, ocorreu um número muito maior de [e] e um pequeno número de [ɛ] (p. 260). Ocorrência semelhante com o item *peneira* (p. 262) e *cebola* (p. 264), no qual predominou amplamente [e] na sílaba pretônica. Em *fervendo*, ocorreu o oposto, com predominância absoluta de [ɛ] (p. 263). Esse atlas do Tocantins oferece muitos exemplos para o estudo das pretônicas. É uma tese de doutorado que apresenta um profundo estudo sobre as vogais médias no estado, demonstrou uma forte presença de alçamentos [i], uma característica singular dos falares do Centro-Oeste, Sudeste e Sul do Brasil.

Referências

Anchieta, José de. Arte de grammatica da língua mais falada no Brasil. Coimbra: MARIZ, 1595.

Aragão, maria do Socorro Silva de. Atlas Linguístico da Paraíba. João Pessoa: UFPB, 1983.

Argote, Dom Jeronymo Contador de. Regras da lingua portuguesa, espelho da língua latina. Lisboa: Oficina da Musica, 1725.

Aronne, Alessandra. Estudo das características fonético-fonológicas da variedade falada em São José do Rio Preto. São Paulo: inédito, 2010.

Barros, João de. Grammatica da língua portuguesa. Lisboa: Olyssippone, 1540.

Bessa, José Rogério Fontenele. Atlas Linguístico do Estado do Ceará. Fortaleza: UFC, 2010.

Brito, Roseanny Melo de. Atlas dos falares do baixo Amazonas. Manaus: Tese inédita, 2011.

Cabalan, Tudela Ana; Rodrigues, Gilmaria Maria; Santos, Orlanda Miranda. Gramática Histórica do espanhol. Montes Claros: UNIMONTES, 2010.

Casimiro, João Joaquim. Methodo gramatical resumido da língua portuguesa. Porto: Oficina Ribeiro, 1803.

Castro, Maria Célia Dias de. Descrição histórica das vogais na fala do sertanejo da região de Balsas-MA. Goiânia: inédito, 2008.

Coseriu, Eugenio. La geografia linguística. Montevideo: Universidade de Montevideo, 1956.

Cristianini, Adriana Cristina. Atlas Semântico-Lexical da Região do Grande ABC. São Paulo: tese inédita, 2007.

Figueira, Luiz. Arte de Grammatica da língua brasílica. Lisboa: Deslandes, 1687.

Koch, Walter. Atlas linguístico-etnográfico da região Sul do Brasil. Porto Alegre: UFRGS, 2011.

Lobato, Antonio José dos Reis. Arte da Gramática da língua portuguesa. Lisboa: Regia Offina Typografia, 1770.

Milani, Sebastião Elias. Atlas Linguístico de Goiás. Rio de Janeiro: Barra livros, 2015.

Milani, Sebastião Elias. Descrição fonológica da língua de Presidente Prudente e de Assis. São Paulo: OERP, 1997.

Pereira, Maria das Neves. Atlas geolinguístico do litoral potiguar. Rio de Janeiro: Inédito, 2007.

Prandi, Reginaldo. “As religiões afro-brasileiras e seus seguidores”. Porto Alegre: Civitas, v. 3, 2003.

Razky, Abdelhak. Atlas linguístico do Amapá. São Paulo: Labrador, 2017.

Rosa, Helda Núbia. Historiografia-Linguística da Gramática brasileira. Goiânia: inédita, 2011.

Rossi, Nelson. Atlas Linguístico de Sergipe. Salvador: UFBA, 1987.

Sá, Edmilson José de. Atlas Linguístico de Pernambuco. João Pessoa: tese inédita, 2013.

Silva, Greize Alves da. Atlas linguístico do Tocantins. Londrina: inédito, 2018.

Silva, Moisés Batista. Atlas linguístico do centro-oeste potiguar. Fortaleza: Inédito, 2012.



Em apoio à sustentabilidade e à preservação ambiental, a EDITORA KELPS declara que este livro foi impresso com papel produzido de florestas cultivadas em áreas degradadas e que é inteiramente reciclável.

Este livro foi impresso na oficina da
EDITORA KELPS, no papel: Off-set 75g/m²,
composto na fonte Minion Pro,
março, 2022

A revisão final desta obra é de responsabilidade do autor